



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA

GÉSSICA DE CASTRO SILVA VIANA

CIBERFEMINISMO E A (IN)VISIBILIDADE DA MULHER NEGRA YOUTUBER

NATAL - RN

2019

GÉSSICA DE CASTRO SILVA VIANA

CIBERFEMINISMO E A (IN)VISIBILIDADE DA MULHER NEGRA YOUTUBER

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos da mídia.

Linha de pesquisa: Estudos da Mídia e Práticas Sociais

Orientadora: Prof. Dra. Fernanda Ariane Silva Carrera

NATAL - RN

2019

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Viana, Gessica de Castro Silva.
Ciberfeminismo e a (in)visibilidade da mulher negra youtuber
/ Gessica de Castro Silva Viana. - Natal, 2019.
181f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia,
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Ariane Silva Carrera.

1. Cultura participativa - Dissertação. 2. Youtube -
Dissertação. 3. Ciberfeminismo - Dissertação. 4. Mulheres negras
- Dissertação. 5. Interseccionalidade - Dissertação. I. Carrera,
Fernanda Ariane Silva. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 316.77-055.2 (=414)

Elaborado por Heverton Thiago Luiz da Silva - CRB-15/710



Universidade Federal do Rio Grande do Norte
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA

ATA Nº 5

Aos 26 (vinte e seis) dias do mês de junho de 2019, às 16:30 (dezesesseis) horas e (trinta) minutos, na Sala 01-A do Departamento de Comunicação - DECOM, na UFRN, foi instalada a Comissão Examinadora responsável pela avaliação da Dissertação intitulada CIBER FEMINISMO E A (IN)VISIBILIDADE DA MULHER NEGRA YOUTUBER, trabalho final apresentado pela mestranda GESSICA DE CASTRO SILVA VIANA ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos da Mídia. A Comissão Examinadora foi presidida pela Professora Doutora FERNANDA ARIANE SILVA CARRERA (UFRN), contando ainda com a Professora Doutora DENISE CARVALHO DOS SANTOS RODRIGUES (UFRN), como examinadora interna, e a Professora Doutora LUCIANA XAVIER DE OLIVEIRA (UFABC), que participou por videoconferência, como examinadora externa à Instituição UFRN. A sessão teve a duração de 01 hora e 40 minutos e a Comissão Examinadora emitiu o seguinte parecer:

O trabalho atende aos requisitos para uma dissertação de mestrado com bom manejo conceitual- teórico, apresentando tema relevante para o contexto contemporâneo, trazendo novos olhares para a academia. O trabalho ainda merece desdobramentos futuros.

Dra. LUCIANA XAVIER DE OLIVEIRA, UFABC

Examinadora Externa à Instituição

Dra. DENISE CARVALHO DOS SANTOS RODRIGUES, UFRN

Examinadora Interna

Dra. FERNANDA ARIANE SILVA CARRERA, UFRJ

Presidente

GESSICA DE CASTRO SILVA VIANA

Mestranda

GÉSSICA DE CASTRO SILVA VIANA

CIBERFEMINISMO E A (IN)VISIBILIDADE DA MULHER NEGRA YOUTUBER

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Mídia.

Aprovado em: 26/06/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Fernanda Ariane Silva Carrera

Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia - PPgEM – UFRN

Orientadora (Presidente da banca)

Prof^ª. Dr^ª. Luciana Xavier de Oliveira

Bacharelado em Planejamento Territorial - UFABC

Membro Externo

Prof^ª. Dr^ª. Denise Carvalho dos Santos Rodrigues

Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia - PPgEM – UFRN

Membro Interno

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Geocione e Gilvan que me envolveram de amor durante toda a minha vida e me fizeram ser essa pessoinha cheia de empatia e bem chorona. Obrigada por todo o suporte, espero um dia poder retribuir pelo menos metade do que vocês fizeram por mim! Obrigada também pelo maior presente do mundo, Matheus, meu irmão, amor da minha vida. Sua existência é fundamental para que eu possa ter força e fé ao pensar no futuro.

A Leandro pelo companheirismo e afeto. Obrigada por não me deixar desistir e acreditar em mim de olhos fechados. Obrigada pela paciência e por ser meu melhor amigo.

À Larissa Sales por todo o suporte emocional e irmandade. Obrigada por não soltar a minha mão, nós “somos os sonhos mais loucos dos nossos ancestrais”.

À minha orientadora Fernanda Carrera por sua empatia e generosidade em me acolher e me orientar nesse processo. Obrigada por acreditar em mim e na minha pesquisa.

Ao professor Antonino Condorelli pelo acolhimento no meu estágio docência. Não há palavras para agradecer todo o aprendizado.

Às professoras Denise Carvalho, Luciana Xavier e Soraya Barreto que me direcionaram de forma bastante generosa no SOD e qualificação.

Ao corpo docente e técnicos administrativos do PpgEM por todo apoio.

À CAPES pela concessão da bolsa no último ano, me dando tranquilidade e suporte para o desenvolvimento dessa pesquisa.

À Jesus Moura que vem me ajudando nos últimos meses com sua tranquilidade.

Aos demais amigos e família que contribuíram com afeto e empatia durante esse percurso.

À Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Luiza Bairros, Nilma Lino Gomes, bell hooks, Kimberlé Crenshaw, Angela Davis, Patrícia Hill Collins, Neuza Santos Souza, Djamila Ribeiro, Joice Berth, Carla Akotirene e outras tantas mulheres pretas que contribuíram não apenas para o desenvolvimento da pesquisa mas são minhas inspirações diárias.

Às minhas ancestrais por toda a luta.

“(...) a gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha etc. Mas tornar-se mulher negra é uma conquista”.

Lélia Gonzalez

RESUMO

Dentro do contexto da comunicação contemporânea e da facilidade em produzir e consumir conteúdo dentro do ciberespaço é possível verificar que determinados sujeitos ainda enfrentam dificuldades em alcançar visibilidade. Esse é o caso das mulheres negras *youtubers*, que mesmo se apropriando do ambiente digital para construir uma rede de conversas e emancipação para outras mulheres, através da discussão do empoderamento (BERTH, 2018; FREIRE, 1979) e feminismo (RIBEIRO, 2017, 2018; DAVIS, 2003) ainda estão numa posição inferior quando visualizamos os dados de alcance midiático. Discutindo sob o viés interseccional (COLLINS, 2015, 2016; CRENSHAW, 2004; AKOTIRENE, 2018; CARNEIRO, 2003, 2005, 2018; GOMES, 2003; HOOKS, 2010, 2019) e do *YouTube* no contexto da cultura participativa (JENKINS, FORD E GREEN, 2014; BURGESS, GREEN, 2009, observamos os canais Afros e afins, Alexandrismos, De Pretas, Ellora Haonne, JoutJout Prazer e Rayza Nicácio e expomos através de um estudo descritivo as aproximações e distanciamentos a partir das categorias de alcance, interação e temática. Na problemática da pesquisa nos questionávamos se a diferença de visibilidade era um dos modos do racismo na contemporaneidade. Concluímos que as mulheres negras *youtubers* interagem de forma mais significativa que as *youtubers* não negras, mas esse fato não interfere na visibilidade de seus canais, pois os dados de alcance dos vídeos das *youtubers* negras são inferiores as das *youtubers* não negras. A universalização do “ser mulher” foi identificada nas falas das *youtubers* não negras, devido a isso seus alcances acabam por ser mais expressivos. Enquanto isso, mesmo que as falas das *youtubers* negras possam atingir todas as mulheres, elas são entendidas apenas a partir da questão racial e não de gênero.

Palavras-chaves: cultura participativa; youtube; ciberfeminismo; mulheres negras; interseccionalidade.

ABSTRACT

Within the context of contemporary communication and the ease of producing and consuming content within cyberspace, it is possible to verify that certain subjects still face difficulties in achieving visibility. This is the case of black women youtubers, who even appropriating the digital environment to build a network of conversations and emancipation for other women, through the discussion of empowerment (BERTH, 2018, FREIRE, 1979) and feminism (RIBEIRO, 2017, 2018 , DAVIS, 2003) are still in a lower position when we visualize the data of media coverage. Discussing under the cross-sectional bias (COLLINS, 2015, 2016, AKOTIRENE, 2018, CARNEIRO, 2003, 2005, 2018, GOMES, 2003, HOOKS, 2010, 2019) and YouTube in the context of participatory culture (BURGESS; GREEN , 2009), we observe the Afros and affines channels, Alexandrismos, De Pretas, Ellora Haonne, JoutJout Prazer and Rayza Nicácio, and we present a descriptive study of the approaches and distances from the reach, interaction and thematic categories. In the research question, we questioned whether the difference in visibility was one of the modes of racism in the contemporary world. We have concluded that black women youtubers interact more significantly than non-black youtubers, but this fact does not interfere with the visibility of your channels, since the reach data of black youtubers videos is lower than that of non-black youtubers. The universalization of the "being woman" was identified in the speeches of the non-black youtubers, due to which their reach turns out to be more expressive. Meanwhile, even though black youtubers talk can reach all women, they are understood only from the racial rather than the gender issue.

Keywords: participatory culture; youtube; cyberfeminism; black women; intersectionality.

RESUMEN

Dentro del contexto de la comunicación contemporánea y de la facilidad en producir y consumir contenido dentro del ciberespacio es posible verificar que determinados sujetos todavía enfrentan dificultades para alcanzar visibilidad. En el caso de las mujeres negras youtubers, que incluso apropiarse del ambiente digital para construir una red de conversaciones y emancipación para otras mujeres, a través de la discusión del empoderamiento (BERTH, 2018, FREIRE, 1979) y feminismo (RIBEIRO, 2017, 2018) , DAVIS, 2003) todavía están en una posición inferior cuando visualizamos los datos de alcance mediático. En el contexto de la cultura participativa (BURGESS, GREEN, 2005), en el contexto de la cultura participativa (BURGESS, GREEN, 2003, 2005, 2018; Y en el caso de que se produzca un cambio en la calidad de vida de la población. En la problemática de la investigación nos cuestionábamos si la diferencia de visibilidad era uno de los modos del racismo en la contemporaneidad. Concluimos que las mujeres negras youtubers interactúan de forma más significativa que las youtubers no negras, pero ese hecho no interfiere en la visibilidad de sus canales, pues los datos de alcance de los videos de las youtubers negras son inferiores a las de los youtubers no negras. La universalización del "ser mujer" fue identificada en las palabras de los youtubers no negras, debido a que sus alcances acaban por ser más expresivos. Mientras tanto, aunque las palabras de los youtters negros pueden alcanzar a todas las mujeres, se entienden sólo a partir de la cuestión racial y no de género.

Palabras claves: cultura participativa; youtube; ciberfeminismo; mujeres negras; interseccionalidad.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Manifesto Ciberfeminista para o século 21, VNS Matrix, 1991	77
Figura 2: Comentários – Afros e afins	107
Figura 3: Comentários – Alexandrismos	107
Figura 4: Comentários – Afros e afins	108
Figura 5: Comentários – Alexandrismos	108
Figura 6: Comentários – Afros e afins	109
Figura 7: Comentários – Alexandrismos	109
Figura 8: Comentários – Afros e afins	110
Figura 9: Comentários – Alexandrismos	110
Figura 10: Comentários – Ellora Haonne	117
Figura 11: Comentários – Ellora Haonne	118
Figura 12: Comentários – De Pretas	118
Figura 13: Comentários – De Pretas	119
Figura 14: Comentários - De Pretas	119
Figura 15: Comentários – Ellora Haonne	119
Figura 16: Comentários – JoutJout Prazer	127
Figura 17: Comentários – Rayza Nicácio	128
Figura 18: Comentários – Rayza Nicácio	128
Figura 19: Comentários – Rayza Nicácio	129
Figura 20: Comentários - Rayza Nicácio	129
Figura 21: Comentários – Rayza Nicácio	129
Figura 22: Comentários – JoutJout Prazer	130
Figura 23: Comentários – JoutJout Prazer	130

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Características atribuídas ao gênero	56
Quadro 2: Canais que discutem feminismo e empoderamento feminino.....	96
Quadro 3: <i>Youtubers</i> negras	97
Quadro 4: <i>Youtubers</i> não negras.....	97
Quadro 5: Canais selecionados.....	99
Quadro 6: Estatísticas gerais - Afros e afins x Alexandrismos	101
Quadro 7: Vídeos mais assistidos - Afros e afins x Alexandrismos.....	103
Quadro 9: Estatísticas gerais - De Pretas x Ellora Haonne.....	111
Quadro 10: Vídeos mais assistidos - De Pretas x Ellora Haonne.....	113
Quadro 11: Estatísticas gerais – JoutJout Prazer x Rayza Nicácio	121
Quadro 12: Vídeos mais assistidos por temática - JoutJout Prazer x Rayza Nicácio.....	122

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Visualizações.....	98
Gráfico 2: Inscritos	98
Gráfico 3: Total de vídeos por temática	99
Gráfico 4: Interações - Afros e afins x Alexandrismos	107
Gráfico 5: Interações – De Pretas x Ellora Haonne.....	117
Gráfico 6: Interações – JoutJout Prazer x Rayza Nicácio	126

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

EUA	Estados Unidos da América
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
OBN	Old Boys Network
ONG	Organização Não Governamental
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PT- DF	Partido dos Trabalhadores – Distrito Federal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	21
1.1 E quem eu sou?	21
1.1.1 Buscando minha identidade	22
1.1.2 Tornando-me negro	26
1.2 ENTENDENDO OS IDEAIS FEMINISTAS.....	30
1.3 REPENSANDO A INTERSECCIONALIDADE	34
1.3.1 Mulher, negra e feminista.....	35
1.3.2 Interseccionalidade como perspectiva.....	39
1.4 EMPODERAMENTO: ENTENDENDO E CONCEITUANDO	43
1.4.1 Autoaceitação e autoestima como tomada de consciência.....	46
CAPÍTULO II	52
2.1 CONTROLANDO A IMAGEM DOS CORPOS NEGROS.....	52
2.2 O PODER DO CONSUMO NA REPRESENTAÇÃO	58
2.3 FORMANDO OPINIÃO: UMA ESTRATÉGIA DE CONSUMO, REPRESENTAÇÃO E PARTICIPAÇÃO	64
CAPÍTULO III	71
3.1 MOBILIZAÇÕES SOCIAIS NO AMBIENTE DIGITAL	71
3.2 CONSTRUINDO UMA REDE FEMININA ATIVISTA	74
3.2.1 Manifesto ciborgue e o início do pensamento ciberfeminista	75
3.2.2 Compreendendo o ciberfeminismo	76
3.2.3 Implicações do ciberfeminismo no Brasil.....	79
3.3 CIBERFEMINISMO NA CULTURA PARTICIPATIVA	81
3.3.1 <i>YouTube</i> como ferramenta participativa	82
3.4 CIBERFEMINISMO NO <i>YOUTUBE</i>	85
3.5 ESTRATÉGIAS NEGRAS NO CIBERFEMINISMO.....	87

3.5.1 Invisibilidades negras no <i>YouTube</i>	91
CAPÍTULO IV	95
4.1 PROCESSOS METODOLÓGICOS.....	95
4.2 DEFINIÇÃO DA AMOSTRA.....	95
4.2.1 Análise.....	100
4.3 AFROS E AFINS X ALEXANDRISMOS	101
4.3.1 Afros e afins	102
4.3.2 Alexandrismos.....	102
4.3.3 Análise 01: Afros e afins x Alexandrismos.....	103
4.4 DE PRETAS X ELLORA HAONNE.....	111
4.4.1 De Pretas	112
4.4.2 Ellora Haonne.....	112
4.4.3 Análise 02: De Pretas x Ellora Haonne.....	113
4.5 JOUJOUT PRAZER X RAYZA NICÁCIO.....	120
4.5.1 JoutJout Prazer	121
4.5.2 Rayza Nicácio	122
4.5.3 Análise 03: JoutJout Prazer x Rayza Nicácio.....	122
4.6 RESULTADOS ALCANÇADOS	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIAS	140
APÊNDICE	151

INTRODUÇÃO

A mulher negra na comunicação contemporânea vem utilizando-se dos sites de redes sociais para construir uma rede de interação através de discussões acerca das suas subjetividades, elas alimentam um debate interseccional contribuindo para alterar a estrutura de dominação social. Através da discussão da visibilidade da mulher negra *youtuber* a presente pesquisa pretende estabelecer uma compreensão das práticas midiáticas por meio dos atuais processos de interação, como o ciberfeminismo e cultura participativa, analisando sob o viés interseccional, pois acreditamos que essa discussão se faz necessária não só para buscar respostas e soluções, mas para trazer para o centro das pesquisas as vozes das mulheres negras que por muitos anos foram silenciadas. Para adentrarmos a pesquisa é preciso entender a posição em que as mulheres negras estão inseridas na sociedade.

Segundo dados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgados em maio de 2019, a porcentagem de pessoas autodeclaradas negras aumentou 32% nos últimos sete anos. Esse resultado nos mostra que quando somados pardos (46,5%) e pretos (9,3%) as pessoas negras compõem a maior parte da população do país. Para a pesquisadora Adriana Beringuy (2019) não há um motivo específico para que esse aumento venha acontecendo, mas “o que a gente percebe é que nos últimos anos houve reforço das políticas afirmativas de cor ou raça”¹. Porém esse aumento ainda não é percebido quando constatamos a presença de poucas pessoas negras em posições de poder.

Mulheres e homens negros são colocados em posições diferentes dentro de uma sociedade patriarcal, dessa maneira eles são acometidos por posições diferentes. O mesmo acontece entre sujeitos negros heterossexuais e LGBT, o racismo não deixa de operar pela sua orientação sexual, mas parte de outro contexto. Essa relação de vantagens e desvantagens também é percebida entre os sujeitos negros a partir da tonalidade de sua pele, o que chamamos de colorismo². Um sujeito que possui como marca, sua pele negra escura –

¹ BERINGUY, Adriana. **Em sete anos, aumenta em 32% a população que se declara preta no Brasil.** Entrevista concedida ao G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/05/22/em-sete-anos-aumenta-em-32percent-a-populacao-que-se-declara-preta-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 29 maio 2019.

² “Colorismo significa, de maneira simplificada, que as discriminações dependem também do tom da pele, da pigmentação de uma pessoa. Mesmo entre pessoas negras ou afrodescendentes, há diferenças no tratamento, vivências e oportunidades, a depender do quão escura é sua pele. Cabelo crespo, formato do nariz, da boca e outras características fenotípicas também podem determinar como as pessoas negras são lidas socialmente. Pessoas mais claras, de cabelo mais liso, traços mais finos podem passar mais facilmente por pessoas brancas e

chamamos de retinto - será afetado de forma mais visível – e intensa - pelo racismo do que um sujeito negro de pele clara. A classe social também não concede uma condição de total privilégio para os indivíduos negros que por mais que estejam entre a classe média e alta serão afetados por determinadas desvantagens, devido sua raça³.

Essa discussão nos leva a compreender que os indivíduos negros são acometidos pelo racismo independente de qual posição ele esteja dentro dessa lógica de dominação. Sueli Carneiro (2005) fala que a branquitude dispensa e ignora a ascensão social desses indivíduos quando tratamos de uma ascensão coletiva, mas utiliza-se da ascensão individual como exemplo para disseminar a ideia da existência de uma democracia racial⁴.

Alguns dados mostram que a população negra se encontra em posição de vulnerabilidade em diversas esferas da sociedade. Essas pessoas são afetadas pela precariedade na educação, saúde, moradia, encarceramento e em outros espaços e posições (REPERTÓRIO BIBLIOGRÁFICO SOBRE A CONDIÇÃO DO NEGRO NO BRASIL, 2017), além de serem os sujeitos que mais sofrem violência. Segundo dados do *Atlas da Violência: 2017* “de cada 100 pessoas que sofrem homicídios no Brasil, 71 são negras” (CERQUEIRA, 2017)⁵, a mesma pesquisa revela que os sujeitos negros possuem 23,5% mais chances de serem mortos do que sujeitos de outras raças. O *Atlas da Violência: 2018* identificou que 71% das vítimas que sofrem violência da polícia também são pessoas negras.

Para Kimberlé Crenshaw a interseccionalidade é uma “ponte entre diversas instituições e eventos e entre questões de gênero e de raça nos discursos acerca dos direitos humanos” (2004, p. 8), podendo ser pensada a partir do contexto da aproximação dos

isso as tornaria mais toleradas em determinados ambientes ou situações [...]É isso. Mas não é só isso. Poder ser vista como branca, ou melhor, como não negra, me permitiu oportunidades que provavelmente eu não teria se tivesse a pele mais escura”. SANTANA, Bianca. **Quem é mulher negra no Brasil? Colorismo e o mito da democracia racial**. 2018. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/colorismo-e-o-mito-da-democracia-racial/>>. Acesso em: 20 maio 2019. “Pigmentocracia ou Colorismo, ou seja, quanto mais pigmentada a pele de uma pessoa, mais discriminada e excluída socialmente ela será”. DO NASCIMENTO SILVA, Anna Beatriz. O Impacto do Colorismo no Feminismo Negro do Brasil. **Humanidades em Perspectivas**, v. 4, n. 2, 2018. Disponível em: <<https://www.uninter.com/cadernosuninter/index.php/humanidades/article/view/749>>. Acesso em: 20 maio 2019.

³ Partiremos da perspectiva que a raça é um discurso construindo socialmente com intuito de desencadear classificações sociais. (GUIMARÃES, 2003).

⁴ O mito da democracia racial dissemina que as pessoas negras não enfrentam problemas sociais ocasionados pelo racismo, pois as oportunidades sociais são iguais para todos (FREYRE apud KERN, 2014). Esse mito foi determinante para que a discussão sobre o racismo fosse inviabilizada (BARBOSA; SILVA, 2010, 136), pois segundo Florestan Fernandes (2007) essa falsa verdade impedia que as relações raciais e o preconceito racial fossem investigados pelo ponto de vista sociológico (KERN, 2014).

⁵ CERQUEIRA, Daniel et al. (Org.). **Atlas da violência: 2017**. Rio de Janeiro: Ipea/FBSP, 2017. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/170609_atlas_da_violencia_2017.pdf>. Acesso em: 27 maio 2019.

indivíduos. Pensando no contexto das mulheres negras, por exemplo, dados revelam que elas são as maiores vítimas de feminicídio no país. No período de 2006 a 2016 os homicídios de mulheres negras foram 71% maiores do que as mulheres não negras⁶. Segundo matéria do site da Câmara Legislativa, no Seminário *Mulheres Negras Movem o Brasil: visibilidade e oportunidade*, promovido pela Câmara dos Deputados em novembro de 2018, a deputada Erika Kokay (PT-DF) afirmou que “entre 2003 e 2013, o número de mulheres negras assassinadas em função da condição de gênero cresceu 54% enquanto o índice de mulheres brancas assassinadas caiu 10% no mesmo período”⁷. No seminário também foram apresentados dados que constataam que as mulheres negras são as maiores vítimas de violência doméstica, com 58% das ligações do Disque 180 (Central de Atendimento da Mulher), além de serem as maiores vítimas de violência obstétrica (65%) e maiores afetadas pela mortalidade materna (56%).

A pesquisadora Jackeline Romio em discussão na Câmara dos deputados acerca do feminicídio no país, fala que é preciso “[...] pensar em políticas de segurança e de saúde pública que sejam específicas e direcionadas para mulheres negras e indígenas para corrigir essa tendência de queda só para mulheres brancas”⁸, ressaltando que talvez as mulheres brancas recebam uma assistência diferenciada em relação às mulheres negras e indígenas, que não são contempladas pelas campanhas de violência contra a mulher.

Esses dados analisados pelo viés interseccional expõe a posição da mulher negra nessa ligação de opressões, Crenshaw fala que “[...] quando as leis não prevêm que as vítimas da discriminação racial podem ser mulheres e que as vítimas da discriminação de gênero podem ser mulheres negras, elas acabam não surtindo o efeito desejado e as mulheres ficam desprotegidas” (CRENSHAW, 2004, p. 8). Quando entendemos a interseccionalidade como perspectiva na construção não só de narrativas, mas na produção de novos contextos sociais, estamos falando de nos debruçarmos a partir de análises das diferenças através das

⁶ Idem. **Atlas da violência: 2018**. Rio de Janeiro: Ipea/FBSP, 2018. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf>. Acesso em: 27 maio 2019.

⁷ CÂMARA. **Mulheres negras são as mais atingidas pelo feminicídio e pela criminalização do aborto**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/camارانoticias/noticias/direitos-humanos/565686-mulheres-negras-sao-as-mais-atingidas-pelo-feminicidio-e-pela-criminalizacao-do-aborto.html>>. acesso em: 27 maio 2019.

⁸ Idem. **Feminicídio cresce entre mulheres negras e indígenas e diminui entre brancas, aponta pesquisadora**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/camارانoticias/noticias/direitos-humanos/565155-feminicidio-cresce-entre-mulheres-negras-e-indigenas-e-diminui-entre-brancas,-aponta-pesquisadora.html>>. Acesso em: 27 maio 2019.

intersecções para promover não só debates, mas reivindicar por políticas que atendam a esses indivíduos.

A desigualdade ou desvantagens na realidade do sujeito negro também atravessa os contextos midiáticos. O debate a respeito da representatividade negra na mídia e de como o negro é retratado nas novelas e os lugares que ele ocupa não são uma discussão atual. No momento de citar personalidades negras que possuem visibilidade principalmente na dramaturgia, é preciso fazer um esforço para lembrar alguns nomes (ARAÚJO, 2004). A realidade encontrada nas novelas é a ausência de negros nos papéis de destaques e a presença de negros nos papéis subalternos (GOMES, 2001). Joel Zito Araújo (2000, p. 308) diz que “[...] o afrodescendente só terá oportunidade assegurada se existirem rubricas que evidenciem a necessidade de um ator negro”, para o autor essa falta de representação confronta o mito da democracia racial no Brasil. Para Silvia Ramos (2007, p. 8) os meios de comunicação possuem um papel importante na propagação dos estereótipos, silêncio e invisibilidade que acometem as pessoas negras. Para a autora os meios de comunicação realizam “um papel central na produção e manutenção do racismo” (RAMOS, 2007, p. 9), fazendo com que as representações sociais ali exibidas sejam vistas como normas perante toda sociedade. As imagens de controle e os estereótipos são perpetuados nos meios de comunicação, atravessam o imaginário social e as mulheres negras novamente são vítimas nesse espaço.

Mas a produção midiática está em constante mudança e atualmente com o advento das novas tecnologias e o aumento da facilidade no acesso da internet, por exemplo, alguns sujeitos que eram invisibilizados pela mídia tradicional buscam nesse novo ambiente uma forma de ecoar suas vozes. As mulheres negras são alguns desses sujeitos, que estão se apropriando de *blogs*, redes sociais a partir de perfis individuais e coletivos para falar sobre seus processos.

Novas formas de vivências dentro das nossas práticas sociais estão sendo construídas a partir ferramentas de interação e produção de conteúdo. Após a disseminação da utilização da internet surgiu cada vez mais a necessidade de buscar e criar informações, novas formas de conhecimento e interação entre a sociedade. Para Lévy (1999) esse local constituído através da circulação de informações é o ciberespaço.

A internet não está crescendo apenas em números de usuários, mas suas aplicabilidades crescem cada vez mais, deixando de ser apenas um espaço virtual de interação, criação de laços de amizades, mas tornando-se também um local de discussões de

assuntos historicamente importantes (SANTAELLA, 2003). Ao permitir e possuir inúmeras aplicabilidades e ferramentas, a internet também se torna um objeto de estudo cada vez mais procurado, abrangendo também as demandas sociais tais como feminismo e racismo a partir do ativismo no ciberespaço.

A quantidade de indivíduos que possuem acesso à internet no Brasil vem aumentando. Nas últimas pesquisas realizadas pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)⁹ nos mostram que a porcentagem subiu de 69,3% em 2016 para 74,9% em 2017. Segundo o IBGE o celular é o meio de acesso de 97,0% dos usuários. Uma pesquisa recente realizada pela agência *We Are Social* e a plataforma *Hootsuite* no ano de 2018 revelou que 62% da população brasileira utilizam as redes sociais e que o Brasil é o segundo colocado no *ranking* de usuários com maior permanência nas redes sociais, são mais de 9 horas diárias. Outro dado bastante importante para esta pesquisa é que o site em que os brasileiros passam mais tempo é o *YouTube*, sendo ainda a rede social mais usada no Brasil.¹⁰

O aumento desse acesso vem alterando o cenário midiático. A utilização da internet e redes sociais para criar perfis no ciberespaço com a possibilidade de produzir, consumir e disseminar conteúdos diversos para pessoas de lugares e contextos diferentes traz discussões e problemáticas que geralmente não possuíam espaço na mídia tradicional, além de utilizar o ambiente digital para articular questões específicas de suas realidades, possibilitando diálogos e incentivando a discussão a respeito de temáticas como o feminismo e empoderamento, por exemplo.

Para Castells (1999) "o uso da tecnologia interfere na transformação da sociedade, pois as pessoas moldam a tecnologia para adaptá-las a suas necessidades" e o fato de poder utilizar esses espaços como um local para discutir subjetividades de indivíduos ditos como minoria são algumas dessas transformações. A questão da representatividade e visibilidade midiática no *Youtube*, por exemplo, tem contribuído para que muitas mulheres utilizem de seus canais para expor opinião, realidade e as problemáticas as quais são afetadas, buscando atingir mais mulheres e incentivando novas formas de lutar por direitos.

⁹ IBGE. **PNAD Contínua TIC 2017: Internet chega a três em cada quatro domicílios do país.** Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>>. Acesso em: 23 maio 2019.

¹⁰ RIBEIRO, Daniel. **Dez fatos sobre o uso de Internet no Brasil em 2018.** Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/listas/2019/02/dez-fatos-sobre-o-uso-de-internet-no-brasil-em-2018.ghtml>>. Acesso em: 23 maio 2019.

No final do ano de 2017 ao verificar sites que disponibilizam o *ranking* dos maiores *youtubers* do país, observei que a maioria dos canais que estavam entre os cem mais assistidos eram produzidos por homens, em paralelo a isso observei que das poucas mulheres, nenhuma era negra. Me deparar com esse episódio me levou a passear pela plataforma de vídeos e identificar a ausência de canais produzidos por mulheres negras que tivessem números de alcance significativos. Esse fato me fez questionar se apesar do avanço tecnológico em aplicabilidades e facilidades em acesso, dentro do contexto da cultura participativa (JENKINS, FORD E GREEN, 2014; BURGESS, GREEN, 2009), de interação e disseminação de subjetividades, as mulheres negras continuam a ser afetadas por dificuldades no quesito visibilidade, seria esse fato um desdobramento do racismo na comunicação contemporânea?

Buscando fortalecer cada vez mais uma rede de interação entre as mulheres negras, as discussões nesses canais se caracterizam pela forma como as diferenças são abordadas e expostas. As temáticas de autoaceitação a partir da perspectiva da afirmação de uma identidade negra podem trabalhar conjuntamente, já que em muitos casos compreender-se como um sujeito negro, pode estar relacionado às questões estéticas e/ou corpóreas, nos trazendo também a questão do empoderamento feminino e sua relação com a afirmação da identidade negra.

Dessa maneira a presente pesquisa tem como objetivo geral realizar um estudo descritivo entre canais do *Youtube* de mulheres que discutem regularmente sobre feminismo e empoderamento feminino, buscando expor as diferenças de visibilidade entre *youtubers* autodeclaradas negras e não negras. Buscando compreender se dentro do contexto de cultura participativa, a partir de uma análise interseccional, se os aspectos do racismo são fatores determinantes para que essas diferenças de alcance aconteçam. Tendo como objetivos específicos a) realizar uma análise da mulher negra através da perspectiva feminista interseccional e sua implicação no empoderamento; b) discutir as representações da mulher negra na mídia através do debate do consumo e formação de opinião e c) discutir a atuação da mulher negra a partir da perspectiva ciberfeminista no contexto da cultura participativa.

O caminho para alcançar os objetivos aqui propostos foi percorrido através de quatro capítulos. No primeiro capítulo buscamos compreender como se dá formação da identidade dos sujeitos nos concentrando principalmente na identidade negra. Em seguida adentramos aos estudos feministas e discorremos sobre a necessidade do surgimento do feminismo negro

e interseccional. O estudo da interseccionalidade é colocado aqui não apenas como uma vertente do movimento feminista, mas também como prática na perspectiva de compreensão social. O conceito do empoderamento também é discutido nesse capítulo por meio do pensamento interseccional como ferramenta de tomada de consciência, fazendo-nos compreender os processos da autoaceitação e autoestima nas mulheres negras. Como aporte teórico nos debruçamos sobre as discussões de Hall (2006), Silva (2014), Woodward (2014), Sodré (2015), Munanga (1999, 2003), Beauvoir (1980), Ribeiro (2017, 2018), Davis (2016), Carneiro (2003, 2005, 2018), hooks (2015), Gonzalez (1979, 1984), Crenshaw (2004), Collins (2016), Berth (2018), Akotirene (2018), Oliveira (2008), Freire (1979) e Gomes (2003).

No segundo capítulo se deu a discussão acerca da representação da imagem da mulher negra através de imagens de controle e estereótipos. Por meio da discussão do consumo refletimos a respeito das novas representações midiáticas que aproximam os sujeitos nas novas tecnologias e finalizamos discutindo sobre como a ligação entre representação e consumo, influenciam na formação de opinião a respeito da imagem das mulheres negras. Para esse momento contamos com a contribuição dos pensamentos de Collins (2015, 2016), Araújo (2004, 2007), Canclini (1995), hooks (1995, 2019) e Bittencourt (2016).

No capítulo três nos debruçamos sobre o ativismo feito por mulheres a partir da apropriação das novas tecnologias. Refletindo sobre o ciberativismo e logo em seguida contextualizamos o surgimento do ciberfeminismo, através do Manifesto Ciborgue e do manifesto do grupo VNS Matrix (lê-se “Venus Matrix”), trouxemos também algumas implicações do movimento no Brasil. Finalizamos com a discussão da atuação da mulher negra no contexto da cultura participativa e sua apropriação do *YouTube* como ferramenta mobilizadora e articuladora de subjetividades. Recorremos às discussões propostas por Natansohn (2013), Castells (2013), Haraway (1995), Lemos (2009), Farias (2015) e Burgess e Green (2009).

No quarto e último capítulo realizamos um estudo descritivo (GIL, 2002) com abordagem quanti-qualitativa, através de uma análise comparativa entre os canais Afros e afins, Alexandrismos, De Pretas, Ellora Haonne, JoutJout Prazer e Rayza Nicácio. Os canais foram analisados a partir dos vídeos publicados no período de novembro de 2017 a novembro de 2018. Fizemos um recorte dos vídeos a partir de categorias de aproximação e os analisamos através dos aspectos de alcance, interação e temática. Esta última foi analisada sob

o viés interseccional a partir das ideias de Akotirene (2018), Collins (2015, 2016), Gomes (2003) e Carneiro (2003, 2005, 2018).

A discussão que propomos aqui é da necessidade de olharmos para as relações sociais por meio da interseccionalidade. As subjetividades das mulheres negras – as mulheres que construíram essa perspectiva – precisam ser perpetuadas no imaginário social. A compreensão de que os marcadores de diferenças podem atuar de forma severa desencadeando na invisibilidade das narrativas dessas mulheres é o nosso alerta para que os demais sujeitos que compõem juntos de nós essa sociedade, entendam que sem o olhar da mulher negra não haverá mudança.

CAPÍTULO I

1.1 E quem eu sou?

E quem eu sou? Poderíamos dizer nossos nomes, onde atuamos, de quem somos filhos, netos, de qual cidade viemos, com quem nos relacionamos, se seguimos alguma religião e outras informações a fim de identificar ou destacar aspectos importantes sobre nós. Quando pensamos nesse tipo de diálogo nos parece algo muito simples e rápido de responder, mas quando paramos para analisar a nossa identidade, muitos aspectos, às vezes nem compreendidos por nós mesmos, se tornam chaves importantes para explicar uma identidade. Os nossos costumes, língua, etnia, vivências, classe social, gênero, orientação sexual e outros marcadores de diferença, são fundamentais para que possamos construir uma identidade. Mesmo que ela esteja sempre em formação, a nossa identidade estará ligada a representação que nós temos do outro através da identificação das semelhanças.

O debate acerca do conceito de identidade vem aumentando nos últimos anos, Stuart Hall (2006, p. 7) descreve que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como unificado”, o que o autor denomina como “crise de identidade”¹¹. Os novos movimentos sociais trazem marcadores que influenciam diretamente no contexto da construção de uma identidade.

Os Estudos Culturais coloca no centro do debate a relação entre discursos e representações sociais (MARTINO, 2015), entendendo que as práticas sociais dos grupos e indivíduos inseridas em seu cotidiano “são elementos fundamentais para constituir a identidade das pessoas e das comunidades, a maneira como se cria uma imagem para si mesma e para os outros” (MARTINO, 2015, p. 49), criando um campo de tensão entre poder e representação social.

¹¹ “Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento—descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos — constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo” (HALL, 2006, p. 9).

Em consonância ao que foi dito, nesse capítulo iremos abordar o conceito de identidade e seu processo de formação, buscando compreender como a identidade da mulher negra é formada através da negação de suas características e ancestralidade. Falaremos a partir da ótica da interseccionalidade, pois é preciso compreender que as intersecções de opressões não são sobreposições de camadas (KILOMBA, 2019), mas sim, resultados de diferentes situações.

1.1.1 Buscando minha identidade

A representação é responsável por definir os lugares que os sujeitos ocupam na sociedade, no qual a identidade está relacionada a representação que fazemos de nós mesmos. (SODRÉ, 2015). Para Muniz Sodré “a identidade de alguém, de um ‘si mesmo’, é sempre dada pelo reconhecimento de um ‘outro’, ou seja, a representação que o classifica socialmente” (SODRÉ, 2015, p. 39), dessa maneira se faz necessário compreender como os marcadores das diferenças se formam e atuam para que aconteçam práticas sociais que desencadeiam em privilégios e desigualdades.

A autora Kathryn Woodward (2014, p. 10) afirma algo semelhante, pois para ela “a construção da identidade é tanto simbólica quanto social”, que embora sejam processos diferentes, é a partir da marcação simbólica, “meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais” (WOODWARD, 2014, p. 14), que podemos entender melhor essa questão de estrutura de poder dentro dessas classificações identitárias.

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença - a simbólica e a social - são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos – nós/eles (por exemplo, sérvios e croatas); eu/outro (WOODWARD, 2014, p. 40).

Quando falamos que somos de determinado local e determinada nacionalidade, além de expor uma origem, também estamos negando tudo o que não somos além de demarcar diferenças. Quando falamos que somos brasileiros, estamos negando de imediato outras

nacionalidades, por isso não podemos ser argentinos, portugueses etc (SILVA, 2014, p. 74). Para Hall essa descrição é uma metáfora, pois “as identidades não estão literalmente impressas em nossos genes” (HALL, 2006, p. 47), elas são formadas ao longo do tempo. A identidade traz junto com ela um sentido de pertencimento, o que mostra que ela é algo mutável. Para a identidade acontecer, precisa existir um “nós e eles” e para essa discussão acontecer é preciso existir diferenças, marcadores que apontem quem são “eles” e quem somos “nós” e como esses processos se deram.

A identidade não é oposta da diferença, ela precisa da diferença para se estabelecer. (WOODWARD, 2014, p. 17). Nesse sentido, um ponto importante para compreender a identidade negra é de imediato compreender como os processos formativos das identidades são construídos, expondo conceitualmente a diferença entre identidade e diferença.

A representação, compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2014, p. 18).

Quando um sujeito fala, ele fala de um determinado local e a partir de suas vivências históricas e culturais. Segundo Hall (2006, p. 23) “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Tende-se então a perceber que para “ser” é preciso “tornar-se”. A reivindicação por uma identidade reflete sobre a necessidade de entender a sua posição na sociedade além de confrontar as representações dessas a partir do contexto histórico (WOODWARD, 2014, p. 28). Quando tratamos a questão do racismo, por exemplo, podemos entender a representação de si mesmo entre os sujeitos negros, está presa a representação de sua imagem perpetuada no imaginário social.

Essa concepção de diferença é fundamental para se compreender o processo de construção cultural das identidades, tendo sido adotada por muitos dos “novos movimentos sociais” anteriormente discutidos. A diferença pode ser construída negativamente - por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como “outros” ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora: é o caso dos movimentos

sociais que buscam resgatar as identidades sexuais dos constrangimentos da norma e celebrar a diferença (afirmando, por exemplo, que “sou feliz em ser gay”) (WOODWARD, 2014, p. 50).

Stuart Hall (2006) em *A identidade cultural na pós-modernidade*, afirma que a identidade é constituída historicamente e não biologicamente, ela é formada inconscientemente a partir de processos do nosso imaginário, ela nunca está completa, sempre está em processo e/ou em formação.

As partes "femininas" do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a "identidade" e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude (HALL, 2006, p. 38).

Para construir essa perspectiva de identidade é preciso classificar e é nesse processo de classificação que as estruturas de poder se articulam, quando o “nós” se referem às pessoas brancas e o “eles” se referem às pessoas negras, por exemplo. É nesse ponto da discussão que precisamos questionar a formação da identidade. Silva (2014, p. 82) afirma que “os pronomes ‘nós’ e ‘eles’ não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder” e quando dados nos mostram que as pessoas negras compõem o maior número dentro de uma população carcerária, dentro de uma comunidade carente, quando os dados da violência nos mostram que a maioria dos jovens mortos são negros, é nesse momento e a partir dessa perspectiva que precisamos ampliar a discussão sobre como a identidade negra vem sendo formada e negada ao longo dos anos.

E ainda mais difícil unificar a identidade nacional em torno da raça. Em primeiro lugar, porque — contrariamente à crença generalizada — a raça não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica. Há diferentes tipos e variedades, mas eles estão tão largamente dispersos no interior do que chamamos de "raças" quanto entre uma "raça" e outra. A diferença genética — o último refúgio das ideologias racistas — não pode ser usada para distinguir um povo do outro. A raça é uma categoria

discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas — cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. — como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro (HALL, 2006, p. 62).

O que podemos compreender até aqui é que o conceito de identidade é complexo e mutável. O processo de constituição de uma identidade está diretamente ligado a questões subjetivas, que envolvem um processo histórico, sociopolítico e cultural. Para Stuart Hall, nós não nascemos com uma determinada identidade, elas são constituídas a partir da representação do nosso imaginário social. Estamos sempre em constante construção da nossa identidade, sempre formando nossas características com base em vivências sociopolíticas e culturais.

Para Kabengele Munanga (2003)¹², “as construções racistas, machistas, classistas e tantas outras não teriam outro embasamento material, a não ser as diferenças e as relações diferenciais entre seres e grupos humanos”. Para o autor essas diferenças ao mesmo tempo em que unem também separam esses sujeitos. Essas características ou como estamos chamando aqui, marcadores de diferenças, fazem com que repensemos a identidade negra e como ela é formada. Grada Kilomba (2016)¹³ nos fala que “a máscara não pode ser esquecida. Ela foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de 300 anos”, aqui podemos atribuir “a máscara” como a identidade dos sujeitos negros.

Dentro dessa infeliz dinâmica, o sujeito Negro torna-se não apenas o ‘Outro’ – o diferente em relação ao qual o ‘self’ da pessoa branca é medido – mas também ‘alteridade’ – a personificação de aspectos repressores do ‘self’ do sujeito branco. Em outras palavras, nós nos tornamos a representação mental daquilo com o que o sujeito branco não quer se parecer. Toni Morrison (1992) usa a expressão “dessemelhança”, para descrever a “branquitude” como uma identidade dependente, que existe através da exploração do

¹²MUNANGA, Kabengele. Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania. In: Cadernos Anped – Palestra proferida no 1º Seminário de Formação Teórico Metodológica. São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/palestra-kabengele-diversidadeetnicidade-identidade-e-cidadania.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2018

¹³ KILOMBA, Grada. Descolonizando o conhecimento: uma palestra - performance de Grada Kilomba. Tradução de Jéssica Oliveira. Disponível em: https://www.academia.edu/23391789/tradu%C3%A7%C3%A3o_para_o_portugu%C3%AAs_de_descolonizando_o_conhecimento_uma_palestra-performance_de_grada_kilomba. Acesso em: 14 ago. 2018.

Outro, uma identidade relacional construída por brancos(as), definindo eles(as) mesmos(as) como racialmente diferentes dos ‘Outros’. Isto é, a Negritude serve como forma primária de alteridade, pela qual a branquitude é construída. O ‘Outro’ não é outro per se; ele/ela torna-se tal através de um processo de absoluta negação (DE JESUS, 2016, p. 174).

Através dessa perspectiva e de como a identidade se faz importante nessas questões sociais, principalmente por pautar os lugares que os sujeitos ocupam na sociedade, Munanga (2003) diz que “a falta de reconhecimento da identidade não apenas revela o esquecimento do respeito normalmente devido. Ela pode infligir uma ferida cruel ao oprimir suas vítimas de um ódio de si paralisante”. A tomada de consciência de uma pessoa negra geralmente implica em formação de debates e reivindicações de seus direitos, fazendo com que os mecanismos de dominação identitários sejam reavaliados e questionados.

1.1.2 Tornando-me negro

A discussão do branqueamento no Brasil teve seu início no final do século XIX, promovendo debates entre os intelectuais da época, como: Gilberto Freyre, Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, Sílvio Romero e outros, que baseados em estudos da Europa ocidental acreditavam no “determinismo biológico” e que as raças não brancas eram inferiores. Esses intelectuais propunham uma identidade nacional que estava ameaçada pela mestiçagem no país. Munanga fala que esses intelectuais estavam “interessados na formulação de uma teoria do tipo étnico brasileiro, ou seja, na questão da definição do brasileiro enquanto povo e do Brasil como nação” (MUNANGA, 1999, p. 52). De acordo com o autor, Sílvio Romero questionava se a população brasileira poderia ter uma feição própria, já que sua população era composta por três raças diferentes. Para Romero e outros intelectuais, a identidade brasileira ainda estava sendo formada e mesmo com a diversidade racial, futuramente apenas as características da raça branca iriam prevalecer (MUNANGA, 1999, p. 52).

Esse pensamento também era compartilhado por outros intelectuais da época, como João Batista Lacerda, que compartilhava que “negros, índios e mestiços desapareceriam dentro de um século” (MUNANGA, 1999, p. 53). Euclides da Cunha acreditava que o Brasil não poderia possuir uma identidade, porque era “etnologicamente indefinido”, pois seu povo era desprovido de “tradições nacionais uniformes” (MUNANGA, 1999, p. 58). Toda essa

discussão promovia o branqueamento que para Abdias do Nascimento (1978, p. 69) era o genocídio da raça negra. Para o autor, o processo de branqueamento agia de modo com que algumas personalidades negras importantes, se aproximassem da estética branca, como por exemplo, Machado de Assis, que segundo Munanga retratava em seus escritos “principalmente o ambiente e pessoas de classe média, branca, onde o negro se infiltrou apenas como elemento decorativo” (MUNANGA, 1999, p. 96).

Mas por que precisamos dessa identidade? Por que precisamos nos definir como pessoas negras? O que essa ação pode ocasionar? Quando “ser branco” é dito como normal e sendo “um sujeito branco” de imediato já se possui inúmeros privilégios, definimos assim uma normalidade, uma constante a ser seguida. Aqui já podemos identificar quem é o “nós” e o “eles”. Dessa maneira podemos estabelecer marcadores que nos digam o motivo para querer reivindicar uma identidade que foi moldada em negação.

No caso do negro brasileiro, a classificação e a hierarquização racial hoje existentes, construídas na efervescência das relações sociais e no contexto da escravidão e do racismo, passaram a regular as relações entre negros e brancos como mais uma lógica desenvolvida no interior da nossa sociedade. Uma vez constituídas, são introjetadas nos indivíduos negros e brancos pela cultura. Somos educados pelo meio sociocultural a enxergar certas diferenças, as quais fazem parte de um sistema de representações construído socialmente por meio de tensões, conflitos, acordos e negociações sociais (GOMES, 2003, p. 76).

Silva fala que todo o jogo da identidade é feito entre “incluir e excluir”, no qual “dizer ‘o que somos’ significa também dizer ‘o que não somos’” (SILVA, 2014, p. 82). Dessa maneira quando paramos para analisar a identidade negra é possível enxergar diversas formas de dizer quem são os sujeitos negros, que na maioria das situações estão sendo vistos a partir de aspectos negativos, além de terem suas falas silenciadas. Muitas vezes os sujeitos negros não são vistos como cidadãos, dentro de uma sociedade dita como democrática as pessoas negras são silenciadas. Quando demarcamos a diferença entre uma pessoa negra e outra não negra, a pessoa negra sempre é o outro, o que está fora, à margem da discussão.

Os sujeitos negros são vistos como o “eles” e muitas vezes não vistos como pessoas, como cidadãos e conseqüentemente fazem parte de uma porcentagem da população que não tem suas reivindicações ouvidas. Quando se adquire uma consciência de quem se é, quando falamos dos sujeitos negros, muitas vezes automaticamente compreende-se que muitos dos obstáculos enfrentados ao longo da vida estão diretamente ligados a quem se é. Então o fato

de reivindicar uma identidade como pessoa negra está atrelado na busca pelos seus direitos como cidadão, “a identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro” (GOMES, 2005, p. 43).

Nesse caso, a identificação individual ou coletiva de uma comunidade negra está proporcionalmente correlacionada com o fato de compreender que a desigualdade racial dentro da sociedade que se vive é uma marcadora de diferença para ser visto e atuar como um cidadão. Sodré nos fala que “o preconceito racial servia para manter e legitimar a distância entre o mundo dos privilégios e direitos e o mundo de privações e deveres” (SODRÉ, 2015, p. 89), o que hoje ainda é visto na nossa sociedade.

Quanto mais rico o indivíduo ou o grupo, maior lhe parece o espaço simbólico, ou seja, seu raio de alcance em matéria de absorção de signos e fantasias. À medida que se expande esse espaço, diz Samuels, o sujeito parece eliminar o espaço do outro para a simbolização e, portanto, “pode eliminar o espaço do outro ou parece fazer isso. A desigualdade econômica abole as ansiedades de alteridade ou de ter que se relacionar com pessoas que sejam psicologicamente outras, encoraja fantasias de separação e isolamento” (SODRÉ, 2015, p. 92).

Reivindicar e afirmar sua identidade negra também está nos processos históricos, ou seja, reconfigurar ou resgatar aspectos culturais oriundos dos seus ancestrais. Nilma Lino Gomes (2003) fala que essa reafirmação da identidade diz respeito a uma consciência cultural, que além dos aspectos estéticos, religiosos, musicais, traz uma vivência marcada pela “africanidade”, para a autora “esse ‘nós’ possibilita o posicionamento de negro diante do outro e destaca aspectos relevantes da sua história e de sua ancestralidade” (GOMES, 2003, p. 79). A autora também afirma que “negros e brancos são iguais do ponto de vista genético, porém discuto que, ao longo da experiência histórica, social e cultural, a diferença entre ambos foi construída, pela cultura, como uma forma de classificação do humano” (GOMES, 2003, p. 76). Os negros no Brasil são lembrados todos os dias por serem negros ou por não serem brancos.

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou

inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (ALMEIDA, 2018, p. 25).

Dessa forma não podemos dizer que a cor da pele influencia diretamente na vida das pessoas negras e brancas, mas que na verdade o que há por trás desse processo de formação do imaginário social é o que de fato produz privilégios e desvantagens. Partindo desse ponto de vista, não podemos atribuir a discussão do racismo como algo biológico, mas de algo que foi construído em cima de um processo de dominação. Dessa forma, não devemos naturalizar o racismo e a estrutura que o compõe, mas questionar todo esse processo de formação e construção sociopolítico e cultural.

Outra problemática oriunda dessa discussão é o da generalização através da raça¹⁴. Quando em uma determinada situação algum indivíduo negro realiza algum ato de forma negativa ou positiva, há uma generalização colocando toda a comunidade negra responsável pelo tal ato. O mesmo acontece quando algum sujeito negro é responsável por alguma fala por meio da qual nega o racismo: colocam-no como representante de toda a comunidade negra, como se toda a raça fosse reduzida a atitude de apenas um indivíduo. Essa situação dificilmente acontece quando temos indivíduos brancos nesses atos, uma vez que são sempre parabenizados e pautados como indivíduos, e não como representantes de todos os sujeitos brancos da sociedade. Esses casos estão sendo expostos com cada vez mais frequência principalmente nas redes sociais.

Uma das características do racismo é a maneira pela qual ele aprisiona o outro em imagens fixas e estereotipadas, enquanto reserva para os racialmente hegemônicos o privilégio de ser representados em sua diversidade. Assim, para os publicitários, por exemplo, basta enfiar um negro no meio de uma multidão de brancos em um comercial para assegurar suposto respeito à diversidade étnica e racial e livrar-se de possíveis acusações de exclusão racial das minorias. Um negro ou japonês solitários em uma propaganda povoada de brancos representa o conjunto de duas coletividades. Afinal, negro e japonês são todos iguais, não é mesmo? Brancos, não. São individualidades, são múltiplos, complexos, e assim devem ser representados (CARNEIRO, 2011, p. 30).

¹⁴ “[...] característica biológica, em que a identidade racial será atribuída por algum traço físico, como a cor da pele; [...] característica étnico-racial, em que a identidade será associada à origem geográfica, à religião, à língua ou outros costumes, ‘a uma certa forma de existir’” (ALMEIDA, 2018, p. 24).

Gomes (2003, p. 81) nos fala que “no processo histórico e cultural brasileiro, o negro, sobretudo as mulheres negras, constroem sua corporeidade por meio de um aprendizado que incorpora um movimento tenso de rejeição/aceitação, negação/afirmação do corpo” e como o corpo é uma representação da imagem social de quem se é, além de possuir características específicas de seus ancestrais, as pessoas negras foram alimentadas a viverem dentro de um processo de negação dos elementos que os compõem, negando assim sua identidade como sujeito. Para Almeida (2018) o privilégio é um aspecto que faz o indivíduo ser branco, enquanto são desvantagens sociais – oriundas de uma história de escravidão e perpetuadas na sociedade - que fazem os sujeitos negros, “a cor da pele ou práticas culturais são apenas dispositivos materiais de classificação racial que fazem incidir o mecanismo de distribuição de privilégios e de desvantagens políticas, econômicas e afetivas” (ALMEIDA, 2018, p. 60).

Embora o racismo tenha engendrado o “segregacionismo, por outro lado sua dinâmica permitiu a construção de identidades raciais e étnicas fortes no campo dos oprimidos desses sistemas” (MUNANGA, 1999, p. 115), os movimentos negros estão associados na reconstrução e afirmação de uma identidade racial e/ou cultural, servindo como “plataforma mobilizadora no caminho da conquista de sua plena cidadania” (MUNANGA, 1999, p. 122). Essa plataforma mobilizadora aqui comentada por Munanga não age somente no movimento negro, ela se enraíza entre outros movimentos que reivindicam por direitos igualitários, para buscar sua cidadania perante a sociedade. Os movimentos feministas, LGBT, trabalhistas e outros, buscam a partir da afirmação de uma identidade, exercer sua cidadania.

1.2 ENTENDENDO OS IDEAIS FEMINISTAS

Kambelé Munanga (1999, p. 13) fala que no Brasil há visivelmente dificuldades para mobilizar os membros de todos os movimentos sociais em detrimento de uma luta por poder igualitário. O autor fala que o movimento operário, por exemplo, teria que percorrer um longo caminho em busca dos seus direitos, já que tratam-se de vítimas reais da opressão vinda do capitalismo, que aflige cidadãos periféricos. O movimento LGBT, também demoraria anos para que tivesse seus direitos considerados naturais e normais “em todas as culturas e de suas respectivas religiões e visões de mundo” (MUNANGA, 1999, p. 13), e o movimento feminista teria que “lutar muito tempo ainda para tirar milhões de mulheres dos lugares e

posições a elas predestinados pelas culturas machistas de todas as sociedades humanas” (MUNANGA, 1999, p. 13).

Com o surgimento dos novos movimentos sociais, estabeleceu-se uma contestação a respeito dessas formações de identidade, totalitárias e hegemônicas. Weeks (1994, p. 12 apud WOODWARD, 2014, p. 37-38) “argumenta que os ‘novos movimentos sociais’ historicizaram a experiência, enfatizando as diferenças entre grupos marginalizados como uma alternativa à ‘universalidade’ da opressão”, e a partir dessas reivindicações que podemos ver que dentro desses sistemas de poder identitários existia uma porcentagem de sujeitos que tinham suas identidades deixadas de lado.

A filósofa francesa Simone de Beauvoir (1949) em seu livro *O segundo sexo* traz a categorização do *Outro*. Para a autora, as mulheres estariam sempre postas à subordinação e dominação masculina, que as viam como objetos, uma vez que “a mulher não é definida em si mesma, mas em relação ao homem e através do olhar do homem. Olhar esse que a confia num papel de submissão que comporta significações hierarquizadas” (RIBEIRO, 2017, p. 36). Para Beauvoir a mulher estava posta num local destituído de humanidade, pois as experiências que poderia vivenciar seria sempre fruto do seu espaço como o *Outro*.

Os judeus são “outros” para o anti-semita, os negros para os racistas norte americanos, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários. Ao fim de um estudo aprofundado das diversas figuras das sociedades primitivas, Levi Strauss pôde concluir: “A passagem do estado natural ao estado cultural define-se pela aptidão por parte do homem em pensar as relações biológicas sob a forma de sistemas de oposições: a dualidade, a alternância, a oposição e a simetria, que se apresentam sob forma definidas ou formas vagas, constituem menos fenômenos que cumpre explicar os dados fundamentais e imediatos da realidade social”. Tais fenômenos não se compreenderiam se a realidade humana fosse exclusivamente um *mitsein* baseado na solidariedade e na amizade. Esclarece-se, ao contrário, se segundo Hegel, descobre-se na própria consciência uma hostilidade fundamental em relação a qualquer outra consciência; o sujeito só se põe em se opondo; ele pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto (BEAUVOIR, 1980b, p. 11-12 apud RIBEIRO, 2017, p. 37).

Partindo da discussão do sistema de poder classificatórios que são impostos dentro da formação da identidade, as mulheres são “o outro” dos homens. Dentro de uma sociedade sexista, na qual todos os privilégios também foram moldados através do “ser homem”, as mulheres foram postas como “o diferente”. Os novos movimentos sociais trouxeram consigo

inúmeras problemáticas que precisavam ser debatidas com urgência, como o movimento feminista, que trazia uma perspectiva de gênero que antes era deixada de lado.

O movimento feminista iniciou-se no século XIX, após a Revolução Industrial no Reino Unido em 1987. As *sufrajetes* como ficaram conhecidas, reivindicavam pelo direito ao voto e por isso promoviam diversas manifestações, mas segundo Pinto (2010), o direito ao voto só veio em 1918. Segundo Ribeiro (2017), o movimento feminista no Brasil iniciou-se no século XX e teve como precursora Nísia Floresta, que reivindicava – igualmente ao movimento do Reino Unido - direito ao voto e vida pública. Em 1922, nasceu a Federação Brasileira pelo progresso Feminino, que lutava para que as mulheres pudessem trabalhar fora de casa sem autorização do marido. Esse período foi denominado como a primeira onda do feminismo.

Segundo Pinto (2010), quem liderou as *sufrajetes* no Brasil foi a bióloga Bertha Lutz Nóbrega, cientista de importância que estava estudando no exterior. Segundo a autora, a bióloga foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo progresso Feminino, que levou em 1927 um abaixo assinado ao Senado, que pedia a aprovação de um projeto de lei que daria às mulheres o direito ao voto, direito que só foi conquistado em 1932. Na busca por direitos iguais, essas mulheres reivindicavam por oportunidades de estudo e trabalho, equivalente às dos homens, contestando a submissão a qual eram postas dentro da sociedade.

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. Aponta, e isto é o que há de mais original no movimento, que existe uma outra forma de dominação – além da clássica dominação de classe –, a dominação do homem sobre a mulher – e que uma não pode ser representada pela outra, já que cada uma tem suas características próprias (PINTO, 2010, p. 16).

A segunda onda ocorreu nas décadas de 60 e 70, que além de combater a ditadura militar no Brasil, lutava contra a violência sexual, além da valorização e direito ao prazer das mulheres (RIBEIRO, 2018). Nesse período surgiram os questionamentos em relação à diferença entre sexualidade e gênero. Com duras críticas ao patriarcado e capitalismo a segunda onda confrontava o lugar social da mulher a partir da perspectiva econômica e lutava contra a imagem da mulher a partir da sua imagem como função reprodutiva.

Foi nesse momento que o livro de Simone de Beauvoir, *O Segundo sexo*, virou um marco dentro do feminismo. Com a famosa frase “não nasce mulher, torna-se”, promoveu, por exemplo, a manifestação denominada como “queima de sutiãs”, liderada por Beth Friedman (BARREIRA, 2003). Essa segunda onda no Brasil se deu juntamente com o período da ditadura, “foi no ambiente do regime militar e muito limitado pelas condições que o país vivia na época, que aconteceram as primeiras manifestações feministas no Brasil na década de 1970” (PINTO, 2010, p.16).

No entanto, nessa mesma década, acadêmicas americanas negras começavam a questionar sobre quais mulheres o feminismo estava falando e por quais direitos o movimento estava lutando. Audre Lorde questionava como as mulheres lésbicas eram colocadas nesse sistema de opressão e Patrícia Hill Collins defendia a busca por uma teoria feminista que enxergasse como a ligação entre opressões diferentes se faziam práticas no cotidiano.

No Brasil, enquanto o movimento feminista se organizava para o reconhecimento do que era ser mulher, existia uma compreensão que questões como fome, miséria e desigualdade social estavam estreitamente ligadas a movimentos específicos, “principalmente na luta de mulheres e negros, questões ligadas à condição de classe estiveram fortemente presentes na conformação e especificidade das demandas” (BARREIRA, 2003, p. 136), problemática que também estava sendo discutida pela norte-americana Ângela Davis, que trouxe a discussão da relação de opressão entre gênero, raça e classe.

Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a classe é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras (DAVIS, 1997, p. 8).

Djamila Ribeiro lembra que além dessas questões, a terceira onda veio para propor “a desconstrução das teorias feministas e das representações que pensam a categoria de gênero de modo binário, ou seja, masculino/feminino” (RIBEIRO, 2018, p. 46).

As feministas desta última geração problematizaram as teorias essencialistas ou totalizantes das categorias fixas e estáveis do gênero presentes nas gerações anteriores, nas quais “gênero” era definido a partir do sexo enquanto categoria natural, binária e hierárquica, como se existisse uma essência naturalmente masculina ou feminina inscrita na subjetividade. A expressão “totalizante” foi usada para descrever a ideia até então vigente de

que havia uma essência, uma única forma estável e homogênea de ser mulher ou de ser homem. Enquanto “sexo” descrevia os aspectos biológicos, “gênero” compreendia a construção cultural que ocorria sobre as diferenças entre homens e mulheres, com base nas diferenças biológicas (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 650).

A terceira onda veio com Kimberlé Creenshaw expandindo a discussão da interseccionalidade e com Judith Butler na década de 1990, contestando a maneira excludente em que o feminismo atuava sem levar em consideração marcadores importantes para se debater gênero.

1.3 REPENSANDO A INTERSECCIONALIDADE

Isabella Baumfree nasceu escrava nos Estados Unidos em 1797, e em 1843 mudou seu nome para Sojourner Truth (Peregrina da verdade). Se tornou abolicionista, escritora e ativista dos direitos da mulher e devido às suas atuações participou da Convenção dos Direitos da Mulher, em Ohio, 1851.

Bem, minha gente, quando existe tamanha algazarra é que alguma coisa deve estar fora de ordem. Penso que espremidos entre os negros do sul e as mulheres do norte, todos eles falando sobre direitos, os homens brancos, muito em breve, ficarão em apuros. Mas em torno de que é toda essa falação? Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessarem um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para o meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher? E daí eles falam sobre aquela coisa que tem na cabeça, como é mesmo que chamam? (uma pessoa da plateia murmura: “intelecto”). É isto aí, meu bem. O que é que isto tem a ver com os direitos das mulheres ou os direitos dos negros? Se minha caneca não está cheia nem pela metade e se sua caneca está quase toda cheia, não seria mesquinho de sua parte não completar minha medida? Então aquele homenzinho vestido de preto diz que as mulheres não podem ter tantos direitos quanto os homens porque Cristo não era mulher! Mas de onde é que vem seu Cristo? De onde foi que Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com Ele. Se a primeira mulher que Deus criou foi suficientemente forte para, sozinha, virar o mundo de cabeça para baixo, então todas as mulheres, juntas, conseguirão mudar a situação e pôr

novamente o mundo de cabeça para cima! E agora elas estão pedindo para fazer isto. É melhor que os homens não se metam. Obrigada por me ouvir e agora a velha Sojourner não tem muito mais coisas para dizer.¹⁵

O discurso proferido por Sojourner Truth nos faz entender que as mulheres negras há muito tempo estão reivindicando pelo direito de serem consideradas como cidadãs. Djamila Ribeiro (2017, p. 19-35) fala que “de modo geral, diz-se que a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem. É como se ela se pusesse se opondo, fosse o outro do homem, aquela que não é homem”. A autora Simone de Beauvoir afirma que a mulher era o outro do homem, a partir da identidade e do modo binário de gênero entre as relações de poder, e Grada Kilomba (apud RIBEIRO, 2017, p. 38) acrescenta então que se a mulher era o “outro” do homem, a mulher negra era então o “outro do outro”, pois além de se submeter a processos opressores que desencadeavam em inúmeras desigualdades devido a sua identidade como mulher, as mulheres negras eram acometidas também pela opressão da raça.

Enquanto as mulheres brancas com suas vozes dentro do feminismo lutavam contra um determinado tipo de hegemonia, não compreendiam que não falavam por todas as mulheres. Essa foi uma das grandes questões e problemáticas do feminismo: a universalização do ser mulher. Enquanto as mulheres brancas lutavam para conquistar direitos iguais aos dos homens, as mulheres negras lutavam para serem consideradas como pessoas.

1.3.1 Mulher, negra e feminista

A autora americana Ângela Davis afirma que é “[...] importante para os feminismos desvencilharem-se da noção de que há uma qualidade universal que podemos chamar de *mulher*” (DAVIS; DENT, 2003, p. 527), elas possuem questões específicas que não são atendidas apenas nas discussões de gêneros. Para Christofolletti e Watzko (2009, p. 99) “[...] em face dessa dupla desvalorização, as mulheres negras são a fatia mais marginalizada da sociedade”, para os autores, esse fato não era coincidência, mas proveniente de uma série de práticas discriminatórias. Para Carneiro (2003), a categorização da universalização do “ser mulher” reduzia todas as mulheres às mesmas demandas, como se não houvesse nenhuma diferença que pudesse restringir um direito de uma ou outra.

¹⁵ GELEDÉS. **Sojourner Truth**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/sojourner-truth/>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. São suficientemente conhecidas as condições históricas nas Américas que construíram a relação de coisificação dos negros em geral e das mulheres negras em particular. Sabemos, também, que em todo esse contexto de conquista e dominação, a apropriação social das mulheres do grupo derrotado é um dos momentos emblemáticos de afirmação de superioridade do vencedor. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação (CARNEIRO, 2003, p. 49).

A estudiosa bell hooks (2015) fala que as mulheres que participavam do feminismo ou não compreendiam a inter-relação entre opressões ou se recusavam a entender e por isso não podiam falar por todos os grupos de mulheres. Era preciso compreender que existiam – e existem - diferenças que afetavam as mulheres negras devido a ligação entre raça, gênero e classe.

O feminismo negro norte-americano surgiu a partir dessa perspectiva e contra a universalização do ser “mulher”, categorizando todas as mulheres em uma identidade única e fixa. As autoras negras como Patrícia Hill Collins, Kimberlé Crenshaw, Audre Lorde, Angela Davis e bell hooks, foram responsáveis por contestar essa categorização e discutir as opressões que invisibilizavam as mulheres negras dentro da pauta feminista. No Brasil, o movimento negro não compreendia que a bandeira das mulheres negras também deveria ser defendida pelo coletivo e, dessa forma, as pautas das mulheres negras permaneceram inviabilizadas (MALTA; DE OLIVEIRA, 2016, p.58). A luta antimachista não era atendida ou compreendida dentro do movimento, e no movimento feminista a luta antirracista não era prioridade.

A discussão em torno do Feminismo Negro no Brasil só foi iniciada por Lélia Gonzalez, que segundo Cláudia Pons Cardoso (2014) refletia atentamente sobre a exclusão das mulheres negras e indígenas no Brasil: “ela foi pioneira nas críticas ao feminismo hegemônico e nas reflexões acerca das diferentes trajetórias de resistência das mulheres ao

patriarcado, evidenciando, com isso, as histórias das mulheres negras e indígenas, no Brasil, na América Latina e no Caribe” (CARDOSO, 2014, p. 965).

No Brasil, a distinção de gênero não pode ser compreendida de modo adequado sem considerar-se a questão racial. Na hierarquia da renda, o primeiro fator determinante é a raça, depois o gênero. As mulheres brancas mantêm uma posição nitidamente privilegiada em relação aos homens negros, e as afro-brasileiras estão no mais baixo degrau da escala de renda e emprego. Os homens brancos recebem mais de três vezes o que ganham as mulheres afro-brasileiras, que por sua vez ganham menos da metade do valor da renda mediana da mulher branca (NASCIMENTO. 2003, p. 117 apud MALTA; DE OLIVEIRA, 2016, p. 59).

Para Lélia Gonzalez, todas as discussões que as mulheres negras eram contempladas dentro das ciências sociais eram exclusivamente por caráter racial, anulando qualquer outra reflexão sobre a sua relação com o gênero (GONZALEZ, 1984, p. 225). Ao participar do movimento feminista, criticou duramente a falta de visibilidade da mulher negra. Para ela, as mulheres brancas que estavam compondo o movimento feminista tratavam apenas de demandas individuais, enquanto as mulheres negras estavam pensando no coletivo e em discutir e lutar por direitos de suas comunidades.

O que se opera no Brasil não é apenas uma discriminação efetiva; em termos de representações mentais sociais que se reforçam e reproduzem de diferentes maneiras, o que se observa é um racismo cultural que leva, tanto algozes como vítimas, a considerarem natural o fato de a mulher em geral e a negra, em particular, desempenharem papéis sociais desvalorizados em termos de população economicamente ativa (GONZALEZ, 1979, p. 19).

Raquel Barreto (2005) reflete¹⁶ um ponto importante para explicitar a diferença do debate dentro do feminismo. Enquanto as feministas estavam debatendo a questão do corpo e sexualidade, as mulheres negras “lembravam das marcas inscritas nesse corpo: sexualização; racialização, punição e para além dessas questões históricas” (BARRETO, 2005, p. 53). Corpos que historicamente foram abusados e violentados, até considerados como não pertencentes a elas, não podiam estar na mesma leva de reivindicação por libertação sexual, que jamais foi obtida pelas mulheres negras, como também o trabalho fora de casa e sem autorização do marido, que segundo Ribeiro (2018, p. 45) não era uma reivindicação das

¹⁶ BARRETO, Raquel de Andrade. “Enegrecendo o feminismo” ou “Feminizando a raça”: narrativas de libertação em Angela Davis e Lélia González. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.

mulheres negras e pobres. Em uma análise sobre a relação das feministas negras, Lélia Gonzalez afirma que

[...] nossas experiências com o Movimento de Mulheres, caracterizavam-se como bastante contraditórias: em nossas participações em seus encontros ou congressos, muitas vezes éramos consideradas “agressivas” ou “não-feministas” porque sempre insistimos que o racismo e suas práticas devem ser levados em contas nas lutas feministas, exatamente porque, como o sexismo, constituem formas estruturais de opressão e exploração em sociedades como a nossa. Quando, por exemplo, denunciávamos a opressão da exploração das empregadas domésticas por suas patroas, causávamos grande mal-estar; afinal, dizíamos, a exploração do trabalho doméstico assalariado, permitiu a “liberação” de muitas mulheres para se engajarem nas lutas “da mulher”. Se denunciávamos a violência policial contra os homens negros, ouvíamos como resposta que violência era aquela da repressão contra os heróis da luta contra a ditadura (como se a repressão, tanto num quanto noutro caso, não fizesse parte da estrutura do mesmo estado policial-militar). Todavia, não deixamos de encontrar solidariedade da parte de setores mais avançados do Movimento de Mulheres, que demonstraram interesse em não só divulgar nossas lutas como em colaborar conosco em outros níveis (GONZALEZ, 1984, p. 9-10).

Para Luiza Bairros o feminismo negro era “um conjunto de experiências e ideias compartilhadas por mulheres afro americanas que oferecem um ângulo particular de visão do eu e da comunidade e da sociedade, que envolve interpretações teóricas da realidade de mulheres negras” (BAIRROS, 1996, p. 6). Além de Lélia Gonzalez, nós pudemos contar com a contribuição de outras autoras negras brasileiras, Beatriz Nascimento, Luiza Bairros, Sueli Carneiro, Jurema Werneck e atualmente Djamila Ribeiro vem se destacando por suas contribuições com seus livros *O que é lugar de fala?* e *Quem tem medo do feminismo negro?* promovendo uma discussão não só a partir de seus livros, mas se apropriando das redes sociais para debater a respeito da importância do feminismo negro. Para Ribeiro (2018), as feministas negras ainda são vistas por muitos como “identitárias”, que promovem uma discussão apenas em gênero e raça, mas não aprofundam nas questões de classe, por exemplo. Mas o Feminismo Negro se faz exatamente ao contrário do que é dito por essas pessoas, pois ele se faz uma ferramenta eficiente para articular novos meios de contestar o poder hegemônico.

A identidade negra posta socialmente pela branquitude¹⁷ faz uma relação direta com os frutos da escravidão. As reivindicações das mulheres negras aqui relatadas estão correlacionadas com o imaginário social que se propagou desses indivíduos. Almeida (2018, p. 51) afirma que precisamos compreender que a visão que temos a respeito da sociedade não é um reflexo da realidade e sim uma representação dela, e que a ideologia é um explicitamente um produto do imaginário social. Compreender esse fato é entender que estamos aprisionados pela prática da ideologia.

O estereótipo de seus corpos perpetuado durante séculos influencia uma gama de atividades realizadas no cotidiano dessas mulheres. Elas precisam partir da tomada de consciência do lugar que ocupam dentro da sociedade, e de todo o processo que influencia diretamente na construção de sua identidade como mulher negra, para enfim formarem uma identidade sólida, já que o racismo age praticamente em todas as ações às quais elas são acometidas.

O conjunto de experiências que formam a nossa identidade é influenciado pelo racismo, as mulheres negras em sua maioria relatam exemplos de como racismo já afetou em suas relações interpessoais e as impediu que vivenciassem por completo determinadas experiências. Como já mencionado aqui, é a partir desses marcadores de diferenças que as identidades são formadas e as mulheres negras precisam percorrer um caminho longo repleto de negação e outras problemáticas ocasionadas pelo racismo para enfim se tornarem negras.

1.3.2 Interseccionalidade como perspectiva

A discussão acerca do conceito da interseccionalidade surge a partir de ativistas e acadêmicas negras não conformadas com as pautas inseridas no feminismo (BORGES, 2017, p. 43). **A primeira autora a falar sobre esse tema foi a Kimberlé Crenshaw** (1989)¹⁸ que levantou o questionamento a respeito do olhar singular que não identificava que existiam outros marcadores, como a raça, por exemplo, que estavam diretamente ligados na discussão do feminismo.

¹⁷ “[...] uma posição em que os sujeitos que ocupam esta posição foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade”. (SCHUCMAN, 2015, p. 56)

¹⁸ CRENSHAW, Kimberle. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. The University of Chicago Legal Forum, v.140, pp139-167, Chicago, 1989.

[...] a interseccionalidade pode servir de ponte entre diversas instituições e eventos e entre questões de gênero e de raça nos discursos acerca dos direitos humanos – uma vez que parte do projeto da interseccionalidade visa incluir questões raciais nos debates sobre gênero e direitos humanos. Ele procura também desenvolver uma maior proximidade entre diversas instituições (CRENSHAW, 2004, p.2).

Para Crenshaw (2004, p. 16) a interseccionalidade é pensar a diferença dentro da diferença, oferecendo “[...] uma oportunidade de fazermos com que todas as nossas políticas e práticas sejam, efetivamente, inclusivas e produtivas”, a autora afirma que “precisamos, portanto, identificar melhor o que acontece quando diversas formas de discriminação se combinam e afetam as vidas de determinadas pessoas” (CRENSHAW, 2004, p. 11), fazendo-se necessária a implementação de uma discussão que entenda as diferenças e as subposições dos indivíduos dentro da lógica dominante. Citando Crenshaw, Akotirene fala que “a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias” (AKOTIRENE, 2018, p. 14). Anos depois Patrícia Collins traz essa discussão novamente e definiu o conceito de interseccionalidade

[...] a interseccionalidade é uma forma de compreender e analisar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. Os eventos e condições da vida social e política, e do eu, raramente podem ser entendidos como moldados por um só fator. Eles geralmente são moldados por muitos fatores de maneiras diversas e mutuamente influenciadas. Quando se trata de desigualdade social, a vida das pessoas e a organização do poder em uma dada sociedade são mais bem entendidas como sendo moldadas não por um único eixo de divisão social, seja raça ou gênero ou classe, mas muitos eixos que trabalham juntos e influenciam um ao outro. A interseccionalidade como ferramenta analítica permite às pessoas um melhor acesso à complexidade do mundo e de si mesmas (COLLINS; BILGE, 2016, p. 2).

Dessa maneira, surge o Feminismo Interseccional, que compreende que as questões de gênero, raça e classe estão diretamente ligadas e que a diferença entre determinados fatores pode contribuir para uma discussão e análise mais justa no contexto do feminismo. Partindo dessa perspectiva é praticamente impossível não pensar em interseccionalidade e não pensar nas mulheres negras e suas pautas.

O foco do feminismo negro é salientar a diversidade de experiências tanto de mulheres quanto de homens e os diferentes pontos de vista possíveis de

análise de um fenômeno, bem como marcar o lugar de fala de quem a propõe. Patrícia Hill Collins é uma das principais autoras do que é denominado de *feminist standpoint*. Em sua análise, Collins (1990) lança a mão do conceito de matriz de dominação para pensar a intersecção das desigualdades, na qual a mesma pessoa poder se encontrar em diferentes posições, à depender de suas características. Assim, o elemento representativo das experiências das diferentes formas de ser mulher estaria assentado no entrecruzamento entre gênero, raça, classe, geração, sem predominância de algum elemento sobre outro (SOTERO, 2013, p. 36).

Para Djamila Ribeiro (2018) é importante produzir um debate interseccional, isto é, é preciso desconstruir debates antigos e aprofundarmos nas questões de interesse maiores. Enquanto o feminismo buscar apenas o debate das mulheres brancas na luta contra o sexismo, as mulheres negras, mulheres lésbicas, mulheres trans e outras irão continuar sem lugar de fala e de luta. A autora segue afirmando que é “importante notar que, ao pensar a interseccionalidade, as mulheres negras não estão pensando somente nas opressões que as afligem, o que transcende o discurso de uma luta meramente identitária: elas estão pensando um novo modelo de sociedade” (RIBEIRO, 2017)¹⁹.

A perspectiva que iremos estabelecer a respeito do conceito de interseccionalidade é através de uma perspectiva de análise. Pensar em interseccionalidade é pensar em feminismo negro, já que foram as acadêmicas e ativistas negras que refletiram sobre as intersecções entre opressões, “é da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade” (AKOTIRENE, 2018, p. 19). Djamila Ribeiro (2018, p. 46) fala que enquanto a “universalização da categoria “mulheres” não for combatida, o feminismo continuará deixando muitas delas de fora e alimentando assim as estruturas de poder”, por isso a questão da interseccionalidade se faz tão presente nos dias atuais, principalmente na comunicação contemporânea.

Não incluir, por exemplo, mulheres trans com a justificativa de que elas não são mulheres reforça que o movimento tanto combate e que Beauvoir refutou tão brilhantemente em 1949: a biologização da mulher, ou a criação de um destino biológico. Se não se nasce mulher, se ser mulher é um construto, se o gênero é performance (em termos butlerianos), não faz sentido a exclusão das trans como sujeitos do feminismo. O movimento feminista precisa ser interseccional, dar voz e representação às especificidades existentes no ser mulher. Se o objetivo é a luta por uma sociedade em hierarquia de gênero, existindo mulheres que, para além da opressão de gênero, sofrem outras opressões, como racismo, lesbofobia, transmisoginia, torna-se urgente incluir

¹⁹ RIBEIRO, Djamila. **Feminismo negro: para além de um discurso identitário**. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/feminismo-negro-para-alem-de-um-discurso-identitario/>>. Acesso em 23 mar. 2018.

e pensar as intersecções como prioridades de ação, e não mais como assuntos secundários (RIBEIRO, 2017, p. 47).

Mas porque se autodefinir como negra é tão importante? Porque precisamos buscar um lugar ou uma identificação? Judith Butler fala que não basta uma representação das mulheres nos lugares de espaço, ou seja, “a crítica feminista também deve compreender como a categoria das ‘mulheres’, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca a emancipação” (BUTLER, 2003, p. 19). Essa citação nos sugere uma compreensão também para o local de fala que as mulheres negras estão inseridas.

Racismo, a crença em uma superioridade inerente de uma raça em relação às demais e, portanto, em seu direito de dominação. Sexismo, crença na superioridade inerente de um sexo e, por tanto, em seu direito de dominar. Etarismo. Heterossexismo. Elitismo. Classismo. (LORDE, 2015).²⁰

Enquanto a raça, classe, orientação sexual e outros marcadores de diferenças forem elementos cruciais para a condição de cidadão, sem que a sociedade seja capaz de reconhecer as diferenças como um processo identitário, muitos indivíduos irão continuar buscando por direitos que a sociedade não os concede (LORDE, 2015). Levando em consideração que as mulheres negras estão buscando há muitos anos um espaço e visibilidade para suas vozes, entendemos que enquanto a estrutura de poder que determina essas categorizações da diferença estiver agindo ainda em modo hegemônico, todos esses indivíduos que aqui procuram pelos seus direitos como cidadão, continuarão a buscar sem fim, por um espaço.

A busca pela tomada de consciência pode partir da identificação e representação dentro do imaginário social, podendo decorrer na mudança dessa estrutura que nos envolve e não nos deixa mover. Para romper com as lógicas dominantes é preciso entender quais sujeitos estão inseridos e de que forma são afetados, pois eles podem estar imersos na mesma opressão, como as mulheres, por exemplo, mas serão afetados por outros marcadores. A interseccionalidade²¹ nos orienta para que possamos olhar atentos as informações ao nosso

²⁰ LORDE, Audre. **Irmã intrusa, idade, raça, classe e sexo: mulheres redefinindo diferenças**. Tradução de Virgínia Vasconcelos Leal. Disponível em: <<http://www.pretaenerd.com.br/2015/11/traducao-idade-raca-classe-e-sexo.html>>. Acesso em 20 maio 2019.

²¹ “A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias onde mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais”. (AKOTIRENE, 2018, p. 13).

redor. Entender quem são as pessoas que estão na base da pirâmide, quais violências elas sofrem, quais sujeitos possuem privilégios em determinados espaços e etc. Compreender que a interligação entre identidades e marcadores diferentes transforma o contexto da informação, nos fazendo refletir sobre os modos de funcionamento das estruturas de poder nas relações sociais.

1.4 EMPODERAMENTO: ENTENDENDO E CONCEITUANDO

A discussão da conscientização proposta por Paulo Freire (1979) nos faz refletir sobre a ligação entre oprimido e opressor. O autor afirma que apenas os grupos minoritários serão capazes de se libertarem das amarras de seus opressores. Partindo da ideia de que os grupos dominantes precisam continuar a dominar os demais, pois o poder é o que os mantém com seus privilégios, é preciso que os sujeitos oprimidos tomem posse da realidade para construir narrativas de libertação. Nesse momento iremos refletir se o empoderamento é uma das práticas de conscientização.

O termo empoderamento vem sendo utilizado cada vez mais nos últimos anos e também vêm recebendo inúmeras críticas, advindas principalmente da forma esvaziada em que as pessoas estão o atribuindo. Primeiramente, devemos aqui iniciar a discussão tentando compreender do que se trata o termo em questão. Joice Berth (2018) em seu livro *O que é empoderamento?* parte das reflexões dos autores Zimmerman e Perkins, que discutem o termo como uma “construção que liga forças e competências individuais, sistemas naturais de suporte e comportamento pró-ativo no âmbito das políticas e mudanças sociais”. No mesmo livro, a autora fala da importância do caminho percorrido pelo termo, trazendo citações da intelectual negra e assistente social Barbara Bryant Solomon, que dentro de suas atuações e pesquisa, trouxe para a discussão o uso do termo para tratar de questões de grupos minoritários e invisibilizados.

Para Solomon, “o empoderamento é definido como um processo pelo qual a auto direção e o processo de ajuda são as forças de cura e fortalecimento entre a população negra” (SOLOMON, 1976, p. 17 apud BERTH, 2018, p. 25), que sofrem dentro do imaginário social, a partir da atribuição de aspectos negativos aos seus corpos e identidade, fazendo com esses indivíduos sejam afetados em diversas esferas da sociedade. Segundo Anné-Emmanuèle Calvès (2009) foi a partir de Solomon (1976) que o termo empoderamento começou a ser

utilizado por “provedores do serviço social e pesquisadores” (apud BERTH, 2018, p. 25), trazendo para o centro do debate acadêmico a importância desses indivíduos se debruçarem por processos que cunhariam em mudança no poder. Berth (2018) destaca a importância de possuímos intelectuais negros dentro desse debate, pois a partir dessa prática da epistemologia negra e das ações realizadas em grupos específicos, pode-se atrelar o uso do termo para auxiliar na emancipação de grupos minoritários. A professora norte-americana Nelly Stromquist (cf. Sardenberg, 2006, p. 6) diz que

O empoderamento consiste de quatro dimensões, cada uma igualmente importante mas não suficiente por si própria para levar as mulheres para atuarem em seu próprio benefício. São elas a dimensão cognitiva (visão crítica da realidade), psicológica (sentimento de autoestima), política (consciência das desigualdades de poder e a capacidade de organizar e mobilizar) e a econômica (capacidade de gerar renda independente) (STROMQUIST, 2002, 1995, p. 232 apud, BERTH, 2018, p. 35).

Enquanto Bárbara Solomon é vista como precursora do termo Teoria do Empoderamento aplicado a grupos minoritários, o autor Paulo Freire teve suas obras muito mais citadas no exterior, através da Teoria da conscientização na década de 60. Segundo Berth, Paulo Freire acreditava que “os próprios grupos que foram subalternizados deveriam empoderar a si próprios, processo esse que se inicia com a consciência crítica da realidade aliada a uma prática transformadora”. O autor foi peça chave para que feministas negras pudessem repensar o termo a partir de uma discussão interseccional.

Segundo a pesquisadora indiana Srilatha Batliwala, o conceito empoderamento feminino surgiu a partir de críticas geradas pelo movimento feminista por volta de 1980. Ela afirma que a ligação e interação entre o movimento feminista e o conceito da Teoria da Conscientização, cunhado por Paulo Freire, estava crescendo, porém o autor havia ignorado a perspectiva de gênero e de subordinação, questões às quais as mulheres eram acometidas. A estudiosa bell hooks que mesmo utilizando as obras de Freire como alicerce dos seus pensamentos na educação, também teceu críticas ao sexismo na linguagem das obras de Freire. Para ela alguns pensadores críticos constroem um paradigma falocêntrico sobre a liberdade, “onde a liberdade e a experiência da masculinidade patriarcal estão ligadas como se fossem a mesma coisa” (HOOKS, 2013, p. 70), mas como grande admiradora de Freire acrescenta que “[...] o próprio modelo de pedagogia crítica de Freire acolhe o questionamento crítico dessa falha na obra. Mas questionamento crítico não é o mesmo que rejeição”

(HOOKS, 2013, p. 70), afirmando que o pensamento feminista a faz tecer críticas construtivas às obras de Freire e unir as discussões para a construção de uma pedagogia interseccional.

O empoderamento deve ser pensado como uma ação de tomada consciência para confrontar a lógica dominante, a partir de “ações coletivas de aprendizado, reflexão e tomada de decisões, que promovem um verdadeiro aumento do controle da própria vida e da comunidade” (OLIVEIRA, 2008, p. 107).

A definição de empoderamento é próxima da noção de autonomia, pois se refere à capacidade de os indivíduos e grupos poderem decidir sobre as questões que lhes dizem respeito, escolher, enfim entre cursos de ação alternativos em múltiplas esferas – política, econômica, cultural, psicológica, entre outras. Desse modo, trata-se de um atributo, mas também de um processo pelo qual se aufere poder e liberdades negativas e positivas. Pode-se, então, pensar o empoderamento como resultante de processos políticos no âmbito dos indivíduos e grupos. Numa perspectiva emancipatória, empoderar é o processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitam ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão. Nesse sentido, equivale aos sujeitos terem poder de agenda nos temas que afetam suas vidas. Como o acesso a esses recursos normalmente não é automático, ações estratégicas mais ou menos coordenadas são necessárias para sua obtenção (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007, p. 486).

Dar poder a um indivíduo se trata na verdade em acometê-lo a uma tomada de consciência de sua identidade e, tudo que há por detrás dessa ação. Quando dizemos que tal indivíduo é empoderado, estamos dizendo que essa pessoa possui uma crítica de si mesmo, que produz inúmeras afirmações e questionamentos sobre conhecimento e valorização de um processo sociopolítico e cultural ao que ele é acometido, seja individualmente ou coletivamente. Para a Berth, o termo fortalecimento também pode ser utilizado e é preferido por alguns teóricos, levando-se a crer, que o empoderamento pode estar ligado ao fortalecimento de uma rede de indivíduos. A tomada de consciência é um dos processos para a conscientização. O empoderamento aqui pode ser entendido como uma ferramenta de transformação social, que busca uma reconstrução de base política, “[...] rompendo concomitantemente com o que está posto entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da história” (BERTH, 2018, p. 16) para buscarmos refletir

Não podemos naturalizar ou esvaziar o termo empoderamento, precisamos compreender que mesmo sendo fruto da ação de diversas esferas na sociedade, o

empoderamento é de fato uma ação individual (BERTH, 2018). Ela precisa ser interna, a partir da tomada de consciência, do lugar que se ocupa e das opressões sofridas, para então se tornar externa e, de fato realizar mudanças no âmbito social. A individualidade e a coletividade são colocadas no empoderamento como um processo de relação que não se separam, “pois o empoderamento individual está fadado ao empoderamento coletivo, uma vez que uma coletividade empoderada não pode ser formada por individualidades e subjetividades que não estejam conscientemente atuantes dentro de processo de empoderamento” (BERTH, 2018, p. 42). O empoderamento aqui é pensado como um uma tomada de consciência que para ser transformado em conscientização é preciso ir de encontro com as representações que temos de nós mesmos, mas é de fundamental importância compreender que essas imagens são construídas através de uma representação da imagem do grupo social que estamos inseridos, trazendo novamente a discussão do gênero para a perspectiva interseccional. Mas como produzir ferramentas e uma narrativa de empoderamento, principalmente da mulher negra, quando a própria mídia perpetua imagens que controla seus corpos?

1.4.1 Autoaceitação e autoestima como tomada de consciência

Partiremos neste subtópico da discussão do empoderamento na perspectiva da construção de autoestima por sujeitos que são oprimidos por sistemas de dominação. Considerando o contexto no qual os sujeitos negros estão inseridos, por exemplo, entendemos que a negação de sua identidade e história, proveniente da inferiorização oriunda do racismo, faz com que esses sujeitos tenham uma relação conflituosa com seus corpos.

O momento da tomada de consciência no qual nós, sujeitos negros, podemos adquirir uma visão crítica das normas opressoras as quais somos submetidos, devido à prática do racismo, pode auxiliar no processo do empoderamento. Paulo Freire (1979) nos fala que apenas os sujeitos oprimidos serão capazes de construir ferramentas de libertação, para si próprio e para os seus opressores, e quando falamos em autoestima e autoaceitação, principalmente das mulheres negras, refletimos sobre como esses corpos são afetados pelos olhares e palavras duras de uma sociedade com supremacia branca. Nesse momento é importante trazeremos a discussão da conscientização, como ferramenta libertadora da opressão.

Para Gomes (2003, p. 79) “o corpo pode simbolizar diferentes identidades sociais, extrapolando a dimensão do indivíduo e da pessoa”, a autora afirma que nenhum outro animal realiza transformações de forma voluntária em seu corpo, apenas o ser humano. Essas alterações são resultados de suas identidades, cultura, lugar que ocupa e etc, podendo indicar outros tipos de significados como “[...] hierarquia, idade, símbolo de *status*, de poder e de realeza entre sujeitos de um mesmo grupo cultural ou entre diferentes grupos” (GOMES, 2003, p. 79). Mesmo compondo mais da metade da população (PNAD, 2019), esses indivíduos negros acabam por buscar meios para se embranquecerem²², tentando fugir desses estigmas que relacionam sua identidade como aspecto negativo, tendo suas características estéticas desvalorizadas. As mulheres negras são reféns desse estigma, seja pelo cabelo, pelo corpo, nariz ou boca, seus traços sempre foram desvalorizados nos espaços e relações sociais.

[...] em conformidade com outros movimentos sociais progressistas da sociedade brasileira, o feminismo esteve, também, por longo tempo, prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante das mulheres. A consequência disso foi a incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino, a despeito da identidade biológica. Dessa forma, as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade. As denúncias sobre essa dimensão da problemática da mulher na sociedade brasileira, que é o silêncio sobre outras formas de opressão que não somente o sexismo, vêm exigindo a reelaboração do discurso e práticas políticas do feminismo. E o elemento determinante nessa alteração de perspectiva é o emergente movimento de mulheres negras sobre o ideário e a prática política feminista no Brasil (CARNEIRO, 2003, p. 228).

O processo de autoestima e autoaceitação, principalmente quando falamos de mulheres, geralmente está ligada a discussão da estética. Quando falamos de sujeitos negros, essa discussão também é levada para o campo da ideias. Sueli Carneiro se refere ao termo epistemicídio como “uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que em outros casos lhe é imposta” (CARNEIRO, 2005, p. 97), nos revelando como a intelectualidade do sujeito negro é afetada e ignorada pelos sujeitos dominantes. Quando pensamos em mulheres negras, essa autoestima

²² Neuza Santos Sousa (1983) fala que os negros na busca por uma ascensão social colocam a representação do branco como única possibilidade para “torna-se gente”. Essas formas de embranquecimento na verdade são ações que possam desencadear aproximações dos sujeitos brancos e os afastem dos aspectos e imagem dos sujeitos negros. Aproximações e distanciamento na perspectiva de poder e subalternidade, que promovem negação da sua raça e cultura. (GONZALEZ, 1988).

precisa ser construída a partir do confronto com o padrão de beleza dito como ideal, uma estética branca, além de confrontar a invisibilidade dada a suas narrativas e seu intelecto.

Atualmente houve uma crescente discussão acerca do empoderamento feminino negro através da construção da autoestima e autoaceitação, principalmente através do cabelo crespo ou cacheado, que é um elemento importante quando falamos sobre a estética negra. Essa temática vem se tornando peça fundamental para a iniciação da tomada de consciência de alguns indivíduos, principalmente das mulheres negras.

Mas os cabelos são apenas um primeiro elemento e de grande importância que responde sozinho, sobretudo nas mulheres negras, pelo orgulho necessário para adentrar no âmbito dos processos de *empoderamento*. Há também a aceitação dos sinais fenotípicos do rosto e do corpo, além da cor da pele. Nossos rostos, que trazem as informações reais de nossas origens africanas, também são alvo constante de escárnio e depreciação. Nariz e boca são campeões nisso. Humoristas e comediantes, com seus trabalhos marcadamente racistas e desumanizadores sempre usaram esses destaque de nossos rostos como elemento de suas piadas, exagerando e caricaturando de maneira extremamente violenta. O intolerável *Blackface*, técnica teatral usada no começo do século XX que consistia em fantasiar pessoas brancas de negras de forma grotesca, é um exemplo clássico de como os veículos de comunicação e as artes em geral tiveram – e ainda tem – papel importante no flagelo de nossa autoestima e autoaceitação (BERTH, 2018, p.96).

Nilma Lino Gomes retrata que o cabelo tem um papel fundamental na afirmação da identidade negra além de ser um elemento que influencia na maneira em que o negro se vê e é visto pelo outro (GOMES, 2003). Dentro dessa perspectiva dos fenótipos e características das pessoas negras, o trabalho da aceitação e afirmação da identidade é visto como algo individual, apenas o próprio sujeito tem o poder de alterar a forma que se enxerga o que se correlaciona com o conceito de empoderamento.

Pessoas negras, portanto, podem reproduzir em seus comportamentos individuais o racismo de que são as maiores vítimas. Submetidos às pressões de uma estrutura social racista, o mais comum é que o negro e a negra internalizem a ideia de uma sociedade dividida entre negros e brancos, em que brancos mandam e negros obedecem. Somente a reflexão crítica sobre a sociedade e sobre a própria condição pode fazer um indivíduo, mesmo sendo negro, enxergar a si próprio e ao mundo que o circunda para além do imaginário racista. Se boa parte da sociedade vê o negro como *suspeito*, se o negro aparece na TV como *suspeito*, se poucos elementos fazem crer que negros sejam outra coisa a não ser *suspeitos*, é de se esperar que pessoas negras também achem negros *suspeitos*, especialmente quando fazem partes

de instituições estatais encarregadas da repressão, como é o caso de policiais negros (ALMEIDA, 2018, p. 53).

Mesmo sendo uma construção histórica e social, demarcada pelas diferenças, a identidade da pessoa negra para ser afirmada precisa ser internalizada. Essa internalização é considerada então como “um processo de tomada de consciência crítica por parte dos sujeitos, de cunho social e político” (DE OLIVEIRA; DOS SANTOS; TEIXEIRA, 2016, p.107), e é através dessas ações que “há um reconhecimento do poder das pessoas, essas últimas passam a lutar para modificar as relações desiguais, discriminatórias e excludentes em sua sociedade” (DE OLIVEIRA; DOS SANTOS; TEIXEIRA, 2016, p. 107). Os meios de comunicação foram peças chaves para que as pessoas negras, principalmente as mulheres negras, renegassem sua identidade e não enxergassem o sistema hegemônico e as opressões que elas estavam aprisionadas.

Imaginemos uma criança em plena década de 60 que, por uma sorte – ou azar -, já tinha contato com uma televisão excludente que trabalhava incansavelmente para a elevação do padrão branco como o único a deter beleza, elegância, etc. e ao mesmo tempo, tendo contato com as propagandas e programas que caricaturavam a imagem de sujeitos negros, aguçando a repulsa racista já devidamente plantada no imaginário social. O efeito óbvio na criança negra seria de repulsa de si mesma e de criança branca de superioridade de sua condição e rejeição a condição da criança negra. E isso ainda perdura nos dias de hoje, fazendo com que os negros e negras que apontam esses crimes premeditados e intencionais sejam destratados e confinados na figura de rebeldes, vitimistas ou o que seja equivalente e oposto ao real impulso de autodefesa de sua dignidade e dos seus (BERTH, 2018, p. 96).

Portanto entende-se que o empoderamento a partir da perspectiva da identidade negra está no ato de reconhecer a si mesmo e aos demais sujeitos negros, através de suas características, proporcionando assim uma consciência crítica afirmando sua identidade e indo ao contrário da negação, reivindicando direito, espaço e poder. A autora Berth (2018) ressalta a importância de possuímos movimentos de resistência que lutam pela reafirmação da beleza negra, pois esses movimentos são capazes de produzir debates que remetem ao empoderamento através da estética, fazendo com que os indivíduos se articulem e busque meios de interromper esse sistema.

A dinâmica de poder insere as mulheres numa disputa por narrativa na busca de um padrão de beleza ideal, esse padrão geralmente é branco, cabelo liso, alto, magro, fazendo

com que muitas mulheres tentem buscar formas de entrar nesses moldes. As mulheres negras tentam buscar esse ideal através do embranquecimento dos seus traços, elas alisam seus cabelos, fazem procedimentos estéticos invasivos em seus rostos, o que também acontece com mulheres não negras, que buscam por um corpo dito como perfeito.

Essa discussão da autoaceitação e autoestima acaba por adentrar a discussão feminista quando essas mulheres confrontam esse padrão de beleza dominante e buscam por uma aceitação de si mesma ou compreendem em qual categoria de opressão estão inseridas. Nesse momento, pensarmos na interseccionalidade como método de análise é fundamental para visualizar as opressões em que mulheres negras e não negras são acometidas. A análise da dinâmica da autoaceitação e enfrentamento se dá de maneiras diferentes, enquanto mulheres não negras pautavam dentro do feminismo uma discussão da liberdade sexual, as mulheres negras tinham seus corpos hipersexualizados desde a escravidão. Quando colocamos o processo de autoaceitação e enfrentamento do padrão de beleza dito como ideal, precisamos analisar esse processo através das diferentes ligações de opressões inseridas nesses grupos.

Todo o debate desses fenômenos após o advento das redes sociais vem fazendo com que as subjetividades dos sujeitos possam ser pensadas e discutidas por perspectivas diferentes, trazendo para a mídia discussões que por muitos anos foram invisíveis na mídia tradicional. Segundo Lima as autoras Patrícia Hill Collins e Sirma Birge “afirmam que a internet mudou a cara e a idade média do feminismo, hoje há forte presença de mulheres jovens, inclusive adolescentes” (LIMA, 2017, p. 8). Devido ao seu alcance midiático, as questões do feminismo conseguem estabelecer um melhor diálogo com as mulheres a partir das redes sociais, Lima também fala que “a ampliação da presença de feministas negras na internet ampliou os debates sobre interseccionalidade, especialmente em blogs escritos por mulheres negras” (LIMA, 2017, p. 9).

Se o empoderamento e o processo de conscientização são individuais e precisam ser um resultado de si mesmo, é necessário entender que esse processo de internalização está diretamente ligado a imagem que temos de nós mesmos. Se essa imagem é vista e perpetuada por meio de aspectos negativos, continuaremos a internalizar essa mesma ideia. Quando surgem ferramentas e elas são utilizadas para confrontar essas imagens, através de ações individuais ou coletivas, é necessário entender essas novas representações de si mesmo e construir uma narrativa em que o debate acerca da libertação de seus corpos seja entendido como um processo de conscientização. Exercer um discurso de si mesmo é a forma de

entendermos e confrontarmos a realidade a que fomos colocados (SOUZA, 1983). Novamente, refletindo sobre a obra de Freire (1979), o autor nos fala que a tomada de consciência é um caminho e não o fim. A tomada de consciência é um dos caminhos que nos leva a conscientização, pensar em empoderamento é pensar em romper com as lógicas dominantes e de fato só pode acontecer por meio da tomada de consciência no processo de uma conscientização. Para os sujeitos negros a tomada de consciência a partir a autoestima e autoaceitação pode ser um processo para afirmar sua existência e seu lugar na sociedade (SOUZA, 1983).

CAPÍTULO II

As formas de dominação dos corpos negros que se fazem presentes no imaginário social dos sujeitos são perpetuadas através de mecanismos que resultam em relações de poder, e quando a mídia é o aparato utilizado para propagar essas formas de dominação, acabamos por entrar numa discussão de representação de imagens de controle. A representação dos sujeitos negros através de estereótipos e imagens de controle perpassa as produções midiáticas e se perpetua na sociedade, fazendo com que a mídia se consolide como uma ferramenta de reprodução racista. O presente capítulo tem como objetivo apresentar as representações de imagens das mulheres negras que por muitos anos se fizeram presentes nas produções midiáticas, analisando em conjunto as novas formas de representação no ambiente digital, além de compreender como essas questões estão inseridas dentro da cultura participativa.

2.1 CONTROLANDO A IMAGEM DOS CORPOS NEGROS

Nesse jogo de poder onde as pessoas negras são sempre lidas como minoria – mesmo compondo mais da metade da população no país (IBGE, 2018) – se faz necessária uma discussão sobre quem nós somos. De fato existem diversas pesquisas que trabalham com esses aspectos e trazem dados sobre o racismo estrutural, genocídio e encarceramento negro em massa e outras problemáticas (ALMEIDA, 2018; BORGES, J., 2018; RIBEIRO, 2017). A problemática do racismo midiático, por exemplo, apesar de inúmeras pesquisas que abordam a temática e denunciam a forma como os negros são representados, estereotipados ou invisibilizados (COLLINS, 2016; ARAÚJO, 2007) continuamos a enxergar poucas representatividade negra ou representações inadequadas.

A ausência de pessoas negras na mídia, na academia e em lugares de destaque, nos mostra que apesar da exposição de dados dessas pesquisas, a realidade das pessoas negras ainda nos parece estáticas. Stuart Hall (1996, p. 4) acredita que mesmo existindo mecanismos semelhantes no mundo inteiro das práticas racistas, “em cada sociedade, o racismo tem uma história específica que se apresenta de formas específicas, particulares e únicas, e essas especificidades influenciam sua dinâmica e têm efeitos reais, que diferem entre uma sociedade e outra” e a mídia desempenha um papel crucial na propagação do racismo. Silvia Ramos fala que os meios de comunicação desempenham um papel crucial para a propagação

do racismo na sociedade, para a autora a mídia deveria discutir “as dinâmicas da mídia frente às questões de raça e etnicidade” (RAMOS, 2007, p. 8), pois assim estaria discutindo as matrizes do racismo no Brasil.

Além de ser um caso exemplar dos mecanismos de reprodução das relações raciais, a mídia desempenha um papel central e único na produção e manutenção do racismo. Através dos meios de comunicação, especialmente dos meios de massa, como a televisão e o rádio, as desigualdades raciais são naturalizadas, banalizadas e muitas vezes racionalizadas. Em grande medida, através da mídia de massa as representações raciais são atualizadas e reificadas. E dessa forma, como “coisas”, circulam como noções mais ou menos comuns a toda a sociedade e como ideias mais ou menos sensatas. (RAMOS, 2007, p. 9)

O autor Joel Zito Araújo contribuiu de forma crucial para os estudos sobre racismo na mídia com o seu livro *A negação do Brasil*, no qual realizou uma análise de 70% das novelas produzidas no Brasil e um mapeamento dos atores negros durante quatro anos. O autor observou-se que mais de um terço dessas novelas não possuíam atores negros em seu elenco (ARAÚJO, 2007, p. 64). Após essa verificação a pesquisa passou a analisar os personagens contidos nessas novelas, e constatou que os personagens representados por atores negros sempre estavam ocupando lugares subalternos nas tramas.

Os papéis mais oferecidos foram os de empregadas e empregados domésticos, copeiros, motoristas e semelhantes. Também foram oferecidos alguns papéis de marginais, bandidos e malandros. Nas novelas que tinham como fundo a temática da escravidão, que se tornaram um sucesso internacional, um grande filão do mercado, principalmente depois de “Escrava Isaura” ter sido vendida para 67 países, foram oferecidos muitos papéis de escravos, pois a Tv Globo percebeu que a temática da luta contra a escravidão, a luta por liberdade era uma temática muito forte, muito vendável (ARAÚJO, 2007, p. 64).

Outra constatação da pesquisa de Araújo foi que dentre as novelas analisadas que estavam dentro do horário nobre, nenhuma delas possuía um elenco de atores negros superior a 10%. O autor questiona em seu livro se a presença de atores negros nas obras na verdade faça uma alusão ao sistema de cotas, por exemplo, se há alguma regra – moral ou midiática - dentro dessas emissoras que façam com que elas contratem ou escalem atores negros para seus produtos midiáticos. Para o autor, essa é uma questão muito mais profunda e está diretamente ligada com a naturalização do racismo na nossa sociedade.

O fato de atribuímos as pessoas negras a esses lugares subalternos está diretamente ligado com o imaginário social que representa as pessoas negras nesses tipos de relações. O fato dessas novelas serem escritas por pessoas que provavelmente não enxergam a ligação direta entre raça e classe, seja um dos motivos para a reprodução do racismo, no qual, o autor da novela “não considera importante falar da vivência, dos sofrimentos e dos conflitos a partir da condição de ser negro no Brasil” (ARAÚJO, 2007, p. 65). Araújo atribui esse fato a esquerda denominada por ele como “zona sul”, que convive pacificamente com as pessoas negras que geralmente estão postas em lugares de serviço em seu cotidiano, a empregada doméstica que ajudou em sua criação, por exemplo.

As representações dos sujeitos negros pela mídia, frequentemente utilizadas através de reprodução de estereótipos, são capazes de produzir imagens desumanizadas, negando-os dentro do contexto social, uma imagem diferente dessa que está sendo ali propagada. Para João Carlos Rodrigues (2001 apud LAHNI et al., 2007) as mulheres negras brasileiras estão acometidas de alguns estereótipos que são: a mãe-preta, a mártir, a negra de alma branca, a nega maluca, a mulata boazuda e a musa. No artigo *A mulher negra no cinema brasileiro: uma análise de Filhas do Vento*, Lahni et al. (2007) descrevem cada um desses estereótipos. A mãe-preta segundo os autores representa a que cuida da família branca, das crianças, vindas da perspectiva escravocrata, ela possui uma característica “sofredora e conformada” (LAHNI et al., 2007, p. 85).

A mártir também é advinda do período escravocrata, escrava e santa. A negra de alma branca faz correlação com a novela *Xica da Silva*, que tenta se “integrar na sociedade dominante”. A nega maluca é a que é atrapalhada e arranja conflitos, enquanto a personagem da mulata boazuda explora a sexualidade do corpo da mulher negra; e a musa é utilizada dificilmente nessas tramas. (LAHNI et al., 2007, p. 85).

Dentre esses estereótipos, os que são reproduzidos com mais frequência são os da mãe-preta, mulata boazuda e nega maluca. O imaginário ao redor da mãe-preta se aproxima da representação da personagem Tia Anastácia²³ e vai de encontro com a afirmação de bell

²³Tia Anastácia é um personagem do escritor Monteiro Lobato. A personagem é uma mulher negra, empregada doméstica de uma família branca. Jovino (2006) diz que ela “[...] retratada com um lenço na cabeça, um avental cobrindo o corpo gordo: a eterna cozinheira e babá” e que em certos momentos é descrita como “negra de estimação”. LIMA, Yasmin. **Tia Anastácia: a negra “de estimação”**. Disponível em: <<https://cartografiasdainfancia.wordpress.com/2016/02/26/tia-nastacia-a-negra-de-estimacao/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

hooks ao falar que “o sexismo e o racismo, atuando juntos, perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia que ela esta neste planeta principalmente para servir aos outros. Desde a escravidão até hoje” (HOOKS, 1995, p. 468), esse perfil dissolve na sociedade a serventia da mulher negra para trabalhos domésticos e cuidadora de toda a família branca, ocupando um espaço de subalternidade. A nega maluca geralmente é representada com um viés cômico e falante, uma personagem que está presente para divertir os personagens brancos.

As mulheres negras de tom de pele mais claro, denominadas como mulatas, tiveram sua imagem representada com base na sexualização do seu corpo. Sendo atribuída por conotações sexuais, hooks (1995, p. 469) afirma que esse perfil foi criado para “justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão”. A criação da Globeleza pela Tv Globo e a reprodução do “estereótipo da negra desejável e atraente” (BUENO, 2016, p. 38), colaborou para propagar esse tipo de imagem.

Desde a reconstrução até ao presente, as mulheres negras trabalhadoras domésticas consideram o abuso sexual perpetuado pelo “homem da casa” como um dos seus maiores riscos ocupacionais. Tempo após tempo elas foram vítimas da extorsão no trabalho, forçadas a escolher entre a submissão sexual e a absoluta pobreza de si mesmas e das suas famílias (DAVIS, 2013, p. 69).

Os homens negros também são acometidos por estereótipos, suas imagens em diversas vezes é propagada atribuindo esses sujeitos aos personagens criminosos nas narrativas, sujeitos que estão presos, traficantes, moradores de favela, ou aos personagens dos malandros, preguiçosos, além dos frequentes serviços subalternos. Araújo (2004, p. 308) fala que os atores negros só possuem sua participação afirmada quando existem rubricas que evidenciam essa necessidade, mas essa problemática não é um fato único nas novelas, pois jornais, revistas e outras produções midiáticas também perpetuam essa lógica opressora.

Os dados apresentados no artigo *Modelo negra e comunicação na moda no Brasil: análise de conteúdo dos anúncios publicados na revista Vogue Brasil*, nos mostra que as modelos negras só aparecem em apenas 4% dos anúncios da revista, além de constatar que elas só aparecem quando as edições eram especificamente sobre cultura negra, além de raramente eram vistas representando algum produto (CORREA; SANTOS, 2012, p. 19-20).

Esse resultado ilustra como as pessoas negras são aprisionadas em uma universalização de sua identidade, não podendo exercer práticas que não estejam relacionadas com sua raça.

Christofoletti e Watzko (2009) no artigo *Mulheres negras nos jornais: exclusão, gênero e etnia*, realizaram um acompanhamento de três jornais catarinenses durante o período de cinco meses, tendo como resultado a constatação de que a imprensa não contribui para diversificação cultural, principalmente se tratando de etnia, e consonância a isso, promove a propagação de estereótipos, colaborando com a busca por um processo de embranquecimento. Os autores afirmam que “a mídia deveria ser uma arena de visibilidade democrática onde todas as camadas da população estivessem representadas” (CHRISTOFOLETTI; WATZKO, 2009, p. 104), o que não pode ser visto a partir da problemática discutida no artigo, já que além da propagação do estereótipo, as mulheres negras ainda são vítimas da invisibilidade.

Toda essa discussão reflete os discursos coloniais que fazem com que determinadas identidades sejam vistas como subalternas, para Collins (2015, p. 24) existe uma dimensão simbólica de opressão que utiliza de imagens de controle para definir a identidade desses sujeitos a partir de representações. Essas representações podem ser realizadas por meio de estereótipos ou de controle de imagens, que segundo a autora, se distinguem, pois a última pode ser benigna ou maligna, mas sempre afirmando relações de poder, como por exemplo, os homens brancos que dentro do imaginário social possuem a imagem de fortes e bem sucedidos, que mesmo sendo atribuídos diretamente a essas características positivas, não deixam de serem imagens de controle.

Segundo a autora, as relações entre dominação e subordinação estão diretamente ligadas à maneira em as imagens dos sujeitos são controladas. Collins (2015)²⁴ expõe através de uma listagem exemplos de características atribuídas ao gênero.

Quadro 1: Características atribuídas ao gênero

Masculino	Feminino
agressivo	passivo
líder	seguidora
racional	emocional
forte	fraca
intelectual	física

²⁴ COLLINS, Patrícia Hill. **Em direção a uma nova visão: Raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão.** In: Reflexões e práticas de transformação feminista/ Renata Moreno (org.). São Paulo: SOF, 2015. 96p. (Coleção Cadernos Sempre viva. Série Economia e Feminismo, 4).

Fonte: Patrícia Hill Collins, 2015, p. 24.

Mas a partir dessas características a autora não só expõe as imagens de controle relacionadas ao gênero, como também traz a reflexão que essas características geralmente são atribuídas quase exclusivamente às pessoas brancas e de classe média e alta, para Collins essas características não são aceitáveis se atribuídas a mulheres e homens negros, da classe trabalhadora, por exemplo. As imagens simbólicas inseridas e propagadas dentro da mídia continuam a moldar os olhares dos indivíduos para imagens que tornam as pessoas negras como sujeitos subalternos, “uma maneira de desumanizar uma pessoa ou um grupo é negar-lhes a realidade de suas experiências” (COLLINS, 2015, p. 26). As mulheres negras mesmo quando acometidas pelo controle de imagens, continuam a ser atribuídas a características negativas, essa é a diferença entre estereótipo e imagens de controle de mulheres negras no imaginário social, apesar de existir a possibilidade de propagar outras características ou outras ações, os corpos de mulheres negras historicamente são perpetuados através de questões negativas disseminadas pela branquitude²⁵.

A partir da perspectivas das mulheres negras americanas, Collins (2016, p. 99)²⁶, utiliza a expressão *outsider within*, que não possui uma tradução oficial para o português, mas o termo se assemelha com “forasteiro de dentro” ou “estrangeiro de dentro” para expor, utilizando a problemática das mulheres negras em ambientes em que sua presença é preterida. A autora parte da perspectiva que existem três pontos chaves para compreender o feminismo negro, são eles: 1) a autodefinição e autoavaliação das mulheres negras; 2) a natureza interligada da opressão; e 3) a importância da cultura das mulheres afro-americanas, “o pensamento feminista negro consiste em idéias produzidas por mulheres negras que elucidam um ponto de vista de e para mulheres negras” (COLLINS, 2016, p. 101).

O primeiro aspecto, da autodefinição e autoavaliação, se relaciona intimamente com a representação dessas mulheres que é feita dentro da mídia. Trazer para o centro da discussão não só essa problemática mas permitir que as próprias mulheres negras se definam para construir sua imagem real e integrar sua própria narrativa, sendo protagonistas de suas vidas,

²⁵ Definida por Cardoso (2011, p. 81) como “um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, e materiais palpáveis que colaboram para reprodução do preconceito racial, discriminação racial ‘injusta’ e o do racismo”.

²⁶ COLLINS, Patrícia Hill. **Aprendendo com o outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922016000100099&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 09 ago. 2017.

“definir e valorizar a consciência do próprio ponto de vista autodefinido frente a imagens que promovem uma autodefinição sob a forma do ‘outro’ objetificado é uma forma importante de se resistir à desumanização essencial aos sistemas de dominação” (COLLINS, 2016, p. 105), nessa direção sairemos das imagens de controle e buscaremos imagens reais e autodefinidas.

Requerem campanhas de caráter publicitário e pedagógico que tanto empreenderam a valorização social da imagem das mulheres negras como, simultaneamente, confrontem as diferentes práticas discriminatórias de que são alvo essas mulheres, sobretudo, no mercado de trabalho. (CARNEIRO, 2018, p. 278)

O desconforto sentido por mulheres negras e os estereótipos ali propagados se tornam a partir dessa perspectiva, um sentimento passado, a partir do autoconhecimento e como resposta as mulheres estarão preparadas para protagonizar suas próprias histórias. Collins (2016, p. 106) encerra o tópico afirmando que autodefinição e autoavaliação não são luxos, são necessárias para a sobrevivência da mulher negra. As políticas afirmativas dos últimos anos, a possibilidade e aumento de negros na educação superior e a articulação do movimento negro fizeram com que essa problemática ganhasse holofotes, o que antes não era visto ou problematizado, vem adquirindo cada vez mais indignação por parte dos sujeitos negros.

2.2 O PODER DO CONSUMO NA REPRESENTAÇÃO

Claramente existe uma problemática quando falamos de representação e representatividade negra na mídia. Mas o que é representação e o que é representatividade? A autora bell hooks (2019, p. 34) em *Olhares negros Raça e representação* fala que “é mais evidente que o campo da representação permanece um lugar de luta quando examinamos criticamente as representações contemporâneas da negritude e das pessoas negras”, nos fazendo refletir sobre quais os modos de representatividade estamos buscando na comunicação contemporânea.

Para aqueles que ousam desejar de modo diferente, que procuram desviar o olhar das formas convencionais de ver a negritude e nossas identidades, a questão da raça e da representação não se restringe apenas a criticar o status quo. É também uma questão de transformar as imagens, criar alternativas, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar alternativas críticas e transformar nossas visões de mundo e nos afastar de pensamentos dualistas

acerca do bom e do mau. Abrir espaço para imagens transgressoras, para a visão rebelde fora da lei, é essencial em qualquer esforço para criar um contexto para a transformação. E, se houve pouco progresso, é porque nós transformamos as imagens sem alterar os paradigmas, sem mudar perspectivas e modos de ver. (HOOKS, 2019, p. 36).

Um acontecimento recente, no ano de 2018, envolvendo a novela do horário nobre da Tv Globo, *Segundo sol*, recebeu críticas antes mesmo de sua estréia. A narrativa da novela acontecia no estado da Bahia - um dos estados com maior concentração de negros do país - praticamente não possuía atores negros no elenco. Nas redes sociais, principalmente *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*, as pessoas – em sua maioria negras – utilizaram-se desse espaço para questionar a falta de representatividade das pessoas negras na novela. Outro aspecto levantando pelos espectadores foi de que aparentemente os atores principais - brancos e não negros – passaram por seções de bronzeamento artificial, trazendo a tona uma busca por uma morenidade, mas sem chegar a negritude.

As marcas publicitárias também estão sendo monitoradas por esse público cada vez mais atento, e alguns casos vêm demonstrando essa atuação. A marca *Colgate*, que empreende uma linha de produtos de higiene oral e saúde bucal²⁷, ao divulgar os influenciadores digitais²⁸ que iriam compor o time de embaixadores do seu novo produto, o *Colgate Luminous*, surpreendeu ao exibir apenas uma pessoa negra – e negra de pele clara - dentro do seu quadro de onze pessoas. A discussão ganhou as redes sociais e muitos questionaram a empresa se as pessoas negras não poderiam fazer uso do produto, a *hashtag* *#SeNãoMeVejoNãoCompro*, reivindicava a presença de pessoas negras na publicidade. A marca emitiu um pronunciamento se desculpando e expandiu o seu quadro de embaixadores²⁹.

O público está cada vez mais atento a mídia, como meio de representatividade e vem buscando novas maneiras de discutir seus lugares nesses espaços. Com o advento das redes sociais e sua facilidade de comunicação, muitas pessoas negras estão usufruindo desse espaço para debater assuntos que estão diretamente ligados a sua identidade, mas ainda enfrenta-se o

²⁷ Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Colgate>>. Acesso em: 15 out. 2018.

²⁸ “Influenciadores digitais são formadores de opinião virtuais que representam uma alternativa para empresas que confiam na comunidade reunida em torno desses perfis como público-alvo de divulgação. Esses indivíduos expandiram conceitos de teorias consolidadas que versam sobre o processo de difusão de inovações e o fluxo comunicacional entre líderes de opinião e seguidores” (DE ALMEIDA et al., 2017, p. 116). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v22n1/1982-7849-rac-22-01-0115.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

²⁹ RAMOS, Aline. **Para a Colgate, aparentemente só pessoas brancas escovam os dentes no Brasil.** Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/ramosaline/colgate-embaixadores-brancos-racismo-representatividade?utm_term=.cfP1L33gy6#.gqaNjnnBJd>. Acesso em: 15 out. 2018.

incomodo por parte de pessoas brancas quando não se vêem nos lugares que já estão acostumados, o lugar do protagonismo. Um exemplo prático desse ponto foi da empresa *O Boticário*, que recentemente foi alvo de críticas e ataques racistas por produzir e veicular uma campanha do dias dos pais, com uma família afrocentrada. A empresa vem adotando em suas propagandas um discurso contra hegemônico pautado na diversidade. Viana e Belmiro (2019, p. 79) destacam que a questão racial não foi verbalizada em nenhum momento durante a propaganda, “o incômodo foi em razão de um personagem branco, historicamente acostumado a se ver representado e protagonista, não estar presente no filme”. Para os autores a sociedade brasileira não está acostumada a visualizar pessoas negras em lugares de destaque, sendo protagonistas em qualquer ação ou ambiente, o que ficou claro nos comentários feitos no *YouTube*, onde o vídeo foi publicado, alguns comentários apontaram “racismo reverso”³⁰, pois se sentiram excluídos.

Para Mielke³¹ (2017) o caso da jornalista Maria Júlia Coutinho que sofreu ataques racistas quando escalada para o quadro fixo do Jornal Nacional que desencadeou reações de insatisfação por parte dos sujeitos,

[...] é um bom exemplo da negação da diferença e da produção do racismo. Parte da sociedade não assume enxergar a diferença dela, a sua negritude. Mas bastou ela ocupar um lugar ao qual não era historicamente “destinada” para enxergarem a sua pretidão (MIELKE, 2017).

O diretor de filmes Jordan Peele também foi recebido com indignação ao afirmar que não pretendia trabalhar com protagonistas brancos em suas narrativas³², mesmo utilizando de argumentos extremamente válidos e relevantes, inúmeros comentários repudiaram a fala de Peele, alegando que o diretor estava realizando segregacionismo.

³⁰ Em entrevista a Carta Capital a intelectual Grada Kilomba afirma que o “racismo tem a ver com poder, com privilégios. A população negra não tem poder historicamente” (KILOMBA, 2018), dessa maneira ressaltamos que a discussão acerca de racismo reverso não é válida, pois para esse fato pudesse acontecer as pessoas negras precisariam estar em posições de poder para com as pessoas brancas, o que historicamente não acontece na nossa sociedade. KILOMBA, Grada. “O racismo é uma problemática branca”, diz Grada Kilomba. **Carta Capital**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/201co-racismo-e-uma-problemativa-branca201d-uma-conversa-com-grada-kilomba/>>. Acesso em: 15 set. 2018.

³¹ MIELKE, Ana Cláudia. Negros e mídia: invisibilidades. **Le Monde Diplomatique Brasil**. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/negros-e-midia-invisibilidades/>>. Acesso em: 23 dez. 2018.

³² “Não consigo me ver escalando um cara branco para o papel principal em nenhum dos meus filmes. Não é que eu não goste de caras brancos, eu só sinto que já vi esse filme antes” (PEELE, 2019). PALOPOLI, Ygor. **Jordan Peele diz que não pretende escalar brancos como protagonistas de seus filmes**. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-147111/>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

Os lugares que historicamente não são associados ou acessados por pessoas negras, atravessam o imaginário social e causam indignação por parte das pessoas brancas, como se o fato de obter tal bem ou ocupar tal lugar fosse um modo de afronta e opressão reversa. A autora hooks (2019, p. 76) fala que pesquisas de mercado na década de 1940 – momento em que os Estados Unidos (EUA) viviam a segregação racial de forma mais severa - mostraram que a maioria dos consumidores do refrigerante Pepsi era pessoas negras, esse resultado, fez com que a marca utilizasse mais imagens de pessoas negras em suas propagandas. Esse fato nos mostra a necessidade das empresas, dentro do sistema capitalista, em afetar diretamente seus consumidores. Como vimos no tópico anterior, alguns influenciadores digitais negros levantaram a questão *#SeNãoMeVejoNãoCompro* e as marcas precisam estar atentas para esse novo momento, não que ele seja totalitário, mas vem seguido de desconforto e questionamento perante as minorias. É preciso estar atento não só à questão de representatividade, mas também de representação, em uma mídia que historicamente controla as imagens dos sujeitos negros, não é suficiente termos uma pessoa negra em determinada narrativa se a representação desse sujeito é realizada de forma incoerente ou maldosa.

A estudiosa hooks (2019) disserta a respeito das produções visuais e critica a representação das mulheres negras no meio audiovisual, a autora fala que em nenhum momento as pessoas negras ficaram surpresas com o tipo de representação ali inseridas ou por não se enxergarem naquelas imagens, “a maioria das mulheres negras com quem conversei era irredutível ao dizer que nunca ia ao cinema esperando ver representações convincentes de feminilidade negras” (HOOKS, 2019, p. 221), ela fala que inclusive muitos sujeitos ou deixaram de frequentar cinemas, por exemplo, pelo motivo de não concordarem com os estereótipos ali propagados, ou como disse uma das mulheres entrevistadas “eu sempre podia ter prazer com os filmes, desde que não olhasse com profundidade” (HOOKS, 2019, p. 225), confirmando a não satisfação da representação de suas imagens nas produções midiática americanas.

Trazendo sempre consigo violências nas imagens ao representar mulheres negras como seres agressivos, lascivos ou que estão em nossa sociedade para servir a branquitude, as mulheres brancas possuíam o discurso e imagem universais de mulher, e as mulheres negras continuavam dentro do sistema de dominação tendo sua imagem atrelada à subalternidade.

Quando voltei a frequentar o cinema na juventude, depois de um longo período de silêncio, tinha desenvolvido um olhar opositor. Não só eu não era magoada pela ausência de mulheres negras, ou pela inserção de uma representação agressiva, como questionava a obra, desenvolvia uma forma de olhar além da raça e do gênero para aspectos de conteúdo, forma, linguagem (HOOKS, 2019, p. 226).

O poder de dominação (FOUCAULT, 1989) exercido nos corpos negros desde os tempos da escravidão reflete até hoje a partir de diversas perspectivas na nossa sociedade. A desigualdade social e suas imbricações trazem conseqüências graves no cotidiano da população negra. Dentro do imaginário social coletivo criaram-se determinadas representações dos sujeitos negros, e os meios de comunicação tiveram papel importante para a propagação do racismo na sociedade (RAMOS, 2007). Para a autora Silvia Ramos (2007, p. 8) a mídia deveria discutir “as dinâmicas da mídia frente às questões de raça e etnicidade”, pois assim estaria discutindo as matrizes do racismo no Brasil, mas o que pode ser visto nesses espaços é a propagação de estereótipos ou a invisibilidade desses sujeitos, levando-nos a discutir a respeito dos marcadores de diferença ali representados ou excluídos³³.

O consumo é uma prática social e está associada com as especificidades dos indivíduos, a partir de valores e signos que os sujeitos constroem no decorrer de sua vida, tendo como aporte, a formação de sua identidade, atrelada aos marcadores de diferenças simbólicos. Segundo Canclini (1995, p. 59) “o consumo é um processo em que os desejos se transformam em demandas e em atos socialmente regulados”, e quais os desejos dos sujeitos negros? Quando entramos no contexto da reivindicação pela valorização e respeito desses marcadores de diferenças, podemos encontrar na discussão da formação da opinião pública, uma ferramenta potente no quesito de mobilização. Essa discussão nos faz adentrar na perspectiva da formação da opinião pública no ciberespaço, em particular, nas redes sociais.

Para Canclini (1995, p. 15) as formas de consumir afetam nos modos de exercer a cidadania dos sujeitos e que o local a que esses sujeitos pertencem e os direitos que se obtêm estão diretamente ligados aos bens privados. Nesse momento repensamos em como a cidadania dos corpos dos sujeitos negros, dentro do imaginário social vem sendo retirada, a

³³ “Além de ser um caso exemplar dos mecanismos de reprodução das relações raciais, a mídia desempenha um papel central e único na produção e manutenção do racismo. Através dos meios de comunicação, especialmente dos meios de massa, como a televisão e o rádio, as desigualdades raciais são naturalizadas, banalizadas e muitas vezes racionalizadas. Em grande medida, através da mídia de massa as representações raciais são atualizadas e reificadas. E dessa forma, como ‘coisas’, circulam como noções mais ou menos comuns a toda a sociedade e como ideias mais ou menos sensatas” (RAMOS, 2007, p. 9).

política de trabalhar com as subjetividades dos indivíduos nas mídias de massa, apenas reproduz a branquitude como padrão ideal e universal e reforçam ainda mais esse apagamento por intermédio do racismo.

Os sujeitos que buscam a partir de uma estratégia política, a utilização de aparatos como a mídia de massa, por exemplo, para denunciar casos de abuso, opressão, fazem isso de modo que sua voz seja alinhada ao de outros sujeitos, como se ali estivesse um representante de toda a comunidade disposto a expor as dificuldades em que são acometidos. Mas se esses sujeitos, que tem o acesso a esses locais, são sujeitos brancos e sem reconhecimento de seus privilégios, quais casos de abusos e opressões serão vistos como universais? A voz de quais sujeitos será vista como representante? Para hooks (2019, p. 237) as “pessoas brancas nos filmes não conseguem ‘ver’ que a raça influencia suas relações com o olhar” e esse fato não ocorre apenas em produções midiáticas, mas é perpetuado no cotidiano da sociedade, influenciando de forma direta nas concessões dos direitos das pessoas negras, que são concedidos por pessoas brancas em um sistema político pautado na branquitude, machismo e heteronormatividade, que além de não conseguirem questionar seus privilégios, na maioria dos casos não enxerga a importância da representatividade, não no sentido de termos um representante de cada grupo social, mas termos uma proporcionalidade que retrate a realidade da nossa sociedade.

Mas estes avanços ainda são pequenos do ponto de vista da qualidade – é preciso garantir maior representatividade positiva do negro nos meios de comunicação – e também do ponto de vista da quantidade, visto que esta representatividade ainda está bem distante da proporção numérica da presença do negro na sociedade brasileira. (MIELKE, 2017)

Canclini aponta que “é neste jogo entre desejos e estruturas que as mercadorias e o consumo servem também para ordenar politicamente cada sociedade. O consumo é um processo em que os desejos se transformam em demandas e em atos socialmente regulados” (CANCLINI, 1995, p. 59), no mesmo modo que podemos associar o consumo tanto com as maneiras de se exercer cidadania, também podemos associá-lo a atribuição de poder. Assunto complexo quando relacionado às mulheres negras, que para Carneiro (2018, p. 270) “a relação entre mulher negra e poder é um tema praticamente inexistente. Falar dele é, então, como falar do ausente”, passagem essa que nos leva novamente a problemática da intersecção nas questões de raça e gênero abordadas no capítulo anterior.

Para Mielke (2017) “não se trata apenas de um debate sobre o consumo, mas do entendimento de que a não representatividade produz consequências devastadoras para a construção da identidade de um povo”, do mesmo modo que a representação desses sujeitos de forma incoerente com a realidade os retira sua humanidade e os reduz apenas ao olhar da branquitude, que por sua vez enxerga apenas os temas relacionados a si como importantes ou universais, “a criança negra afasta-se de si própria, de sua raça, em sua total identificação com a positividade da brancura que é ao mesmo tempo cor e ausência de cor” (BHABHA, 2007, p. 118), promovendo mais uma vez não só discursos, mas imagens do que é naturalizado como belo e padrão.

2.3 FORMANDO OPINIÃO: UMA ESTRATÉGIA DE CONSUMO, REPRESENTAÇÃO E PARTICIPAÇÃO

Benedita da Silva (2007, p. 22) em sua contribuição no livro *Mídia e racismo* traz a indignação ao discutir sobre invisibilidade midiática negra que para ela é “uma das grandes crueldades do racismo”, afirmando que esse fato é um instrumento de exclusão, como já discutido nessa pesquisa. Outros trabalhos também trouxeram ao longo dos anos suas percepções e resultados da utilização da mídia, principalmente da mídia de massa, como aparato que propaga desigualdade, e outros nos trazem recortes nos mostrando que mesmo com os avanços tecnológicos, as subjetividades de determinadas minorias podem continuar a mercê da discussão idealizada dentro da comunicação contemporânea e talvez a discussão de cultura participativa, tenha sido interpretada de forma equivocada por determinados sujeitos, por isso aqui se faz importante, não só discutir o conceito, como também associá-lo ao recorte que pesquisamos.

Quando dizemos que nossa cultura está em processo de se tornar mais participativa, falamos em termos relativos, ou seja, participativa em relação aos sistemas mais antigos de comunicação de massa, e não em termos absolutos. Não vivemos, e talvez nunca vivamos, em uma sociedade em que cada membro seja capaz de participar plenamente, em que a mais baixa das classes baixas tenha a mesma capacidade comunicativa que as elites mais poderosas (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 241).

Com os avanços tecnológicos e midiáticos, a sociedade traz para dentro de suas relações um novo imaginário, os modos *online* e *offline*, que se misturam, se completam e se

distinguem. O ambiente virtual agora é palco para novas formas de construir relações. Essa talvez seja a noção que permeia o imaginário de algumas pessoas quando pensamos nesses avanços, principalmente nas novas plataformas midiáticas, as redes sociais, por exemplo. Espaço que não garante, mas coopera para que as informações sejam propagadas com mais velocidade e que os espectadores, agora sejam também produtores. A aproximação dos indivíduos não só a partir da lógica física, de localização, mas a possibilidade de aproximação com pautas que anteriormente não eram mencionadas, esses são apenas alguns pontos da *web 2.0*, que realizou uma revolução de caráter internacional. Sobre as redes sociais, por exemplo, atualmente é bastante raro encontrar pessoas que não se comuniquem através de aplicativos como *Whatsapp* ou *Telegram*, ou que não participem de ambientes virtuais como *Facebook* ou *Instagram*, ou que não acessem a plataforma de vídeos *YouTube*, seja para assistir a vídeos, escutar músicas, estudar ou produzir seus próprios conteúdos.

Essa mudança – de distribuição para circulação – sinaliza um movimento na direção de um modelo mais participativo de cultura, em que o público não é mais visto como simplesmente um grupo de consumidores de mensagens pré-construídas, mas como pessoas que estão moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos de mídia de maneiras que não poderiam ter sido imaginadas antes. E estão fazendo isso não como indivíduos isolados, mas como integrantes de comunidades mais amplas e de redes que lhes permitem propagar conteúdos muito além de sua vizinhança geográfica (JENKINS, FORD E GREEN, 2014, p. 24).

E é dentro dessa discussão de circulação de informações e também da proposta *Do It Yourself*, que entendemos um pouco das novas formas de consumo, aquele que era espectador, agora pode ser produtor. Os produtos culturais consumidos se reconfiguram através de novos modelos de poder, agora nesse momento, os *views*, as curtidas, os compartilhamentos dessas produções, são a nova moeda desse mercado.

O crescimento da comunicação em rede, especialmente quando associada às práticas da cultura participativa, cria uma diversidade de novos recursos e facilita novas intervenções para uma variedade de grupos que há muito tempo lutam para se fazer ouvir. Novas plataformas criam aberturas para mudanças sociais, culturais, econômicas, legais e políticas, além de constituírem oportunidades para a diversidade e a democratização, pelas quais vale a pena lutar. Os termos dessa participação, todavia, estão ainda por ser definidos e serão formatados por um conjunto de batalhas legais e econômicas que veremos se desenrolar nas próximas décadas (JENKINS, FORD E GREEN, 2014, p. 20).

Os meios de comunicação como já vimos aqui, possuem papel significativo na construção ideológica dos sujeitos dentro da sociedade, ela se configura como um “[...] espaço de legitimação e validação identitária” (GUIMARÃES; PINTO, 2006, p. 30 apud SANTOS, 2015, p. 15), na Tv podemos enxergar os marcadores de diferenças ali reproduzido e reafirmar essas representações. Podemos então pensar que novas imagens são construídas dentro do imaginário social ou imagens antigas são perpetuadas dentro dos lares (BORELLI, 2001, p. 30 apud SANTOS, 2015, p. 30), desencadeando um modelo padrão nos comportamentos.

A representação das pessoas negras na mídia é ligada a reprodução de estereótipos, que para Martino (2014, p. 25) é “um conhecimento imediato e superficial, ganhando em tempo o que perde em profundidade”, são ferramentas que nos auxiliam a identificar categorias semelhantes a partir de situações e conhecimentos anteriores. A problemática dos estereótipos para o autor é que “essa representação, quando utilizada por um grande número de pessoas, tende a ganhar o status de verdade” (MARTINO, 2014, p. 25). Esse modelo antigo faz com que os sujeitos negros sejam “[...] desafiados a repensar, artistas e intelectuais negros insurgentes buscam novas formas de escrever e falar sobre raça e representação, trabalhando para transformar a imagem” (HOOKS, 2019, p. 33), fazendo com que o fato de resistir por parte desses sujeitos seja um ato político de mudança e sobrevivência.

Existe uma conexão direta e persistente entre a manutenção do patriarcado supremacista branco nessa sociedade e a naturalização de imagens específicas na mídia de massa, representações de raça e negritude que apóiam e mantêm a opressão, a exploração e a dominação de todas as pessoas negras em diversos aspectos (HOOKS, 2019, p. 33).

Para hooks (2019, p. 34) “é mais evidente que o campo da representação permanece um lugar de luta quando examinamos criticamente as representações contemporâneas da negritude e das pessoas negras”, enquanto pessoas negras não se posicionarem a respeito, reivindicando uma representação que condiz com a realidade, e enquanto os sujeitos brancos forem incapazes de enxergar a intersecção desses marcadores, continuaremos a reproduzir essas imagens.

Se muitas das pessoas não negras que produzem imagens ou narrativas críticas a respeito da negritude e das pessoas negras não questionarem suas perspectivas, elas podem simplesmente recriar a perspectiva imperialista – o

olhar que procura dominar subjulgar e colonizar. Isso em especial para pessoas brancas que observam e falam sobre negritude (HOOKS, 2019, p. 41).

Para isso precisamos estar dispostos a pensar de forma criteriosa a respeito da representação, da representatividade, do consumo e também da formação de opinião a que os sujeitos negros são acometidos. Enquanto a mídia, a política, as produções culturais e outros aparatos continuam a definir líderes de opinião, que não representem as subjetividades dos indivíduos negros, por exemplo, esse processo pragmático continuará a ser perpetuado. Por isso também é preciso compreender os modos em que atualmente não só estamos utilizando da opinião pública para reivindicar mudanças nas práticas de representatividade, como também incentivar a discussão a respeito dos influenciadores de opinião e suas práticas atreladas ao combate do racismo e machismo.

Essa movimentação na comunicação contemporânea nos deu no sentido de sociedade em geral, uma esperança de voz, ou sentimento de pertencimento. Utilizar dessas ferramentas para difundir informações, se conectar com outros indivíduos ou e produzir qualquer conteúdo, virou necessário na nossa sociedade, a opinião ganhou um mercado. Trabalhamos acadêmicos recentes como *O príncipe digital: estruturas de poder, liderança e hegemonia nas redes sociais*, tese de doutorado da pesquisadora Máira Bittencourt (2016), traz uma contribuição de bastante relevância para essa temática, pois a partir desse trabalho, podemos trazer novas perspectivas a respeito das reconfigurações da formação da opinião pública, a partir da atuação dos influenciadores digitais. Para Bittencourt, um líder de opinião “são todos os influenciadores de opinião no ambiente *online*, sejam eles partes dos ‘Laços Fortes’ (amigos e familiares) ou fracos (jornalistas, comunicadores, *youtubers*, etc.) [...] aqueles que com suas ideias influenciam as opiniões de seus grupos de seguidores” podem ser definidos como líderes de opinião (BITTENCOURT, 2016, p. 236).

O líder de opinião difunde as mensagens (digamos, uma função de propagação), mas ao fazerem isto não podem deixar de exercer uma função de selecionar aquelas que julgam pertinentes (função filtro), além disso, também podem, e frequentemente o fazem, “editam”, recortam, comentam, avaliam e, portanto, transformam estas mensagens (MARTINO, L. C., 2009, p. 3).

O ato de consumir e como consumir está totalmente atrelado a que lugar você ocupa. Os marcadores de diferenças mencionados neste trabalho nos mostram que a todo o momento,

em vários aspectos do cotidiano dos sujeitos, a leitura realizada pela sociedade desse lugar ou não lugar, desencadeia em resultados que implicam no consumo e construção social.

Quando vemos a proliferação de objetos e de marcas, de redes de comunicação e de acesso ao consumo, a partir da perspectiva dos movimentos de consumidores e de suas demandas, percebemos que as regras – móveis – da distinção entre os grupos, da expansão educacional e das inovações tecnológicas e da moda também intervêm nestes processos (CANCLINI, 1995, p. 54).

Os formadores de opinião ou influenciadores digitais, que iremos falar aqui, possuem um papel importante na perspectiva do consumo das marcas e dos discursos. Um influenciador digital negro traz com sua imagem a discussão da representatividade midiática daquela minoria e conjuntamente a abertura de uma discussão da raça e os marcadores que podem estar relacionados. Dentro do contexto da cultura participativa e dos valores e significados dados à influência que esses sujeitos exercem, pensamos nas inúmeras ligações identitárias que surgem e atendem as interações sociais dentro dos processos da comunicação contemporânea.

Muitas pessoas negras se recusam a avaliar nossa condição presente porque elas não querem ver as imagens que podem forçá-las a militar. Mas a militância é uma alternativa à loucura. E muitos de nós estão adentrando os domínios da loucura. Como Pecola, no romance *O olho mais azul*, de Toni Morrison, as pessoas negras se afastam da realidade porque a consciência é dolorosa demais. No entanto, só nos tornamos mais conscientes quando começamos a ver com clareza (HOOKS, 2019, p. 39).

Sueli Carneiro (2018) compreende os avanços da discussão racial afirmando que a maior delas se realizou dentro da educação e atribui às ações do Movimento negro no país para que chegassem a esse resultado. Porém a autora critica a falta diálogo por parte da política, mercado, mídia, que insistem em agir como detentoras da mudança em busca por diversidade. Para Carneiro, o mercado continua ditando as regras e controlando as imagens, estabelecendo agora um novo modelo do sujeito negro, “lutamos por produtos específicos para a nossa população, mas não conseguimos determinar as características desse produto. É o mercado que o faz” (CARNEIRO, 2018, p. 148), a crítica da autora traz a tona os interesses do mercado nas relações sociais.

Para Carneiro existem dois tipos de interesses, o primeiro é de “ordem política, visa amortizar a crescente tomada de consciência e a capacidade reivindicatória dos afrodescendentes, especialmente o segmento mais jovem, assim impedindo que o conflito racial se explicita com toda a radicalidade necessária para promover a mudança social” (CARNEIRO, 2018, p. 149) e o segundo interesse, na verdade é de ordem econômica que “é determinado pela lógica de mercado estabelecidos pelo capitalismo globalizado, ávido por novos mercados, o qual antevê, na potencial consolidação de uma classe média negra, a viabilização de um novo mercado consumidor” (CARNEIRO, 2018, p. 149), o que nos lembra por exemplo o caso exposto por bell hooks (2019), no qual a Pepsi passou a utilizar a imagem de pessoas negras em seus comerciais após pesquisa que detectou que a maioria de seus consumidores eram negros.

Os influenciadores digitais negros vêm a partir de suas práticas, não só moldar novas formas de consumo, reconfigurando e despertando o diálogo crítico dos indivíduos negros e marcas publicitárias, por exemplo. Essa discussão vem para ampliar e apoiar o que já era feito pelo Movimento negro no país desde a década de 70. Talvez o grande ponto desses indivíduos seja produzir conteúdos que gerem identificação com seu grupo social, é preciso estar atento não só aos desejos dos indivíduos que os seguem, mas alerta às novas estratégias que combatam o racismo.

Imaginar influenciadores digitais negros que utilizam de seu trabalho para tratar questões políticas nos faz refletir sobre como a discussão da raça não pode ser deixada de lado, mas como nos alerta Carneiro (2018), o interesse do mercado econômico pode utilizar desses influenciadores digitais, para passar uma imagem de política de diversidade e igualdade e consonância a isso, conseguir afetar a um determinado grupo, que dependendo das especificações do produto ou da imagem que gere identificação, se tornará um consumidor de tal mercado.

Os influenciadores tendem a ter uma aproximação maior com os seguidores em detrimento da lógica da identificação do discurso e de vivências. Para Renata Othon (2017), esses sujeitos são vistos mais como consumidores do que influenciadores “por isso que a opinião deles sobre um produto ou uma experiência ganha credibilidade e pode influenciar o ciclo do consumo de seus seguidores” (OTHON, 2017, p. 86).

As pessoas são influenciadas pelos grupos aos quais pertencem e podem ser influenciadas também por grupos que ela não pertence. Existem também os

grupos de aspiração, que são aqueles que a pessoa deseja pertencer, e os grupos de dissociação, que são aqueles cujos valores ou comportamento a pessoa rejeita (KOTLER, 2000, p 185).

O consumo está de fato associado ao poder, e quem tem esse poder? A cultura participativa por si só não dará acesso e visibilidade a todos. É preciso que isso esteja totalmente claro dentro do imaginário social, cair no discurso de que esse momento da comunicação contemporânea que estamos vivendo, seja precursor de relações mais justas no imaginário social, pode ser um grande equívoco.

Dentro da nossa discussão de invisibilidade das pessoas negras, poderíamos pensar através do conceito de cultura participativa e da facilidade de acesso aos sites de redes sociais, que essas pessoas teriam a oportunidade de se tornar visíveis através da reverberação de suas próprias vozes, de certa forma, é isso que acontece, essas vozes estão se reverberando e levantando discussões que anteriormente não recebiam visibilidade por parte da mídia, mas dentro desse momento e discussão podemos estar compreendendo e relacionando esses conceitos de forma equivocada.

Pensar no consumo dentro de uma cultura participativa nos faz entender que diferentes tipos de representação estão surgindo, precisamos direcionar os nossos olhares para isso e almejar não só uma mídia mais diversa, mas que também propague as representações fiéis a realidade e possibilidades de todos os grupos sociais. Por isso no capítulo seguinte buscaremos compreender a partir da perspectiva da cultura participativa como as mulheres estão se apropriando das redes sociais não somente para construir uma narrativa de reivindicação mas como também apresentar novos modelos de representação a partir do ciberfeminismo.

CAPÍTULO III

Grupos minoritários estão cada vez mais se apropriando das novas tecnologias como ferramenta de mobilização. As interações sociais estabelecidas no modo *offline* ao atravessarem para o ambiente *online* estão desencadeando novos modelos de reivindicação. O presente capítulo trará a discussão do ciberfeminismo e suas implicações dentro da sociedade a partir da apropriação das novas mídias pelo movimento de mulheres na luta para ocupar todos os espaços. Aqui faremos um breve resumo histórico buscando compreender como se deu esse processo e iniciaremos uma breve contextualização do *YouTube* – rede social que faz parte do objeto de pesquisa do trabalho – e suas implicações no ciberfeminismo no Brasil.

3.1 MOBILIZAÇÕES SOCIAIS NO AMBIENTE DIGITAL

Desde o surgimento da Internet e suas inúmeras aplicabilidades até os dias atuais, muitas ferramentas foram descobertas, redescobertas, rejeitadas, criadas e recriadas. As interações sociais que aconteciam no espaço *offline* ganharam um espaço novo e repleto de novas possibilidades. Se pudermos utilizar uma expressão que contemple essas novas ferramentas e as interações sociais no espaço *on-line*, poderia ser “novas possibilidades”, principalmente nas relações sociais que são constituídos pelas interações sociais e troca de informações. Raquel Recuero (2009) fala que não há hierarquia nessas relações sociais, pois o objetivo é facilitar o processo de disseminação e compartilhamento de conteúdo. As transformações vindas juntamente com a modernidade, trazem com elas uma perspectiva nova em relação às práticas do cotidiano.

Essas novas formas de sociabilidade, as novas tecnologias, a internet, o ciberespaço e as redes sociais se tornam objetos de estudo cada vez mais frequentes, aonde os comunicadores, antropólogos e cientistas sociais buscam estudar as novas formas de interação social e suas influências na sociedade atual, a partir de interesses em comum e relações estabelecidas no espaço virtual, da representação do eu pelo outro.

As práticas comunicacionais que estão acontecendo no ciberespaço, nos trazem diversas facilidades e novas leituras em relação à discussão de questões sociais que por muitos anos não eram pautadas dentro da mídia tradicional, como vimos no capítulo anterior. Para André Lemos (2003) “não se trata mais uma vez, de substituição de formas estabelecidas de relação social (face a face, telefone, correio, espaço público físico), mas do surgimento de

novas relações mediadas”³⁴, enquanto Levy (1999, p. 17) afirma que a cibercultura é “um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” e tem como valor a universalidade, a tentativa da mídia de realizar interligações entre as informações, as máquinas e os homens, enquanto o ciberespaço “não especifica apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LEVY, 1999, p. 16). A mídia deve ser pensada como um processo de mediação aonde os significados são produzidos, oferecidos ou transformados, num mundo cada vez mais baseado numa ideologia de direito do indivíduo do consumo, é possível ouvir diversas vozes buscando legitimidade em seus anseios (SILVERSTONE, 2002).

A noção de redes sociais busca apoiar “a análise e descrição daqueles processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias” (BARNES, 1987, p. 163). Uma rede social é composta por um conjunto de dois elementos: os atores sociais (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões, chamadas de laços sociais. No ciberespaço não são os atores sociais que atuam, mas suas representações. As redes sociais por fim são constituídas de atores sociais virtuais, que representam e expressam suas individualidades no espaço de interação.

[...] entender como os atores constroem esses espaços de expressão é também essencial para compreender como as conexões são estabelecidas. É através dessas percepções que são construídas pelos atores que padrões de conexões são gerados (RECUERO, 2009, p. 27).

Novas práticas sociais surgem através dessa interação nas redes sociais, a produção e divulgação de conteúdos são resultados desta interação como, por exemplo, o compartilhamento de fotos, vídeos e textos. Os sujeitos sociais são fundamentais no entendimento dos fatores e das formas de apropriação e (re)significação de sentidos que frequentam a pluralidade dos discursos contemporâneos (MARTÍN-BARBERO, 2003).

³⁴ LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Cibercultura. Alguns Pontos para compreender a nossa época.** In:_____. Olhares sobre a Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003, p.11-23. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/237248286_cibercultura_alguns_pontos_para_compreender_a_nossa_epoca>. Acesso em: 03 mar. 2019.

Em nossa sociedade, o espaço público dos movimentos sociais é construído como um espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado: conectando o ciberespaço com o espaço urbano numa interação implacável e constituindo, tecnológica e culturalmente, comunidades instantâneas de prática transformadora (CASTELLS, 2013, p. 20).

Acerca dos movimentos sociais Castells (2013, p. 131) aponta que “as redes sociais digitais baseadas na internet e nas plataformas sem fio são ferramentas decisivas para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir”. Para o autor os movimentos sociais surgem a partir de conflitos específicos na sociedade, resultantes de revoltas de determinadas experiências e vivências. Para o autor a utilização das redes sociais nesse processo de mobilização, acaba inspirando outros movimentos, mesmo sendo em contexto social diferente. Para ele “ver e ouvir protestos em outro lugar” (CASTELLS, 2013, p. 131) pode instigar e inspirar o surgimento de novas mobilizações em detrimento de insatisfações que até então não haviam sido problematizadas.

Os movimentos são simultaneamente locais e globais. Começam em contextos específicos, por motivos próprios, constituem suas próprias redes e constroem seu espaço público ao ocupar o espaço urbano e se conectar as redes da internet. Mas também são globais, pois estão conectados com o mundo inteiro, aprendem com outras experiências e, de fato, muitas vezes são estimulados por essas experiências a se envolver em sua própria mobilização (CASTELLS, 2013, p. 130).

A urgência de uma discussão que traz em seus tópicos centrais as questões identitárias que englobem raça, gênero e classe, por exemplo, encontrou na utilização das redes sociais um espaço que talvez pudesse revolucionar as novas formas de ativismo. Essas novas possibilidades de mobilização por intermédio do ambiente digital é denominada como ciberativismo, uma estratégia para “formar coalizões temporais de pessoas” (UGARTE, 2008, p. 81) que ao utilizarem do ambiente digital acabam por gerar debates que podem desencadear em transformações sociais (UGARTE, 2008).

Partindo desse ponto de redes sociais como um meio de interação e aproximação de pessoas movidas por interesses em comum, diversas pautas são discutidas em rede, as temáticas negras são algumas delas. Questões como racismo são expostas e discutidas por pessoas negras que passam por determinadas situações e relatam nas redes suas experiências. Enquanto grupos e coletivos a partir do desconforto e indignação pelos motivos citados por

Castells criam em fóruns, grupos ou páginas um local de interação, algumas vezes para promover a deliberação de medidas de combate ao racismo.

As redes sociais se tornaram ferramentas potentes para organizar e articular as práticas vivenciadas pelos atores sociais no meio *online*, construindo novas narrativas e novas formas de pertencimento, buscando “satisfação de seus desejos e necessidades econômicas, sociais, políticas e principalmente culturais” (LINHARES, 2006, p. 161). As novas tecnologias e principalmente o uso das redes sociais trariam alterações nas novas formas de reivindicação. O entendimento de um novo momento na história, que agora coloca como centro as identidades dos sujeitos, é de fundamental importância para compreender os próximos passos.

3.2 CONSTRUINDO UMA REDE FEMININA ATIVISTA

O ativismo digital compreendido por Moraes (2001)³⁵ como uma forma de utilizar-se das novas tecnologias e da internet como meio para “[...] divulgar suas reivindicações e desenvolver espaços de interação e de mobilização pelos direitos da cidadania”, propõe através da apropriação dessas ferramentas uma nova maneira de mobilizar os indivíduos. A internet se converteu em um elemento essencial para difundir informação, trocar opiniões, coordenar estratégias e realizar ações com a intenção de construir uma discussão mais igualitária. O movimento feminista devido à aproximação cada vez mais estreita entre as mulheres e a internet, se apropriou desse espaço como uma ferramenta potente para fomentar o debate.

Na busca não só pela crítica ao machismo enraizado dentro da sociedade patriarcal, o movimento feminista começou a tecer críticas da relação entre tecnologia e gênero, que com sua exclusão não só deixava as mulheres em uma posição inferior, mas todo e qualquer grupo que fosse visto como minoria (NATANSOHN, 2013). O movimento de mulheres percebeu que através da utilização dessas ferramentas poderia surgir uma estratégia de empoderamento feminino, por isso era necessária políticas que incentivassem programas de conhecimento tecnológicos para mulheres. Para Graziela Natansohn, o movimento feminista só começou a perceber recentemente que essa discussão não diz respeito apenas à capacitação de mulheres na tecnologia, mas também “de entender o alcance político e social da cultura digital e do

³⁵ MORAES, Dênis de. **O ativismo digital**. Biblioteca Online de Estudos da Comunicação, 2001. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>>. Acesso em: 08 de abril de 2019.

entorno tecnológico como forma de vida contemporânea, como o ambiente aonde se desenvolve a nossa vida e nossas lutas” (NATANSOHN, 2013, p. 23-24).

3.2.1 Manifesto ciborgue e o início do pensamento ciberfeminista

Donna Haraway (1984) em seu texto *Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*, traz a discussão das novas tecnologias a partir da perspectiva do movimento feminista. A autora também tece críticas sobre como o movimento feminista radical produzia uma discussão universal do “ser mulher” a partir de uma política identitária, não levando em consideração outras identidades e a diversidade entre as mulheres. Para Haraway (1995, p. 21) “a objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto”. A autora afirma também que “precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro” (HARAWAY, 1995, p. 16). Essa reflexão dialoga inteiramente não só com o objeto de pesquisa aqui trabalhado, mas também com as teorias discutidas até o momento, pois ainda é preciso compreender a diversidade dentro dos movimentos sociais e trabalhar a problemática da exclusão e opressão com base na interligação entre os marcadores de diferenças.

Essa confusão de fronteiras é necessária para que a autora repense as questões de gênero, de sexualidade, raça e tecnociência, uma vez que a passagem das tradicionais dominações hierárquicas para um sistema de dominação baseado na informática global coloca em cena novas formas de poder e, com elas, novas configurações e significados de sujeitos (FONTGALAND; CORTEZ, 2015)³⁶.

Haraway (2009, p. 36) fala que o ciborgue é “um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção” e também afirma que é uma criatura pós-gênero, o que nos leva a pensar a respeito da estrutura da apropriação fora do contexto binário masculino/feminino, por exemplo, pensando que a partir do uso das novas tecnologias, novos tipos de identidades e subjetividades podem se formar a partir dessa conexão entre máquinas e organismos (LEMOS, 2009). Citando

³⁶ FONTGALAND, Arthur; CORTEZ, Renata. Manifesto ciborgue. 2015. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/obra/manifesto-ciborgue>>. Acesso em: 08 de abril de 2019.

Haraway, Marina Lemos (2009, p. 50) fala que “a autora vê aí uma possibilidade para uma ‘nova escrita’ da qual as mulheres deveriam se apropriar para assim criarem uma nova história que fosse descentrada de mitos de origem e de uma história dialética”.

Para Fontgaland e Cortez (2015) é a partir dessa discussão que se faz necessária a apropriação da tecnologia por parte das mulheres, numa busca para se opor as dualidades anteriores que não reconheciam ou pensavam na diversidade a partir das identidades, enquanto para Ana de Miguel e Montserrat Boix (2013, p. 46) o ciborgue “nos sugere a possibilidade de um novo sujeito ontológico e político que supere os dualismos que subjazem à lógica da dominação: mulher-homem, natureza-técnica, físico-intelecto, escravo-amor”, pensando numa perspectiva na qual as inúmeras subjetividades precisam ser colocadas no centro do debate.

O corpo do ciborgue, na perspectiva ciberfeminista, se considera transgressor à ordem da cultura dominante, não tanto por ser uma natureza construída, e sim pelo seu design híbrido. Se tornar ciborgue nesse caso, exigiria que as feministas estivessem taticamente preparadas para a desestabilização do pensamento binário ocidental através do estado híbrido e entre fronteiras, isto é, transformar a figura ficcional do ciborgue em um conceito e um *modus operandi* para o uso das tecnologias de comunicação como forma de articulação para o feminismo (LE MOS, 2009, p. 54).

O *Manifesto Ciborgue* deixou uma contribuição muito importante para o movimento feminista, além de contribuir com a construção do conceito do ciberfeminismo, que apesar de se aproximar inicialmente apenas na questão estética, através da conexão entre arte e tecnologia, abriu portas para que outras formas de ciberfeminismo pudessem surgir nos anos seguintes.

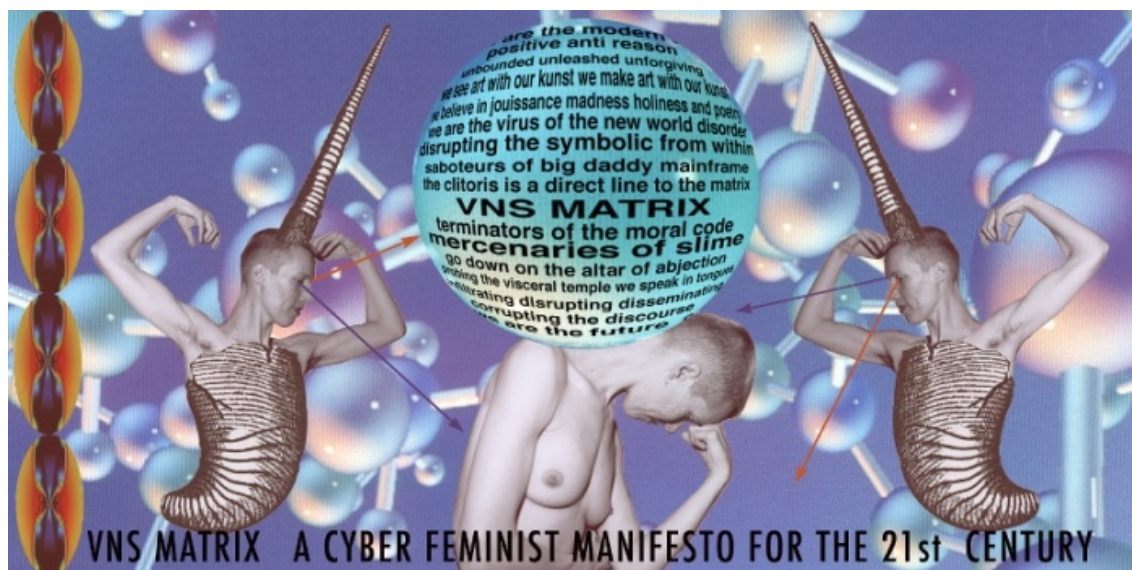
3.2.2 Compreendendo o ciberfeminismo

O ciberfeminismo surgiu por volta dos anos 1990 a partir do desenvolvimento das tecnologias, e com a inserção do uso dos computadores e internet no cotidiano, as pautas sociais ficavam cada vez mais próximas dos sujeitos. Essa aproximação também se estabeleceu no dia a dia das mulheres, construindo suas narrativas a partir de novas ferramentas. Para Azzellini e Martino “a inserção do discurso feminista nas redes, o

ciberfeminismo é, fundamentalmente, uma contestação a nível artístico, filosófico e político das estruturas envolvendo gênero e tecnologia” (AZZELINI; MARTINO, 2017, p. 2).

O termo ciberfeminista surgiu em 1991 a partir da publicação de um manifesto (Figura 1, p. 77)³⁷ do grupo australiano VNS Matrix, composto por midiartistas em homenagem a Donna Haraway e o *Manifesto Ciborgue*. A propagação do manifesto se deu principalmente através de emails. Para Juliana Pierce³⁸, uma das líderes do grupo VNS Matrix, o conceito estava surgindo também em outras partes do mundo em resposta ao movimento *ciberpunk*, mas ganhou força devido ao interesse das mulheres na conexão entre teoria feminista e tecnologia (DE MIGUEL; BOIX, 2013, p. 55). Levando a abordagem feminina para o contexto da tecnologia ao longo dos anos 90, o grupo se utilizou de diversos aparatos como jogos e intervenções artísticas para ocupar todos os espaços (AZZELLINI; MARTINO, 2017).

Figura 1 - Manifesto Ciberfeminista para o século 21, VNS Matrix, 1991



Fonte: Transmediale, 2012.

³⁷ VNS MATRIX. *A Cyberfeminist Manifesto for the 21st Century*. Disponível em: <<https://transmediale.de/content/a-cyberfeminist-manifesto-for-the-21st-century>>. Acesso em 28 mar. 2019.

³⁸ “A versão atualizada do ciberfeminismo é mais sobre *networking*, *webgrrrls*, garotas geek, *FACES8*, *OBN*, publicações online, prospecção de carreiras, lista de servidores e conferências internacionais. É sobre *HybridWorkspace 9e* e as 100 antíteses, é sobre arrecadar subsídios e financiamentos e criar oportunidades para se encontrar e fazer trabalhos. É sobre treinamentos e criação de oportunidades, fazer dinheiro, negócios e acordos. É abraçar a diversidade e a diferença, ser opinativa, ser barulhenta e ficar quieta em certos momentos. Mas a chave de tudo isso é informação: na sociedade da informação, para ficar à frente, você precisa controlar a mercadoria. Informação é política, é uma arma, e quanto mais conhecimento nós temos, mais poderosos nós somos” (PIERCE, 1998 apud AZZELLINI; MARTINO, 2017, p. 13).

O ciberativismo em seu início não só levantava a discussão da ocupação feminina em todos os espaços, mas manifestava-se através de produções artísticas não deixando de lado a discussão histórica das mulheres no mundo. Em *Zeros and Ones* (1997), uma importante contribuição para o início da discussão do movimento ciberfeminista – juntamente com o grupo VNS Matrix – Sadie Plant parte de uma teoria pós-ciborgue, discorrendo sobre como as mulheres sempre estiveram envolvidas com o uso da tecnologia, desde os trabalhos com operações de telefone, datilografia, máquinas de lavar e outros. Lemos (2009, p. 57) afirma que o objetivo do livro de Plant (1997) era “recuperar a figura feminina perdida na história das tecnologias”, promovendo através de uma contextualização histórica, partindo da história de Ada Lovelace, a primeira programadora de computadores do mundo, a relação entre mulheres e tecnologia, mostrando que as mulheres “são máquinas inteligentes, que a robótica é feminina, que o zero –o nada no código binário – sempre foi o *0-utro*, o feminino” (LEMOS, 2009, p. 58).

A relação entre mulheres e máquinas na perspectiva de Plant (1997) era algo muito antigo e fazia parte da história do desenvolvimento da tecnologia. O manifesto do grupo *VNS Matrix* em 1991 trouxe para as discussões de mulheres o termo ciberfeminismo, mas somente no ano de 1997, na Primeira Internacional Ciberfeminista, em Kassel na Alemanha, que o movimento ganhou estatura oficial (LEMOS, 2009), reunindo “mulheres e grupos com diferentes origens, culturas e atuações que através de workshops, debates e apresentações discutiram novas maneiras de representação e atuação da mulher nos meios tecnológicos” (OLD BOYS NETWORK, 1997). Buscando não definir o termo ciberfeminismo para fazer com que a corrente de pensamento fosse ampla e sem amarras, o grupo *Old Boys Network* (OBN) escreveu o manifesto 100 Anti-theses³⁹, no qual constavam cem proposições do que o movimento ciberfeminista não se tratava, “devido às suas mais variadas formas de apropriação e expressão, o cyberfeminismo não se encaixaria num conceito único” (BARROS, 2009, p. 6).

³⁹ “O ciberfeminismo não é separatismo; o ciberfeminismo não é tradição; o ciberfeminismo não é maternalista; o ciberfeminismo não é uma fronteira; o ciberfeminismo não é sem conexão; o ciberfeminismo não está à venda; o ciberfeminismo não é natural; o ciberfeminismo não é alter-ego; o ciberfeminismo não é triste; o ciberfeminismo não é uma falta...” OLD BOYS NETWORK. **100 anti-theses**. 1997. Disponível em: <http://www.obn.org/reading_room/manifestos/html/anti.html>. Acesso em 28 mar. 2019.

Para Alex Galloway a discussão estabeleceu-se a partir de duas correntes, o “ciberfeminismo radical”, tendo como referência o “Manifesto de la Zorra Mutante” do grupo *VNS Matrix*, e o “ciberfeminismo conservador”, do grupo *OBS (Old Boys Network)*. De Miguel e Boix (2013, p. 56) ainda acrescentam uma terceira vertente, o “ciberfeminismo social”, no qual as autoras falam que em paralelo à discussão dos dois grupos existia uma conexão a partir da discussão dos direitos humanos, “estabelecendo pontes entre estes movimentos e o feminismo e proclamando o uso estratégico de novas tecnologias e do espaço virtual na transformação social” que busca pelo empoderamento das mulheres através da luta contra a sociedade patriarcal e suas implicações (DE MIGUEL; BOIX, 2013, p. 57-74).

Na Segundo Internacional Ciberfeminista, que aconteceu em 1999 em Roterdão, na Holanda, ao contrário das antíteses produzidas no primeiro encontro, as participantes pensaram em concepções que poderiam expandir as ações do ciberfeminismo nos próximos debates. A ideia de pensar no ciberfeminismo a partir das múltiplas identidades e diferenças permeou as concepções ditas e estabeleceu como estratégia a luta pela diversidade (FARIAS, 2015).

O ciberfeminismo coloca em discussão a utilização da tecnologia como ferramenta de ativismo, com o debate acerca do ciberespaço e cibercultura ganhando força e o aumento da utilização da internet no cotidiano dos indivíduos, o surgimento do ciberfeminismo foi necessário. Para De Miguel e Boix, o ciberfeminismo se alinhava ao movimento feminista a partir da apropriação do ciberespaço para promover suas estratégias, utilizando das novas tecnologias como “ferramenta para a emancipação e empoderamento das mulheres” (DE MIGUEL; BOIX, 2013, p. 164).

Para Haraway (1985, p. 47) a base da discussão em torno da conexão entre gênero e tecnologia, era a “o de utilizar as tecnologias de rede para a modificação da realidade político-social das mulheres”. Entre discussões e manifestações de midiativismo, o ciberfeminismo se mostrou um movimento plural e descentralizado, a discussão se estendeu para outros locais do mundo fazendo com que o movimento também fosse desterritorializado.

3.2.3 Implicações do ciberfeminismo no Brasil

No Brasil, assim como nos outros lugares do mundo, o surgimento da discussão a respeito do ciberfeminismo se deu através da aproximação das mulheres com a internet. O

desenvolvimento das novas tecnologias trouxe mudanças para o cotidiano dos indivíduos, estabelecendo novas narrativas dentro do ciberespaço. Atualmente o movimento feminista no país vem se utilizando das novas tecnologias para promover debates a respeito do machismo ou outras questões femininas, além de produzir produtos que auxiliem diretamente na vida das mulheres. A utilização de *blogs*, perfis e grupos de interação em redes sociais são algumas das formas que algumas mulheres estão utilizando para fomentar o debate.

Para Farias (2015) duas perspectivas do ciberfeminismo se destacam para que possamos compreender melhor o movimento no Brasil, o movimento como objeto de estudo e como prática social. A primeira perspectiva acontece dentro da academia, tendo mulheres como desenvolvedoras de tecnologia, mulheres se apropriando das novas ferramentas e discutindo essa apropriação dentro do ativismo “despontado como um campo profícuo para outras pesquisas engajadas, que devem incluir as questões da interseccionalidade com classe, raça/etnia, sexualidade, geração, entre outros marcadores sociais” (FARIAS, 2015, p. 87), o que desencadeou discussões a respeito da utilização prática do ciberespaço. A segunda perspectiva se dá através das experiências das mulheres e suas relações diretas com a internet de forma mais prática, buscando mobilização e intervenção no espaço que estão inseridas. Na sua pesquisa intitulada *Comunicação e feminismo: Experiências ciberfeministas no Brasil*, Farias (2015) sistematizou a experiência das mulheres brasileiras e o ciberfeminismo a partir das seguintes categorias:

- 1) Ações individuais (blogueiras e perfis em redes sociais); 2) Disseminação e comunicação (repositórios e espaços de notícias); 3) Articulação e mobilização; 4) Formação (profissionais das TICs e cursos de uso, acesso e apropriação de mulheres); 5) Outras (ações ciberfeministas esporádicas) (FARIAS, 2015, p. 88).

A pesquisadora exemplifica cada categoria. A primeira de “ação individual”, Farias (2015) cita o *blog* Escreva Lola Escreva e a página no *Flickr* da artista Andros Hertz. A segunda categoria possui exemplos de grupos que se utilizam de sites e *blogs* para fomentar o debate, como o site Geledés, Blogueiras Feministas, Blogueiras Negras e o Blog Transfeminismo. A terceira categoria “articulação e mobilização”, usa os exemplos dos movimentos Marcha Mundial das Mulheres, Rede Feminista de Saúde, Marcha das vadias, Marcha das Margaridas e Ppgneim2013.1, para explorar a apropriação do ciberespaço por parte das mulheres como forma de mobilização. A quarta categoria, “Formação”, exemplifica

como os projetos LabDebug e Mulheres na Tecnologia, se fazem importante na formação e atuação das mulheres na área da tecnologia juntamente ao ativismo. A quinta e última categoria é mais generalista e exemplifica ferramentas como a rede social *Facebook* – perfis ou grupos - para divulgação e disseminação de eventos, como o Seminário Internacional Fazendo Gênero (2013), 18º Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste, Simpósio Baiano de Pesquisadoras e Pesquisadores sobre Mulheres e Relações de Gênero (2015), como exemplos dado por Farias (2015). A pesquisadora ressalta que essa rede é descentralizada e que pode sofrer alterações em suas práticas, pois “se inicia em ações individuais, seguidas da disseminação e comunicação entre essas, refletindo assim, na articulação e mobilização coletiva e num processo mais complexo de formação feminista” (FARIAS, 2015, p. 88).

No *Manifesto Ciborgue*, a autora Donna Haraway (2009) já iniciava uma discussão que trazia a problemática da dicotomia. Ela apresentava em seu discurso, o *ciborgue* como um ser híbrido, trazendo algumas críticas na relação de gênero que são difundidas até hoje pela sociedade, tecendo também comentários sobre a visão de identidade através da diversidade.

A perspectiva desse pensamento, que buscava em sua resolução enxergar os indivíduos através dos seus marcadores de diferença, talvez devesse ser a forma mais próxima para compreender como as identidades são construídas e propagadas no imaginário social. A urgência de se compreender as subjetividades das mulheres fez com que o movimento feminista negro surgisse. Novamente fugir da universalização do “ser mulher” através das pautas de mulheres brancas, poderia ser a saída para que o debate alcançasse um maior número de pessoas através da construção de narrativas nos espaços por intermédio das subjetividades. Enquanto no movimento feminista e/ou ciberfeminista busca-se uma discussão e compreensão para além do gênero binário masculino-feminino e criticam a universalização da individualidade a partir do ponto de vista do gênero, esquecem ou não se aprofundam na análise dos marcadores de diferenças como sistema de ligação entre opressões.

3.3 CIBERFEMINISMO NA CULTURA PARTICIPATIVA

Com o advento das novas tecnologias e a presença cada vez mais pontual da Internet no cotidiano dos indivíduos, a conexão entre o *online* e *offline* trouxe implicações importantes que vem formando novas maneiras de se relacionar dentro da sociedade. Nos modelos antigos de mídia, discutido no capítulo anterior, trazia em suas produções midiática um modelo

dominante quando tratávamos dos indivíduos que ocupavam aquele espaço. O desenvolvimento tecnológico fez com que surgissem novos modelos midiáticos, desencadeando uma aproximação mais estreita entre grupos invisibilizados pela mídia tradicional e a Internet, ultimamente com destaque maior para os sites de redes sociais.

O surgimento de plataformas de fácil manuseio e que trazem entre suas inúmeras funções algumas já conhecidas pelos espectadores da mídia tradicional, faz com que novos modelos de produção midiática surjam, mas agora produzidos e compartilhados por quem antes era espectador, mas que hoje pode participar diretamente como criador e produtor, “o Youtube não representa uma colisão e sim uma coevolução aliada a uma coexistência desconfortável entre ‘antigas’ e ‘novas’ aplicações, formas e práticas de mídia” (BURGESS; GREEN, 2009, p.33).

3.3.1 *YouTube* como ferramenta participativa

O site de rede social *YouTube* é uma plataforma de vídeos criada em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim - a rede social foi vendida ao Google em 2006 - com o objetivo de facilitar a publicação e divulgação de vídeos que podem ser produzidos sem grandes aparatos tecnológicos (SANTANA, 2012, p. 92). Para Burgess e Green (2009) a cultura participativa não é apenas uma de suas aplicabilidades, mas sim seu principal negócio. A possibilidade de ter diversos indivíduos concentrando suas produções e atenção à rede social faz com que não só produtores amadores, mas também grandes empresas enxerguem ali um espaço propício para novas narrativas. Para Jenkins (2006, p. 290 apud BURGESS; FORD; GREEN, 2009, p. 28) no contexto da cultura participativa “os fãs e outros consumidores são convidados a participar ativamente da criação e circulação do novo conteúdo”, estabelecendo uma ligação direta entre tecnologias acessíveis e alterando as novas formas de poder midiática, “o YouTube, embora não seja uma produtora de conteúdo, combina funções de distribuição e conexão entre seus usuários que resultam diretamente no seu valor cultural e mercadológico” (MELLO, 2017, p. 72). Para os autores a discussão a respeito da cultura participativa diz mais sobre as novas formas de relação a partir de questões culturais e políticas, do que fixamente sobre tecnologia.

A plataforma se torna um fenômeno digital ao permitir uma configuração que anteriormente não acontecia dentro da mídia. Agora todos nós somos a mídia e o que é

compartilhado e disseminado é o resultado das nossas subjetividades. O slogan inicial em 2005, época do lançamento da plataforma, era *Your Digital Video Repository* (Seu repositório de vídeos digitais), e atualmente *Broadcast Yourself* (pode ser interpretado como Transmita-se). O lugar de visibilidade que antes era dado exclusivamente à mídia tradicional - TV, rádio, jornal e etc -, hoje é dividido com as redes sociais. O *YouTube*, com vídeos dos mais variados temas, que nos revelam a pluralidade de pessoas⁴⁰, contextos e histórias, vem se tornando um lugar importante de influência, representatividade e visibilidade, “o YouTube tem seu lugar dentro da longa história e do futuro incerto das mudanças da mídia, das políticas de participação cultural e no crescimento do conhecimento” (BURGESS; GREEN, 2009, p.32).

Os criadores de conteúdo - ou *creators* - da plataforma que possuem canais na rede social e se conectam com outras pessoas por meio de publicações e compartilhamento de vídeos são popularmente conhecidos com o *youtubers*. Segundo Motta, Bittencourt e Viana (2014, p. 10) o *youtuber* é “um sujeito anônimo, no sentido de que não tem presença midiática nos meios de comunicação de massa, que se apropria de informações da mídia e as repassa para um grupo de sujeitos conectados a ele por meio do YouTube”. Geralmente se utilizam de ferramentas de baixa complexidade para produzir os vídeos, processo que se difere das produções da mídia tradicional, por exemplo. Falando sobre temas que consideram interessantes ou que possam ter uma boa receptividade pelo público, o *youtuber* “geralmente fala para a câmera, em primeiro plano, comentando sobre os temas da pauta de seu canal” (MOTTA; BITTENCOURT; VIANA, 2014, p. 10). O ato de gravar sozinho, de frente para a câmera, sem grandes recursos, contando com uma boa edição e boa dinâmica de fala pode atrair diversos seguidores.

A pluralidade de temáticas abordadas pelos *youtubers* dentro da plataforma é imensa, porém podemos observar semelhanças nas práticas desses atores sociais. Segundo pesquisa de Burgess e Green na obra *YouTube e a Revolução digital*, o formato predominante na

⁴⁰ “Liberdade de expressão: Acreditamos que as pessoas devam ser capazes de se expressar livremente, *compartilhar opiniões, promover o diálogo aberto, e que a liberdade criativa propicia o surgimento de novas vozes, formatos e possibilidades*. Direito à informação: Acreditamos que todos devam ter *acesso livre e fácil às informações* e que o vídeo tem grande influência na educação, na construção do entendimento e na transmissão de informações sobre acontecimentos no mundo, sejam eles grandes ou pequenos. Direito à oportunidade: Acreditamos que todos devam ter a *oportunidade de ser descobertos*, montar um negócio e alcançar o sucesso de acordo com o próprio ponto de vista e que as pessoas comuns, não os influenciadores, decidem o que está em alta. Liberdade para pertencer: Acreditamos que todos devam ser capazes de encontrar comunidades de suporte, eliminar obstáculos, ultrapassar as fronteiras e *reunir-se em torno de interesses e paixões compartilhadas*” (YOUTUBEa, 2017, apud BRONDANI, 2017, p. 22).

plataforma era o de vídeos amadores, em torno de 40% na época, “tipicamente estruturada sobre o conceito do monólogo feito diretamente para a câmera, cujos vídeos são caracteristicamente produzidos com pouco mais que uma webcam e pouca habilidade em edição” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 192), os *vlogs*, que são os formatos em vídeo dos seus antecessores, os *blogs*.

É entendido de vários modos: como plataformas de distribuição que pode popularizar em muito os produtos da mídia comercial, desafiando o alcance promocional que a mídia de massa está acostumada a monopolizar e, ao mesmo tempo, como uma plataforma para conteúdos criados por usuários na qual desafios à cultura comercial popular podem surgir, sejam eles serviços de notícias criados por usuários ou formas genéricas como o *vlogging* – que, por sua vez, podem ser assimiladas e exploradas pela indústria de mídia tradicional (BURGESS; GREEN, 2009, p. 23).

Poder encontrar dentro do *Youtube* um local de fala, uma representação de quem se é e poder discutir sobre suas subjetividades, são um grande marco atual para as minorias. Inclusive essa identificação não só com os assuntos, mas como também com esses influenciadores vem instigando para que mais pessoas pertencentes a esse lugar de fala queiram também expor sua opinião, gerando mais conteúdo em relação a esses assuntos, como também mais visibilidade e representação desses nichos dentro da plataforma em questão, “a promessa de que Youtubers talentosos mas não descobertos podem saltar de seus ‘mundos comuns’ para o genuíno “mundo da mídia” está profundamente enraizada no YouTube em si” (BURGESS; GREEN, 2009 p. 44).

O Youtube não é somente mais uma empresa de mídia e não é somente uma plataforma de conteúdo criado por usuários. É mais proveitoso entender o Youtube (a empresa e a estrutura de site que fornece) como ocupante de uma função institucional – atuando como um mecanismo de coordenação entre a criatividade individual e coletiva e a produção de significado; e como um mediador entre vários discursos voltados para a audiência ou o usuário (BURGESS; GREEN, 2009, p. 60).

A utilização do *Youtube* para disseminação de temáticas específicas fomentou o debate com base nas subjetividades de grupos, principalmente dos vistos como minorias. Pensar e levar para o ciberespaço esses conceitos resulta na construção de uma rede mais disposta a visualizar essas questões como problemáticas para além dos sujeitos, “o YouTube fornece os mecanismos de apoio e restrição de um sistema cujo significado é gerado pelos próprios usos, em que, coletivamente, os usuários exercem agência” (BURGESS; GREEN, 2008, p. 2).

Pensando nessa perspectiva algumas mulheres que se autodefinem como feministas, levaram para o ambiente digital o contexto do feminismo, ampliando não só a discussão no sentido de alcance, mas também dando visibilidade a outras questões diretamente inseridas com o movimento quando falamos sobre marcadores de diferença e sistemas de opressão. A apropriação do *YouTube* por parte dessas mulheres, como ferramenta transformadora, instigou a construção de uma rede ciberfeminista dentro da plataforma, fazendo com que outras mulheres também compartilhassem suas experiências e promovessem um debate através de suas vivências no ciberespaço.

3.4 CIBERFEMINISMO NO *YOUTUBE*

Essas novas formas de nos comunicarmos abrem um espaço com uma pluralidade de temas e indivíduos, sujeitos que anteriormente eram invisibilizados dentro da grande mídia podem agora não só consumir as produções de seu interesse, como também produzir conteúdo a partir de suas afinidades e vivências, e a rede social *YouTube* é um a grande aliada como ferramenta, “o Youtube é utilizado de várias maneiras diferentes por cidadãos consumidores por meio de um modelo híbrido de envolvimento com a cultura popular – parte produção amadora, parte consumo criativo” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 32), facilitando a discussão e propagação a respeito dos processos formativos de identidade, por exemplo. Numa rápida pesquisa pela rede social podemos verificar inúmeros vídeos que discutem as subjetividades da mulher negra. Devido à propagação e incentivo da transição capilar por meio de várias *youtubers* que utilizavam de seus canais na rede social para dar dicas de cuidados com os cabelos crespos e cacheados, houve um crescente número de meninas e mulheres - negras e não negras - que foram influenciadas de forma positiva a interromperem os processos para alisar seus cabelos e retornarem a sua textura natural.

O racismo é um fator de subvalorização dos gêneros, colocando em patamares sociais diferentes negros, negras e os grupos racialmente dominantes. No caso das mulheres, essa combinação faz que os padrões sociais e estéticos das mulheres brancas – e com mais poder aquisitivo – sejam explorados, valorizados e propagados, operando de forma a excluir os gêneros subalternos (CARNEIRO, 2003, p.3).

De Almeida e Brandão (2018) no artigo *Participação e inserção social: protagonismo da mulher negra em canais do YouTube*⁴¹, buscaram destacar os modos da construção de uma participação política por parte das mulheres negras, através da utilização da plataforma *YouTube*. As *youtubers* que tiveram seus canais analisados na pesquisa foram Rayza Nicácio e Nátaly Neri, que possuem diferenças significativas quando analisados por dados de alcance, enquanto Rayza Nicácio possui uma média de 1,5 milhão de inscritos em seu canal, Nátaly Neri no Afros e Afins, possui uma média de 440 mil. O artigo traça um panorama de cada canal que entre diferenças e semelhanças, encontram na discussão da estética feminina negra um dos suportes para chegar a seu público alvo. A conclusão do artigo reflete algo que podemos verificar nos últimos anos, a discussão da estética negra nas redes sociais, vem desencadeando reflexões sobre o papel do negro não só na mídia, mas dentro do imaginário social. Para Almeida e Brandão (2018, p. 24) as “mulheres negras inferiorizadas historicamente, encontram, ainda que em pequena parcela, conteúdos que as contemplem e as informem, positivamente, auxiliando na formação de representatividades em que possam se inspirar”.

No canal Afros e afins, a *youtuber* Nátaly Neri, em um dos vídeos⁴² fala que compreende que precisa repassar esse conhecimento sobre quanto o racismo é cruel e penoso, como a sociedade pode destruir a autoestima dessas mulheres, mas ao olhar para o lado e enxergar essas mulheres negras, percebendo que elas passam também por esse processo, a *youtuber* entende que é preciso se unir a essas mulheres para que todas possam se libertar. No final do vídeo ela fala que o momento no qual aprendeu a se amar foi quando enxergou que não estava sozinha e que se amar foi um processo coletivo.

Questões de identidade estão intimamente ligadas a questões de experiência, subjetividade e relações sociais. Identidades são inscritas através de experiências culturalmente construídas em relações sociais. A subjetividade – o lugar do processo de dar sentido a nossas relações com o mundo – é a modalidade em que a natureza precária e contraditória do sujeito-em-processo ganha significado ou é experimentada como identidade. As identidades são marcadas pela multiplicidade de posições de sujeito que constituem o sujeito. Portanto, a identidade não é fixa nem singular; ela é uma multiplicidade relacional em constante mudança (BRAH, 2006, p. 371).

⁴¹ DE ALMEIDA, Cristovão; BRANDÃO, Beatriz. **Participação e inserção social: protagonismo da mulher negra em canais do YouTube**. Revista Observatório, Palmas, v. 4, n. 1, p. 630-654, jan-mar, 2018.

⁴² NERI, Nátaly, **Como eu aprendi a me amar**. YouTube. 20 jan. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XYDAMHHWwEU>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

Quando essas subjetividades possuem um valor coletivo a partir de relações sociais de um determinado grupo, que no caso da identidade negra possuem um histórico de exclusão por suas características de diferenças no outro, os sujeitos negros acabam por construir uma identidade com base na negação, tendo como exemplo as mulheres negras que crescem negando quem são, seus corpos, suas características, seu passado, tudo isso para não serem associada a um aspecto de valor simbólico negativo.

As identidades de mulheres – negras, brancas, indígenas, do campo, jovens, etc- se relacionam também com as identidades sexuais lésbicas, bissexuais, heterossexuais, travestis, transgêneros - desafiando o feminismo a refletir sobre quem são os sujeitos do feminismo, enquanto resultados de construções sociais e políticas (CARNEIRO, A., 2015, p. 50).

Outras questões que criticam o poder da dominação de uma sociedade patriarcal e heteronormativa também podem ser encontradas nas mais diversas temáticas. O canal *JoutJout Prazer* com críticas ao comportamento machistas e falando sobre relacionamentos abusivos, por exemplo, desmistifica algumas dessas questões de forma bem humorada, já o *Canal das bee* possui como pauta central a luta contra a homofobia. O canal *Hel Mother*, aborda a vida de uma mãe solo e maternidade como pauta principal. O canal *Barraco da Rosa*, da *youtuber* negra e trans Rosa Luz, fala um pouco sobre o universo de uma mulher trans, além de uma diversidade de temáticas. Alexandra Gurgel do canal *Alexandrismos* aborda principalmente a questão da gordofobia. Esses canais aqui mencionados possuem como semelhança a abordagem a respeito de algum ponto da diversidade feminina, são pautas que como falamos anteriormente são consideradas como diferentes, fazendo com que essas mulheres sofram opressão a partir do contexto no qual estão inseridas.

3.5 ESTRATÉGIAS NEGRAS NO CIBERFEMINISMO

Do mesmo modo que o privilégio faz o indivíduo branco, são as desvantagens sociais – e não somente a cor de pele – que faz o indivíduo negro. Essas desigualdades estão postas dentro de práticas do cotidiano e em diversas esferas da sociedade, sendo algumas delas os meios de comunicação (ALMEIDA, 2018). Quando o indivíduo negro não se vê dentro das representações mostradas na TV, é uma das formas que o sistema racista opera, incluindo e excluindo.

Durante décadas, desde que a televisão foi criada e se tornou veículo autêntico de comunicação de massas, por volta de 1964, diariamente pessoas negras são bombardeadas com a informação de inadequação e/ou de inexistência. Aquele aparelho que adentrava com frequência gradativa os lares brasileiros constituídos por indivíduos que não questionaram e, portanto, não eliminaram a mentalidade colonial antinegros, viabilizava a consolidação pacífica e cordial desse ideário de hierarquização racial. Nos programas, novelas, filmes, propagandas, etc., a imagem da pessoa negra oscilava entre a escassez premeditada e aceita pela branquitude que sempre quis se assemelhar a cidadãos do continente europeu, negando ao máximo suas raízes afro-ameríndias e o vilipêndio descarado de nossas identidades cimentando no imaginário de toda uma sociedade, uma forja de uma existência casual ou causal, a exemplo das novelas globais que dialogavam e reproduziam os costumes e a mentalidade da segunda metade do século XX e que nunca levaram ao ar uma história negra completa, com família, afetos, trabalho, desejos e anseios, tão comuns como de qualquer pessoa branca retratada nesse mesmo veículo. Os símbolos de beleza, exaltados e protagonistas de diversas histórias sempre foram brancos (BERTH, 2018, p. 97).

Para Almeida esses meios de comunicação não estão representando a realidade, mas sim “uma representação do imaginário social acerca de pessoas negras” (ALMEIDA, 2018, p. 51), comprovando que a ideologia ali exibida não é uma representação da realidade concreta, mas sim das relações que temos com essas realidades concretas.

Atualmente essas representações ou a inexistência delas estão sendo cada vez mais discutidas. A utilização da internet e principalmente dos sites de redes sociais (RECUERO, 2009) atualmente vem proporcionando uma discussão sobre esse sistema de poder hegemônico, articulado pelo gênero masculino e a raça branca. A busca pela crítica de si mesmo e pela tentativa de modos para redefinir as estruturas está entre os assuntos mais discutidos nas redes. Dados como do *Google BrandLab*⁴³ informam o aumento da procura do termo empoderamento nos últimos anos. No ano de 2017 buscaram-se quatro vezes mais pelo termo do que em 2012, o que demonstra uma crescente discussão sobre o tema. Essa nova reconfiguração que vem sendo desenvolvida através dessas discussões, nos mostra como a questão de raça, gênero e classe, por exemplo, está se expandindo através das críticas de si a partir da combinação e comparação dos marcadores de diferenças (MOUTINHO, 2014).

Dentro de todo esse aparato científico, podemos identificar como as mulheres negras há muito tempos estão tentando movimentar essa estrutura que as aprisiona, e dentro do

⁴³ Disponível em: <<https://www.thinkwithgoogle.com/>>. Acesso em 24 fev. 2018.

contexto da cibercultura e das novas mídias, podemos enxergar, talvez, um novo local para ecoar essas vozes que há muito tentam falar. A utilização dos sites de redes sociais para compartilhar momentos pessoais se naturalizou atualmente e os indivíduos estão cada vez mais conectados nas redes, buscando informações ou sendo os produtores dessas informações.

Uma rede social na Internet tem um potencial imenso para colaborar, para mobilizar e para transformar a sociedade. São pessoas que estão utilizando a Internet para ampliar suas conexões e construir um espaço mais democrático, mais amplo, mais plural e com isso, gerando valores como reputação, suporte social, acesso às informações e etc (RECUERO, 2009 p. 25).

As mulheres negras estão também se inserindo nesses espaços, como um processo de emancipação de suas vozes. Além de estarem ocupando essas redes sociais, algumas delas estão utilizando desses espaços para discutirem suas subjetividades e promoverem o discurso antihegemônico, antirracista e antissexista. A discussão da estética chegou a esses lugares, contestando uma dinâmica dominante do padrão de beleza branco.

Torna-se desde muito cedo, nossos cabelos, um fardo difícil que ao longo do nosso crescimento e desenvolvimento físico, vai pensando cada vez mais e abala a percepção da nossa identidade, pois independente de nossas escolhas estéticas e dos cuidados que temos com eles, os preconceitos raciais, estereótipos e clichês que foram implantados com a finalidade de ridicularizar esse atributo, permanecerem solidificados no senso comum da opinião pública e necessita de um árduo trabalho de resignificação para libertar mulheres negras dessas estratégias de desqualificação da estética negra. Parece-me então, muito coerente os discursos e narrativas de enfrentamento do racismo vigente que exaltam os cabelos como elemento de orgulho racial, pois amá-lo significa cuspir de volta para a boca do sistema racista todas as ofensas, rejeições, exclusões que nos são direcionadas ao longo de toda uma vida (BERTH, 2018, p. 95).

No *Facebook* temos alguns grupos que estão há alguns anos discutindo a transição capilar⁴⁴. O Cacheadas em transição (Oficial 2012)⁴⁵, por exemplo possui quase 280 mil membros – em sua maioria mulheres – que entre fotos de referências, dicas de produtos e outros conteúdos relacionados ao cabelo crespo/cacheado, também escrevem desabafos sobre a dificuldade de passar pela transição capilar, remetendo ao racismo inserido na sociedade, os

⁴⁴ Processo no qual se interrompe o uso de produtos químicos no cabelo com a finalidade de chegar a sua textura natural.

⁴⁵ CACHEADAS EM TRANSIÇÃO. Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/487145284650001>>. Acesso em: 10 maio 2018.

problemas de parar com a utilização produtos químicos que alisavam seus cabelos e retornarem com sua textura natural. Essa discussão em especial também reverberou no *Youtube*, onde podemos ver vários canais falando a respeito da transição capilar, incentivando mais pessoas – em sua maioria mulheres – a assumirem e aceitarem seus cabelos naturais. Canais como os das *youtubers* Rayza Nicácio⁴⁶, Ana Lídia Lopes⁴⁷, foram de certa forma fundamentais para a propagação da aceitação e valorização do cabelo crespo/cacheado.

Os cabelos são um importante elemento estético de autoafirmação e de cultivação do amor à própria imagem, mas sobre tudo para mulheres, sejam elas de qualquer etnia. E esse estigma recai sobre os ombros de mulheres negras desde a mais tenra infância, pois nossos cabelos são alvo constante de diversas injúrias, rejeições e manifestações racistas, esteja ele alisado ou natural (BERTH, 2018, p. 94).

A discussão em torno da estética – principalmente do cabelo crespo/cacheado – proporcionou um aumento significativo de vozes debatendo sobre as subjetividades das mulheres negras, mas anteriormente já havia outros espaços dentro da internet, sendo ocupados por mulheres negras. Podemos também realçar a utilização de sites e blogs para a mesma finalidade. Sites de importância como o Portal Geledés⁴⁸. O Geledés Instituto da Mulher Negra, uma Organização Não Governamental (ONG) fundada em 1988, que “se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigentes na sociedade brasileira”⁴⁹. Trabalhando a partir da perspectiva de raça e gênero, contribuí na promoção de debates acerca dessa problemática. A instituição possui um portal que produz uma série de conteúdos proporcionando uma discussão interseccional, a partir da contribuição de pessoas negras, o portal propaga uma série de discussões e materiais, que também são disponibilizados em outras redes sociais, como *Facebook* e *Instagram*.

A utilização de *blogs* como ferramenta de propagação de ideais interseccional também foi um elemento de ligação forte entre as novas mídias e o feminismo. O projeto Blogagem Coletiva da Mulher Negra, que possuía o objetivo de incentivar a produção de textos por

⁴⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/rayzabatista>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/blogapenasana>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

⁴⁸ GELEDÉS. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/>>. Acesso em: 14 maio 2018.

⁴⁹ Idem. **Missão Institucional**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/geledes-missao-institucional/>>. Acesso em: 14 maio 2018.

mulheres negras, foi o criador do *blog* *Blogueiras negras*⁵⁰. O site possui como missão “promover a livre produção de conteúdo, partindo do princípio que às mulheres negras sempre foi lhes negado lugares e discursos. Queremos dar visibilidade aos nossos assuntos e nos tornarmos protagonistas de nossas lutas e vidas”⁵¹, o que podemos encaixar ou definir como uma ferramenta de empoderamento.

A tomada de consciência que Freire (1979) reflete, pode ser encontrada aqui, como uma ferramenta de propagação de vozes, buscando alcançar um lugar que sempre foi negado. São mudanças que a passos pequenos desencadeiam uma série de discussões importantes para as mulheres negras. O fato de hoje podermos debater com maior facilidade sobre nossas subjetividades, já nos abre um leque infinito de opções, aprendizado, crítica e autocuidado. Os grupos minoritários, negros, mulheres, LGBT e outros, “encontram um campo razoavelmente ‘neutro’ para relatarem sua situação e a injustiça social e econômica que sofrem” (SOUZA, Y., 2014, p. 49).

As pautas LGBT, feministas, o movimento negro e anti-racismo estão usufruindo desse novo modelo de comunicação para discutir e reivindicar seus direitos. As narrativas das mulheres negras, por exemplo, estão ganhando espaço em diversas redes sociais, no *Facebook* e *Instagram* podemos ver alguns grupos e indivíduos que discutem a estética, a questão da transição capilar; no *YouTube* a discussão do feminismo negro vem ganhando bastante criadores e consumidores, e no Twitter, as *hashtags* #blacktwitter ou #afrosegueafro, vem ganhando cada vez mais adeptos e disseminando uma discussão importante.

3.5.1 Invisibilidades negras no *YouTube*

Se apropriar de ferramentas como o *YouTube* para ecoar essas vozes e fomentar uma discussão na luta por direitos iguais e respeito perante a sociedade, faz com que o ciberfeminismo se torne um fenômeno também dentro da cultura participativa. O *YouTube*

⁵⁰ “O *Blogueiras negras* é construído por uma comunidade de mulheres comprometidas com gênero e raça. Este grupo reuniu-se e institucionalizou um site (blogueirasnegras.org/), que reúne e estimula a produção para veículos de comunicação independentes produzidos por e para mulheres negras. Estamos trabalhando com histórias de vida e interesses diversos; juntando esforços em torno de questões da negritude, do feminismo e da produção de conteúdo. Nós fazemos nossa própria história através da nossa própria escrita, uma ferramenta de luta e resistência. Viemos para contar nossas histórias, nos exercitarmos numa atividade que é continuamente negada em uma sociedade estruturalmente desigual e discriminatória.” BLOGUEIRAS NEGRAS. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/>>. Acesso em: 14 maio 2018.

⁵¹ Idem.

com suas características de fácil manuseio e com o desenvolvimento das novas tecnologias e aproximação dessas ferramentas no cotidiano dos indivíduos, resulta em alterações diretas nas relações sociais e implica também no surgimento de novos objetos de estudos. Com o fato de esses resultados serem ligados as relações sociais, todas as pesquisas partem de um contexto específico, não podemos apenas categorizar o uso das redes sociais como ferramenta transformadora sem nos atentarmos a qual objeto de estudo estamos nos referindo. O *YouTube* como objeto de estudo pede em paralelo uma contextualização dos marcadores e indicadores do conjunto, na nossa compreensão, a ferramenta de fato vem sendo utilizada para ecoar vozes que anteriormente não tinham espaço na mídia tradicional. A diversidade de temáticas nos faz enxergar as inúmeras identidades existentes na sociedade, mas pode nos aproximar do senso comum e nos distanciar de uma visão cuidadosa e crítica a respeito de quais representações estão alcançando *likes* e visibilidades no ciberespaço.

Na discussão de Graeme Turner sobre o assunto, ele argumenta que o aumento da representação de pessoas comuns como celebridades temporárias ou em potencial na mídia de massa representa mais a “popularização” do que a “democratização” da mídia. Mesmo quando pessoas comuns se tornam celebridades por meio de seu próprio esforço criativo, não há necessariamente transferência de poder de mídia: elas permanecem dentro do sistema de celebridades inerente à mídia de massa e por ela controlado. De acordo com Turner, a “vez do povo” na cultura da mídia depende das estruturas de celebridades existentes para gerar a “celebridade comum” que, longe de fornecer alternativas à indústria atual da mídia, é produzida e assimilada por ela (BURGESS; GREEN, 2009, p. 44).

Compreendendo que a popularização de determinadas plataformas e a facilidade de interação, vários atores sociais começaram a utilizar dessas ferramentas não só como espaço de fala, mas também como modo de vida. Percebendo o crescente mercado de influenciadores digitais que possuem como produto não só o seu conteúdo, mas a sua imagem como representação de suas subjetividades, alguns sujeitos negros adentraram ou tentam adentrar a esse mercado de influenciadores.

Considerando que a imagem dos sujeitos negros por muitos anos – e ainda atualmente – esteve relacionada a aspectos negativos, como suas imagens e as representações de suas vivências na mídia, através de estereótipos e imagens de controle, por exemplo, esses sujeitos ainda enfrentam dificuldades de se estabelecerem nesse novo mercado. Essa dificuldade desencadeou na criação de uma agência voltada para *youtubers* negros, a Côrtes Assessoria.

Egnalda Côrtes criou a empresa em 2016, mas a ideia inicial era a de auxiliar seu filho adolescente Ph Côrtes, que pensava em desistir de produzir conteúdos para o *YouTube* pois não visualizava crescimento em seu canal. Esse fato fez com que Egnalda buscasse conhecimento a respeito desse novo mercado e em seguida pudesse compartilhar seus conhecimentos contribuindo com outros canais de *youtubers* negros a partir de sua perspectiva mercadológica. A empresária - que hoje assessora mais de vinte influenciadores negros - fala que compreendeu que seu trabalho era de fato importante para que as verdades dos sujeitos negros não fossem silenciadas também nas redes sociais, como *YouTube*.

Se meus agenciados não ganhassem dinheiro, eles iam parar, porque pagam conta. Meu sonho é atingir de verdade e equidade social no Brasil, pensando nos meus netos e bisnetos. Quero mexer com a estrutura social do País e o ativismo digital é uma delas (CÔRTEES, 2017).⁵²

A oportunidade se expandiu não só para os seus assessorados, Egnalda entrou na lista das mulheres mais inspiradoras pelo *Think Olga* em 2017 e é uma das quinze mentoras de aceleração de negócios de canais do *Google*, além de ser convidada em 2018 para ser uma das curadoras do maior evento publicitário da América Latina, o *Social Media Week*. Através de sua perspectiva mercadológica, a empresária considera importante traçar estratégias para que as marcas entendam a importância de possuírem sujeitos negros em sua diversidade, unindo narrativas que agreguem a imagem da marca não apenas em aspectos financeiros, mas também a partir da responsabilidade social.

Fazer com que o mercado entenda a importância da narrativa de diferentes influenciadores foi o maior desafio, pois o lugar comum é o de eleger apenas um, assim como ocorreu na mídia tradicional. Quando o mercado entende que esses produtores são plurais, atendem perfis distintos de audiência e são igualmente importantes, conseguimos estabelecer uma valorização e precificação coerentes ao branding gerado a marca que se conecta (CÔRTEES, 2017).⁵³

Pensando que as novas mídias podem ser utilizadas como ferramentas capacitadoras e mobilizadoras, mas também podem continuar sendo uma representação das relações sociais

⁵² CÔRTEES, Egnalda. O negócio de Egnalda Côrtes? Promover talentos negros no YouTube. Voa, Maria. 27 de Nov. de 2017. Disponível em: < <https://voamaria.com.br/negocio-egnalda-cortes-talentos-jovens-negros-no-youtube/>>. Acesso em: 24 de maio de 2019.

⁵³ Idem. 22 de dez. de 2017. Disponível em: <<https://mundonegro.inf.br/egnalda-cortes-o-nome-por-tras-dos-maiores-youtubers-negros-do-brasil/>>. Acesso em: 24 de maio de 2019.

offline, a apropriação do *YouTube* pelos sujeitos negros podem expandir a discussão a respeito de suas subjetividades e produzir também novos modos de representação de suas imagens agora exibidas através dos próprios sujeitos.

Dessa maneira buscando entender essas novas representações e conteúdos inseridos no *YouTube*, iremos nos debruçar através de uma análise comparativa, partindo da perspectiva ciberfeminista em sua diversidade. Utilizando como método de análise a interseccionalidade e a interação proposta pelo contexto participativo da plataforma, realizaremos um estudo descritivo com o objetivo de expor a diferença de alcance e visibilidade entre canais de *youtubers* negras e não negras, buscando compreender se as diferenças ali existentes são desencadeadas de novas formas de racismo dentro da comunicação contemporânea.

CAPÍTULO IV

Nos capítulos anteriores a partir de uma pesquisa bibliográfica percorremos por conceitos e aspectos importantes para que pudéssemos compreender o lugar da mulher negra no imaginário social, nos debruçando nas suas discussões e conquistas dentro movimento feminista, através do feminismo negro e interseccional, além das representações de suas imagens nas mídias e sua apropriação das novas tecnologias como ferramenta articuladora.

Como vimos anteriormente apesar da base da rede social *YouTube* ser a cultura participativa, dando acesso e visibilidade a sujeitos que anteriormente não possuíam espaço em outras mídias, as mulheres negras ainda estão em lugar de desvantagem. Dito isso, dentro da vasta possibilidade de temáticas femininas inseridas nos canais do *YouTube*, definimos como recorte para essa pesquisa canais que possuem como temáticas centrais a discussão acerca do feminismo e empoderamento feminino. Este capítulo é dedicado ao mapeamento desses canais e análise dos dados, expondo não só as diferenças de visibilidade entre eles mas identificando quais as subjetividades entre essas mulheres estão inseridas no imaginário social como um padrão universal do “ser mulher”.

4.1 PROCESSOS METODOLÓGICOS

Inicialmente por meio de uma pesquisa exploratória identificamos os canais mais populares dentro da temática aqui definida. A pesquisa se propõe a realizar um estudo descritivo que para Gil (2002) possui o objetivo de expor determinadas características, estabelecendo assim relações entre as variáveis. Buscando observar, analisar, registrar e identificar as características nos canais, a pesquisa também tem uma abordagem quanti-qualitativa, pois além da realização de acompanhamento dos canais é preciso compreender e interpretar as variáveis, sendo assim tanto as técnicas estatísticas quanto a interpretação dos dados serão de fundamental importância para chegar à resposta da problemática. Compreendendo que há diversas conexões entre marcadores de diferenças que interferem diretamente no objeto, iremos analisar as falas inseridas nos vídeos sob o viés interseccional.

4.2 DEFINIÇÃO DA AMOSTRA

Inicialmente realizamos um mapeamento dos canais mais relevantes no *Youtube* que abordam a temática do feminismo e empoderamento feminino. Optamos por uma pesquisa exploratória em sites⁵⁴ da internet que produzem listas indicando os canais pela temática, além de pesquisas na própria plataforma de vídeo. Estabelecemos então relações entre as listas e identificamos os canais mais relevantes na rede social que trabalham com a temática em questão.

Quadro 2: Canais que discutem feminismo e empoderamento feminino

Canal	Inscritos	Visualizações	Canal	Inscritos	Visualizações
Acidez feminina	1.589.236	193.199.754	Lully de verdade	366.333	16.007.010
Afros e afins	440.936	16.933.542	Mais magenta	22.622	705.481
Alexandrisomos	341.049	15.220.586	Mulheres de luta	1.662	67.829
Ana Paula Xongani	55.224	1.185.348	Não me Kahlo	3.162	171.328
Azmina	5.889	1.355.439	Neggata	58.208	1.661.945
Barraco da Rosa TV	31.235	935.968	Nós, mulheres da periferia	258	8.135
Blogueiras negras	1.747	32.569	Nunca te pedi nada	1.187.326	95.319.572
Canal das bee	357.666	31.358.389	O mundo segundo Ana Roxo	26.892	1.465.884
Coisas de preta	59.839	3.063.024	Põe na roda	870.424	122.992.521
De pretas	336.801	10.044.833	Preta pariu	61.853	2.627.380
Ellora Haonne	1.035.721	40.020.458	Rayza Nicácio	1.581.144	101.901.145
Hysteria	23.752	1.333.150	Soul vaidosa	51.248	1.210.848
Jacy Jully	148.177	8.469.470	Stephanie Noelle	48.885	2.122.575
Jana Viscardi	21.837	799.200	Tá querida!	477.667	25.177.183
Jout Jout Prazer	1.918.769	232.397.905	Think Olga	19.363	364.883
Joyce Show	5.457	112.578	Tia Má	78.046	3.697.652
Louie Ponto	434.203	12.715.831	Um abadá para cada dia	9.349	394.986
Luci Gonçalves	210.849	9.360.810	Victoria Ferreira	145.749	6.321.832
Lugar de mulher	3.466	34.627	Você é feminista e não sabe	4.630	128.633

Fonte: Elaboração própria.

Para definirmos os canais que participariam do passo seguinte nesse mapeamento, estabelecemos alguns aspectos comparativos para diminuir o nosso recorte. Como nossa intenção é a de trabalhar a visibilidade da mulher *youtuber*, optamos por escolher apenas canais que estão dentro da categoria de “ação individual” (FARIAS, 2015), dessa forma a participação de canais que são apresentados por duplas ou grupos não se faz interessante para

⁵⁴ Hypheness, BuzzFeed, Huff Post Brasil, Revista Gabrielle, Catraca livre, Super ela e outros.

essa análise. Outro aspecto levado em consideração nessa triagem foi a regularidade em que os vídeos são postados, sendo assim, canais nos quais as últimas publicações ocorreram há mais de dois meses do início da pesquisa foram dispensados para o próximo passo. Buscando também estabelecer uma parcial coerente estatisticamente na análise, os canais que possuem menos de 50 mil inscritos e menos de 100 vídeos publicados também foram retirados do quadro.

Sendo assim chegamos a uma relação de 14 canais, exibidos nos Quadros 3 e 4 - já agrupados pela categoria racial - que dentro da diversidade de conteúdos abordados possuem a questão do feminismo e empoderamento feminino, como uma das principais temáticas. É importante salientar que as *youtubers* negras que estamos mencionando nessa pesquisa, são mulheres que se autodeclaram negras.

Quadro 3: *Youtubers* negras

Canal	Youtuber
Afros e afins	Nátaly Neri
Ana Paula Xongani	Ana Paula Xongani
De pretas	Gabi Oliveira
Jacy Jully	Jacy Jully
Luci Gonçalves	Luci Gonçalves
Rayza Nicácio	Rayza Nicácio
Soul Vaidosa	Xan Ravelli
Tia Má	Maíra Azevedo

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 4: *Youtubers* não negras

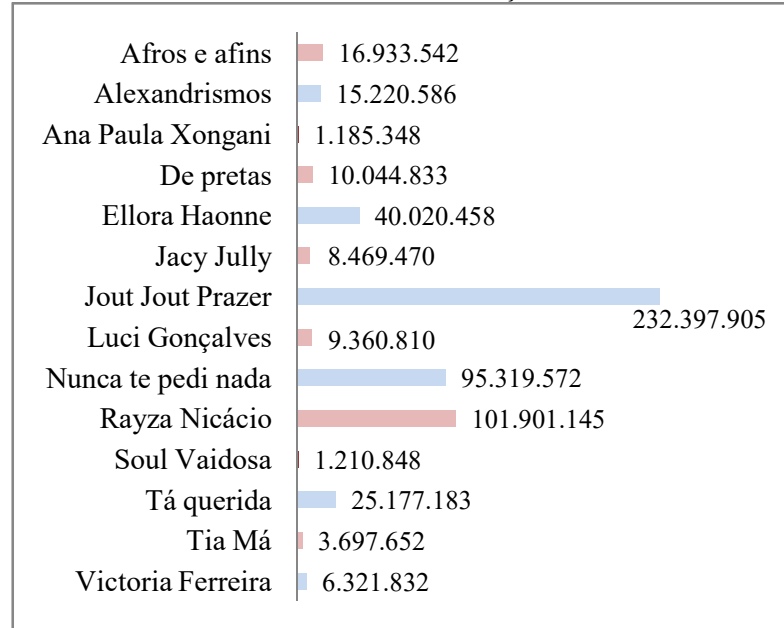
Canal	Youtuber
Alexandrismos	Alexandra Gurgel
Ellora Haonne	Ellora Haonne
Jout Jout Prazer	Júlia Tolezano
Nunca te pedi nada	Maíra Medeiros
Tá, querida	Luiza Junqueira
Victoria Ferreira	Victoria Ferreira

Fonte: Elaboração própria.

Realizando método quanti-qualitativo pudemos estabelecer uma relação comparativa entre os canais, através dos dados fornecidos pelo próprio *Youtube*, como quantidade de inscritos e a média de visualizações. Detectando logo de início a diferença significativa de

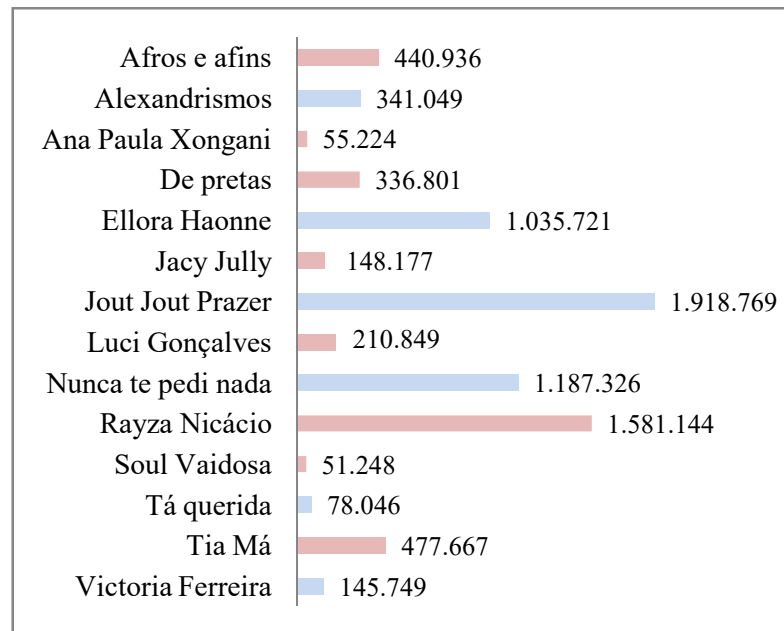
alcance entre *youtubers* negras e não negras, como podemos verificar nos Gráficos 1 e 2. O alcance aqui é medido por meio das visualizações e do número de inscritos nos canais.

Gráfico 1: Visualizações



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 2: Inscritos

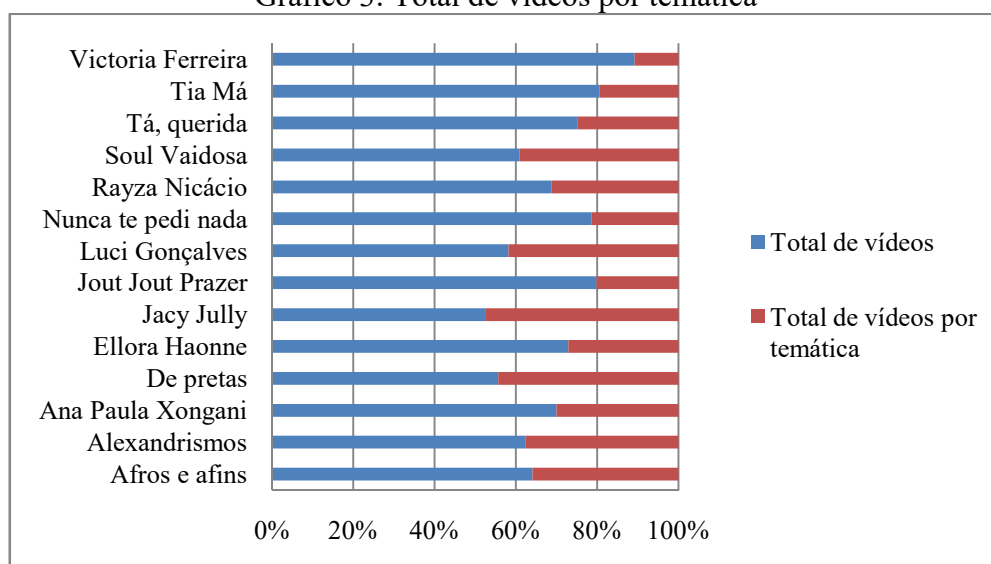


Fonte: Elaboração própria.

Partindo desses dados, o passo seguinte foi realizar uma pesquisa nos 14 canais, fazendo um levantamento entre as subtemáticas abordadas e suas intersecções a fim de estabelecer uma amostragem menor para a pesquisa. O objetivo era identificar os canais que dedicam mais espaço e conteúdo para o recorte central da pesquisa.

Considerando que a temática do feminismo e empoderamento feminino incluem as questões do corpo, a partir da discussão da quebra de padrões estéticos estabelecidos pela sociedade, optamos por selecionar os canais que produzem críticas a esses padrões de beleza, além de discutir as questões do machismo e os lugares em que as mulheres são acometidas pela opressão de gênero e que conjuntamente trazem a discussão da saúde mental e do autocuidado para as mulheres.

Gráfico 3: Total de vídeos por temática



Fonte: Elaboração própria.

Observamos todos os 14 canais e estabelecemos um recorte de seis para essa pesquisa, sendo três *youtubers* negras e três *youtubers* não negras. A definição dos canais foi realizada com base na relação de duas categorias: a primeira foi a de assiduidade de vídeos destinados a temática aqui proposta (Gráfico 3) e a segunda foi o alcance, revelados pelo monitoramento inicial da pesquisa (Gráficos 1 e 2).

Quadro 5: Canais selecionados

Canal	Youtuber
Afros e afins	Nátaly Neri

Alexandrismos	Alexandra Gurgel
De pretas	Gabi Oliveira
Ellora Haonne	Ellora Haonne
Jout Jout Prazer	Júlia Tolezano
Rayza Nicácio	Rayza Nicácio

Fonte: Elaboração própria.

Como podemos observar nos dados exibidos nos itens anteriores⁵⁵, as *youtubers* negras e não negras possuem uma diferença significativa em termos de números de alcance midiático e apesar de possuírem vídeos com temáticas semelhantes, a dificuldade de se obter visibilidade, mesmo dentro das redes sociais e a facilidade de produção e divulgação de conteúdo, continua sendo uma questão problemática para as mulheres negras. Dessa forma, além de expor mais dados que comprove esse fato, o próximo passo irá mostrar a partir de alguns aspectos as diferenças entre os seis canais, buscando compreender se o racismo pode ser um fator determinante.

4.2.1 Análise

Dessa maneira observamos os vídeos publicados nos canais no período de novembro/2017 a novembro/2018. Entendendo que há fatores externos que poderiam interferir na análise, buscamos estabelecer através de categorias de aproximação entre os canais e vídeos para que pudéssemos realizar a análise comparativa. Definimos então que análise aconteceria entre os canais: Afros e afins x Alexandrismos, De Pretas e Ellora Haonne e JoutJout Prazer x Rayza Nicácio.

A análise se deu através da observação de três aspectos comparativos: alcance, interação e temática abordada. Levando em consideração que a influência dos *youtubers* se dá justamente através dos seus dados de alcance o primeiro aspecto que observamos foi a da exposição dos dados estatísticos⁵⁶ fornecidos pela própria rede social, sendo visualizações, *likes*, *deslikes* e comentários. O segundo aspecto observado foi a interação, partindo do pressuposto que a base do *YouTube* é a cultura participativa através da possibilidade de interação entre os produtores de conteúdo e seus espectadores, observamos e registramos os

⁵⁵ Todos os dados estatísticos expostos dos Quadros 1 a 4 e Gráficos 1 a 3, foram observados e registrados no período de junho a dezembro de 2018.

⁵⁶ Os dados estatísticos expostos no tópico 4.3 e seus subtópicos foram atualizados em maio de 2019.

vídeos para entender como se dá essa interação entre as *youtubers* e sua audiência através dos comentários. O terceiro e último aspecto, foi uma análise das temáticas a partir das falas das *youtubers*, buscando visualizar a conexão entre as temáticas abordadas e as teorias feministas aqui discutidas, nos apoiamos no conceito da interseccionalidade para visualizar se nas falas das *youtubers* a diversidade de identidades e subjetividades das mulheres são colocadas ou se há uma universalização do “ser mulher”.

4.3 AFROS E AFINS X ALEXANDRISMOS

Na perspectiva de trazer uma discussão mais plural e inclusiva dentro da temática do feminismo, trazemos para o centro do debate o entendimento que a intersecção entre marcadores de diferenças desencadeiam diferentes tipos de opressão. Considerando que o feminismo negro surgiu devido às pautas das mulheres negras não serem consideradas dentro do movimento feminista visto como “universal”, a interseccionalidade surge ao entender que as conexões, como raça, gênero, classe, orientação sexual e outros também influenciam diretamente no cotidiano de determinados sujeitos.

A utilização das redes sociais na busca por uma discussão mais justa inclusiva dentro do feminismo fez com que várias mulheres se apropriassem dessas ferramentas para produzirem narrativas a partir de suas subjetividades, e os canais Afros e Afins e Alexandrismos são exemplos dessa apropriação. Como a intenção da pesquisa é pensar o aspecto do alcance midiático, estabelecemos aqui uma comparação entre esses dois canais por visualizarmos uma proximidade em seus números de alcance.

O primeiro passo foi encontrar o vídeo mais assistido dos dois canais, publicado no período de novembro de 2017 a novembro de 2018. Identificamos as estatísticas de alcance, fornecidas pela própria plataforma, analisamos a temática a partir do conteúdo discutido nos vídeos e analisamos em paralelo a interação das *youtubers* com sua audiência a partir dos comentários.

Quadro 6: Estatísticas gerais - Afros e afins x Alexandrismos

Canal	Início	Qtd. de vídeos	Qtd. de vídeos nov/17 a nov/18	Inscritos	Visualizações
Afros e afins	22/07/2015	208	60	518 371 mil	21 241 305 milhões
Alexandrismos	09/10/2015	394	131	441 410 mil	22 710 935 milhões

Fonte: Elaboração própria.

4.3.1 Afros e afins

O canal pertence a paulista e cientista social em formação Nátaly Neri que em quase quatro anos acumula algumas conquistas e diz que a maior delas foi “conseguir chegar aos espaços em que minha fala geralmente não chega [...] e ver que de alguma forma, o meu trabalho está influenciando positivamente” (NERI, 2016). Em entrevista a revista *Elle*, a *youtuber* fala sobre o que a motivou a criar um canal.

Eu pensava que alguém deveria falar disso, fazer um vídeo sobre aquilo (...) fiquei com medo de acabar me ludibriando, falar sobre muita beleza, por ser mais confortável. Afinal, é desconfortável falar sobre alguns temas. Preciso garantir que eu fique na minha espinha dorsal, que é falar sobre mulheres negras, empoderamento e feminismo. A minha maior motivação para criar um canal foi fazer com que pessoas ouçam o que eu não ouvi (NERI, 2016).

⁵⁷

Utilizando do seu espaço na rede social, a *youtuber* fala sobre veganismo, moda consciente, em seus vídeos ela realiza visitas a brechós e também fala um pouco sobre formas alternativas de estar na moda. A discussão a respeito das questões raciais são um dos pontos altos do canal, vídeos sobre apropriação cultural, colorismo, empoderamento da mulher negra podem ser encontrados e com discussões pertinentes.

4.3.2 Alexandrismos

O canal é comandado pela jornalista Alexandra Gurgel que praticamente durante toda sua vida teve que conviver com questões relacionadas à como a sociedade lida com pessoas gordas. Passando por situações de gordofobia, procedimentos estéticos invasivos, distúrbios alimentares e até tentativas de suicídio, Alexandra teve sua saúde mental afetada pelo fato dos padrões estéticos não a enxergarem a imagem do seu corpo, como um corpo comum. Em entrevista concedida a *BBC News*, a *youtuber* comenta algumas das situações que viveu

⁵⁷ NERI, Nátaly. **Conheça Nátaly Neri a youtuber que mostra que engajamento e moda tem tudo a ver.** Disponível em: <<https://elle.abril.com.br/moda/conheca-nataly-neri-a-youtuber-que-mostra-que-engajamento-e-moda-tem-tudo-a-ver/>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

devido ao fato de ser uma mulher gorda e como começou a lutar contra as práticas gordofóbicas.

Eu digo que uma das minhas maiores ajudas para me recuperar de tudo isso foi descobrir sobre o feminismo, porque ele me ensinou que eu não sou obrigada a nada e posso ser da forma que quiser. Entendi a gordofobia e peguei essa causa para mim (GURGEL, 2017).⁵⁸

Em determinado momento da entrevista ela comenta que discutir sobre suas especificidades no canal a ajuda de forma significativa, “eu costumo dizer que a câmera é a minha terapeuta”. A autoaceitação, amor próprio, *body positive* e a discussão a respeito do padrão de beleza é levantada na maior parte dos seus vídeos. A *hashtag* #GordofobiaNãoÉPiada ficou entre os assuntos mais comentados do *Twitter*, quando Alexandra publicou um vídeo em resposta ao apresentador Danilo Gentili, após comentários gordofóbicos por parte do apresentador.

4.3.3 Análise 01: Afros e afins x Alexandrismos

Quadro 7: Vídeos mais assistidos - Afros e afins x Alexandrismos

Canal	Vídeo	Visualizações	Likes	Deslikes	Comentários
Afros e afins	Uma semana sem make e cabelo natural: Um experimento #7diasdeescolha	529 675 mil	59 mil	757	3 979 mil
Alexandrismos	Resposta à Karyna Rangel: Pelo "direito" de ser artificial	732 342 mil	98 mil	6 mil	6 636 mil

Fonte: Elaboração própria

A relação identificada entre os vídeos analisados se conecta à discussão do empoderamento feminino a partir de uma discussão de autoaceitação. O empoderamento discutido nesta pesquisa como uma ferramenta transformadora sendo utilizada como método de discussão na busca por mudanças individuais e coletivas (BERTH, 2018), está inserido no conteúdo dos dois vídeos, nos fazendo refletir sobre as implicações dos padrões estéticos no cotidiano dos sujeitos, principalmente das mulheres.

⁵⁸ Gurgel, Alexandra. In: “**A gente não quer mais ser visto como doente**”: a vida de quem é alvo de **gordofobia**. LEMOS, Vinicius. BBC News. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42446726>> Acesso em: 20 maio 2019.

No vídeo de Nátaly, a *youtuber* parte da vivência de um experimento social, passar sete dias com rosto e cabelo natural, não se utilizando de maquiagens e não alterando a textura de seu cabelo. Mesmo não fazendo uso excessivo da maquiagem a *youtuber* considera que o experimento a faz repensar sobre os modos como o padrão de beleza estabelecido pela sociedade é capaz de afetar seu cotidiano.

Repito para mim mesma e para todos que uso maquiagem por escolha. Se eu quiser sair sem maquiagem, eu saio. Será que eu saio mesmo? Será que eu tenho esse poder de escolha? Será que todos esses atributos femininos podem ser retirados e colocados no meu bolso quando eu bem quiser? (NERI, 2017).⁵⁹

A utilização de maquiagem e o não reconhecimento de seu rosto durante os primeiros dias do experimento, fez com que a *youtuber* refletisse bastante sobre como os corpos das mulheres estão sempre inseridos em determinados padrões. A discussão que permeia o conceito do empoderamento é exatamente a de questionar as práticas dominantes a quais estamos inseridos e pensarmos em novas práticas. Esses questionamentos que motivam Nátaly a realizar esse experimento e compreender de que maneira tem controle sobre si mesmo e sobre o seu consumo, leva a reflexão da criação de novas práticas. Se o consumo parte de processos de desejos que se transformam em demandas (CANCLINI, 1995), é importante refletirmos a partir do vídeo da Nátaly como os desejos de alcançar uma beleza padronizada foi inserida no imaginário dessas mulheres. A associação da utilização da maquiagem como a fabricação da imagem da mulher bonita é um dos padrões impostos e assumir uma prática contrária a essa, dispensar esses usos ou voltar a se enxergar sem eles é também construir uma discussão fora do contexto de beleza padronizado, que por muitas vezes permeia uma imagem de beleza inalcançável.

Outra reflexão pertinente é a relação da *youtuber* com seu cabelo. Muitas mulheres crespas e cacheadas recorreram à transição capilar na esperança de outro padrão estético, a definição dos cachos, a idealização dos cachos perfeitos e na contra mão desse processo, o experimento de Nátaly traz o lado inverso, pois o desafio dela é não desfazer manualmente seus cachos, mas usá-los em sua textura natural e com definição, prática que a *youtuber* afirma não gostar e que a faz refletir sobre como esse momento a deixa vulnerável.

⁵⁹ NERI, Nátaly. **Uma semana sem make e cabelo natural: Um experimento #7diasdeescolha**. YouTube, 13 dez. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OWBWN_i-xcQ>. Acesso em 20 fev. 2019.

Logo que precisei me tornar uma pessoa mais forte, uma das primeiras coisas que eu bani, como performance de uma mulher mais forte, foi a minha textura natural, que é uma textura que eu me sinto vulnerável. É uma textura que é tão minha, que eu me sinto muito eu, e o me sentir eu nessa terra de ninguém, é ruim. Porque eu não posso me sentir eu, porque o eu que eu me sinto quando estou com esse cabelo é o eu Nátaly, a Nátaly de casa, é a Nátaly simples, é a Nátaly frágil. Enfim, eu tenho que achar um equilíbrio entre essas várias pessoas, *personas* que eu sou, que se desenvolveram em mim para que eu pudesse sobreviver na cidade. Porque parece que elas brigam, porque parece que elas são muito diferentes umas das outras, mas na verdade são partes de mim mesma, mas eu ainda não me acostumei com a cara da Nátaly, que sou eu, no meu ponto de fragilidade, e andar com a minha vulnerabilidade na rua. Então por isso é muito difícil sair com meu cabelo assim. E eu evito me olhar nos reflexos, eu me sinto nua (NERI, 2017).

Esse discurso proferido pela *youtuber* traz um pouco a reflexão de como a vulnerabilidade da mulher, principalmente da mulher negra está inserida dentro do contexto estético. Mesmo sem alterar de forma permanente a textura natural do seu cabelo, Nátaly sentiu a necessidade de desfazer a forma dos seus cachos, como um ato de performance para conseguir sobreviver na cidade. Esse processo de lidar com o cabelo crespo, se tornou desde cedo uma forma de violência na vida de meninas negras, Gomes (2005) fala que o cabelo do sujeito negro é um grande embate na sociedade que explicita diretamente os conflitos sociais existentes. São obstáculos na vida das mulheres negras e que as fazem se sentirem vulneráveis, mas nem sempre sentir essa vulnerabilidade é uma opção para as mulheres negras, pois como vimos anteriormente, a mulher negra colocada como “o outro do outro” precisa encontrar como Nátaly, um equilíbrio entre ser mulher negra e ser vista como ser humano, com escolhas e vulnerabilidades.

A discussão trazida por Alexandra em seu vídeo também parte do contexto de autoaceitação. O vídeo na verdade é uma resposta a outro vídeo da também *youtuber* Karyna Rangel, que afirmava sofrer preconceito pelo fato de não aderir ao movimento de autoaceitação e preferir continuar utilizando-se de artefatos estéticos em seu cotidiano. O intuito de Alexandra é provocar uma reflexão em torno do que foi dito por Karyna, pois há um receio que outras pessoas continuem disseminando esse discurso no qual a autoaceitação e a preferência do estado natural sem alteração estética fosse de fato um padrão imposto.

As pessoas acham que ser uma pessoa perfeita, com a pele perfeita, sem manchas, plastificada é o natural, porque é isso que nós vemos em todos os lugares, que a pessoa tem que ser daquele jeito. O natural ainda é não ser natural, eu ainda tô esperando que ser natural esteja na moda (GURGEL, 2018)⁶⁰.

Indo na contramão ao discurso de Karyna, Alexandra discute sobre como o conteúdo dos seus vídeos estão voltados em torno de uma reflexão em que as práticas estéticas das mulheres sejam motivadas por escolha e não por uma pressão.

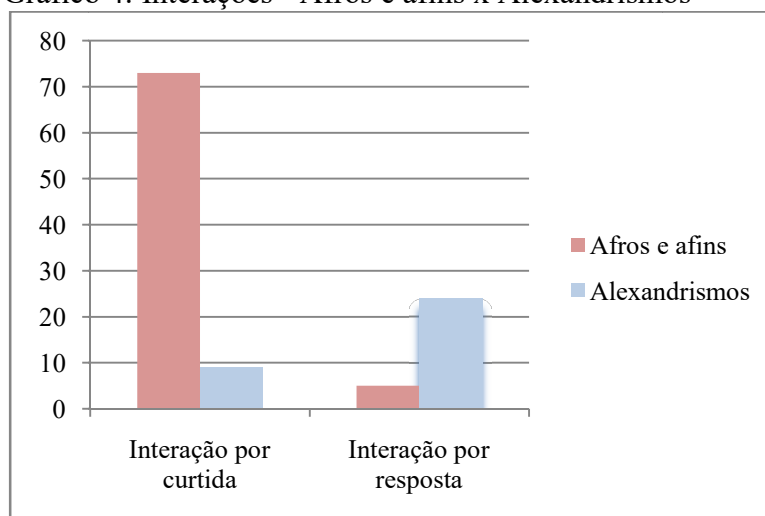
A gente precisa treinar o nosso olhar para enxergar de outra forma. Entender o porquê que nós queremos fazer aquilo, porque você passa tanto *photoshop* na sua cara para postar uma foto no instagram? Quando você se olha no espelho, você se reconhece? Sem maquiagem e sem *photoshop*? Eu acho que é mais uma questão de saúde mental (GURGEL, 2018).

Podemos trazer aqui também a discussão do consumo (CANCLINI, 1995), compreendendo que os desejos das mulheres que estão relacionados a determinadas práticas que estão ligados a uma indústria de beleza. Quando Alexandra compreende que a discussão da gordofobia é de importância social e tenta influenciar sua audiência partindo de seu lugar, ela tenta em sua fala desencadear uma discussão atrelada ao direito a cidadania, pois a autoaceitação das mulheres gordas sobre seus corpos, por si só, não vai fazer com que a busca por roupas seja mais fácil, com que elas possam ocupar qualquer lugar ou que tenham mais oportunidades, mas vai fazer com que essa discussão aumente e ganhe visibilidade podendo alterar de forma significativa as práticas sociais que afetam as vidas desses sujeitos.

O *YouTube* que tem como base a cultura participativa (BURGESS; GREEN, 2009) através da interação entre fãs e produtores de conteúdo, nos permite através do espaço destinado a comentários dos vídeos, visualizar as interações entre audiência e celebridade nesse contexto. Observamos e registramos as interações das *youtubers* e sua audiência através de curtidas e respostas a determinados comentários.

⁶⁰ GURGEL, Alexandra. **Resposta à Karyna Rangel: Pelo "direito" de ser artificial**. YouTube, 05 mai. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=apCrXnl8K-Q>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

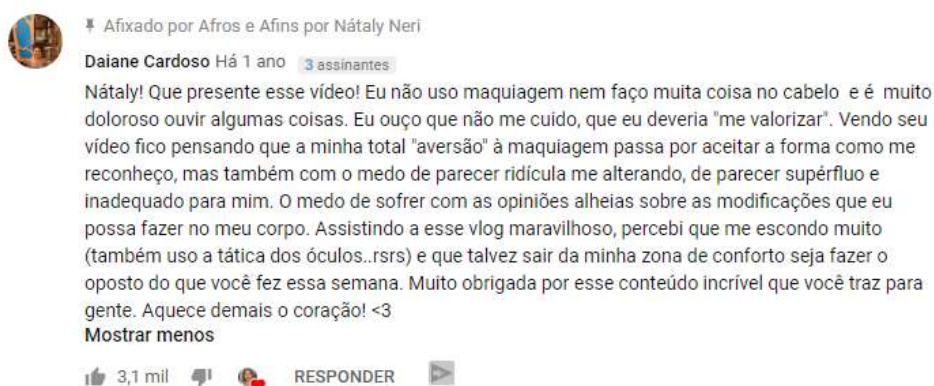
Gráfico 4: Interações - Afros e afins x Alexandrismos



Fonte: Elaboração própria.


Registramos que no aspecto dos *likes* nos comentários, a *youtuber* Nátaly interagiu de forma bastante significativa em relação a *youtuber* Alexandra, sendo que no segundo aspecto, a interação por resposta, Alexandra se sobressai. A relação de interação também pode ser vista através da aproximação e distanciamento de sua audiência a partir da observação dos relatos deixados nos comentários. No caso dos dois vídeos observados, a interação por parte das *youtubers* se deu apenas nos comentários que iam de encontro com suas falas, dessa maneira identificamos uma quantidade significativa de comentários que estão vinculados ao sentimento de aproximação e pertencimento.

Figura 2: Comentários – Afros e afins




Fonte: *print screen* elaborado pela autora (YouTube, 2017).

Figura 3: Comentários – Alexandrismos

 **BelQueSeQuis** Há 1 ano 7 207 assinantes
 É uma piada. Não pode ser verdade que você, padrãozinha, barbiezinha, tá achando difícil a vida e os "preconceitos" que vem "sofrendo" depois que as minorias estão ganhando algum espaço (espaço ínfimo comparado a todo o resto). Nunca ouvi nenhum canal que fala de body positive e de aceitação condenar quem é artificial e montada. É sobre amor próprio e reflexão pessoal. Aff 😊

👍 1,1 mil 🗨️ RESPONDER 📄


Ocultar respostas ^

 **ALEXANDRISMOS** ✓ Há 1 ano 440 595 assinantes
 Neh??

👍 53 🗨️ RESPONDER 📄

Fonte: *print screen* elaborado pela autora (YouTube, 2018).

Figura 4: Comentários – Afros e afins

 **Mariana Stephany** Há 1 ano (editado) 4 assinantes
 Cara eu me acho TÃO MAIS bonita sem maquiagem, com meu cabelo bem improvisado, com roupas largas e confortáveis....mas ainda tô presa no dilema de sair como eu gostaria. Sair sem maquiagem pra mim trás uma sensação horrível. As pessoas olham com uma cara estranha. Sei que não devia me importar mas sla :(Insegurança.

Sinto isso também quando tô com meu cabelo natural. É complicado. Quando eu alisava o cabelo, não me sentia tão vulnerável como agora. Quando as pessoas tocam me assunto as vezes com a minha sensibilidade kkkk

Vou fazer esse challenge tambem
 Mostrar menos

👍 73 🗨️ 📄 RESPONDER 📄

Fonte: *print screen* elaborado pela autora (YouTube, 2017).

Figura 5: Comentários – Alexandrismos

 **Pamela da Conceição Santos** Há 1 ano 1 assinantes
 Toda vez que venho aqui sei que sairei mais enriquecida de reflexões. Xanda é uma amiga que eu adoraria ter na vida real.

👍 769 🗨️ 📄 RESPONDER 📄

Ocultar respostas ^

 **ALEXANDRISMOS** ✓ Há 1 ano 440 595 assinantes
 Lindeza ❤️

👍 34 🗨️ RESPONDER 📄

 **Pamela da Conceição Santos** Há 1 ano 1 assinantes
 XANDAAAAAAA!!!!!!LINDEZA DE PESSOA É VOCÊ!!!!!! POIS NOS FAZ PENSAR RELAMENTE!!!!!!

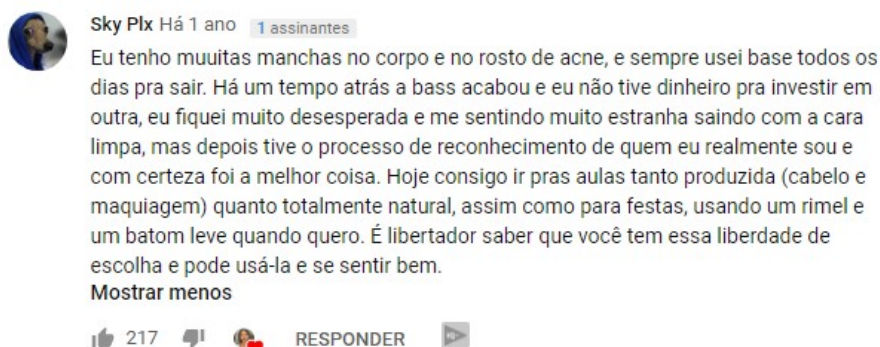
👍 3 🗨️ RESPONDER 📄

Fonte: *print screen* elaborado pela autora (YouTube, 2018).

No canal de Nátaly observamos que alguns comentários agregam o pensamento de vulnerabilidade e aproximação com o discurso do vídeo. Podemos destacar que essa aproximação vai de encontro ao que consideramos como um ato importante dentro do

ciberfeminismo, o encontro de vozes invisibilizadas. No canal de Alexandra, também observamos uma aproximação por parte dos seguidores, essa ligação de pensamentos também produz um sentimento de intimidade entre sua audiência.

Figura 6: Comentários – Afros e afins



Fonte: *print screen* elaborado pela autora (YouTube, 2017).

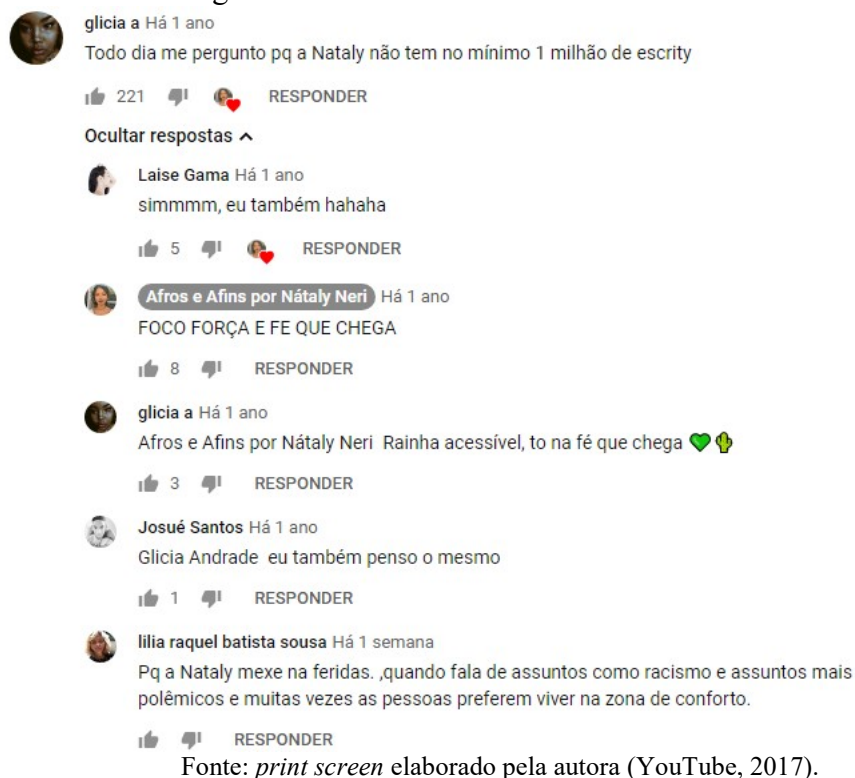
Figura 7: Comentários – Alexandrismos



Fonte: *print screen* elaborado pela autora (YouTube, 2018).

Um comentário também registrado vai de encontro com o contexto da pesquisa do alcance midiático. Uma das seguidoras se pergunta o motivo pelo qual o canal não possui mais de um milhão de inscritos e outra seguidora responde que o fato de Nátaly abordar questões mais complexas e desconfortáveis faz com que ela “mexa na ferida” e que geralmente as pessoas preferem não sair de suas zonas de conforto. Enquanto um comentário no canal de Alexandra também transparece a proximidade que seus seguidores possuem com as temáticas abordadas.

Figura 8: Comentários – Afros e afins



glicia a Há 1 ano
 Todo dia me pergunto pq a Nataly não tem no mínimo 1 milhão de escrity

221 1 RESPONDER

Ocultar respostas ^

Laise Gama Há 1 ano
 simmmm, eu também hahaha

5 1 RESPONDER

Afros e Afins por Nátaly Neri Há 1 ano
 FOCO FORÇA E FE QUE CHEGA

8 1 RESPONDER

glicia a Há 1 ano
 Afros e Afins por Nátaly Neri Rainha acessível, to na fé que chega 🍀🍀

3 1 RESPONDER

Josué Santos Há 1 ano
 Glicia Andrade eu também penso o mesmo

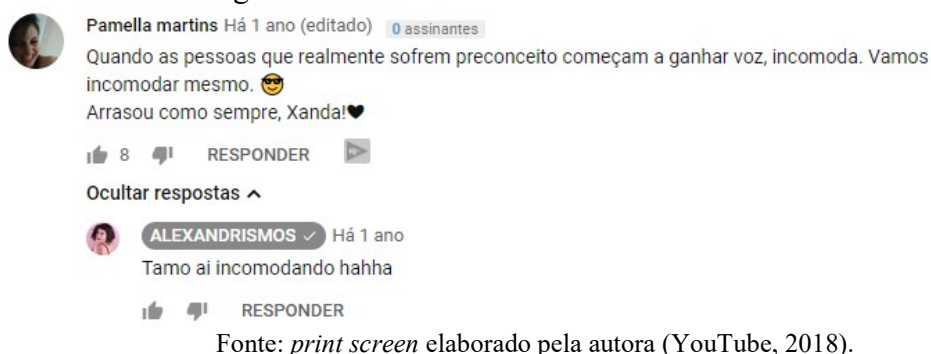
1 1 RESPONDER

lilia raquel batista sousa Há 1 semana
 Pq a Nataly mexe na feridas. ,quando fala de assuntos como racismo e assuntos mais polêmicos e muitas vezes as pessoas preferem viver na zona de conforto.

1 1 RESPONDER

Fonte: *print screen* elaborado pela autora (YouTube, 2017).

Figura 9: Comentários – Alexandrismos



Pamella martins Há 1 ano (editado) 0 assinantes

Quando as pessoas que realmente sofrem preconceito começam a ganhar voz, incomoda. Vamos incomodar mesmo. 😊

Arrasou como sempre, Xanda!❤️

8 1 RESPONDER

Ocultar respostas ^

ALEXANDRISMOS Há 1 ano
 Tamo ai incomodando hahaha

1 1 RESPONDER

Fonte: *print screen* elaborado pela autora (YouTube, 2018).

Encontrar no *YouTube* esse espaço de visibilidade para suas subjetividades nos parece uma relação explícita entre os dois canais. As *youtubers* trazem por meio de reflexões específicas de seus modos de vida, identidades, novas práticas comunicacionais de discussão e interação. Pensar em dar visibilidade para questões das mulheres negras e das mulheres gordas a partir das novas tecnologias, por exemplo, é pensar em confrontar o padrão midiático anterior amparado pelo ciberfeminismo. A partir disso temos mulheres gordas buscando um processo de autoaceitação e compreendendo que o processo em si precisa adentrar a uma discussão social, em que a sociedade seja colocada a enxergar tais fatos e realizar mudanças para que essas mulheres possuam uma melhor qualidade de vida. Ao mesmo tempo, mulheres

negras começam a entender seus processos a partir de uma discussão racial, levando essa discussão para o campo da estética e reivindicando por um mercado que também possa atender suas necessidades. Ao final compreendemos que tanto Nátaly quanto Alexandra, são submetidas a processos estabelecidos por uma sociedade que busca por um padrão de beleza universal, mas é importante salientar que a intersecção entre marcadores de diferenças ocasionam diferentes tipo de opressão, fazendo com que elas estejam colocadas no imaginário social de maneiras diferentes. Enquanto Nataly fala de seu lugar enquanto mulher negra, de cabelo crespo e magra, Alexandra traz em sua fala uma vivência enquanto mulher branca, cabelo liso e gorda. São marcadores que dentro da discussão de gênero desencadeiam também diferentes tipos de debates a partir de suas subjetividades, mas se aproximam por se apropriarem das novas tecnologias e suas aplicabilidades para difundir o ciberfeminismo.

4.4 DE PRETAS X ELLORA HAONNE

Pensar em interseccionalidade e utilizar o conceito por meio de análise de perspectivas se faz necessário não só na presente pesquisa, mas em todas as discussões sociais. Compreendendo as dinâmicas de poder estabelecidas entre raça e gênero, por exemplo, faz com que nossos olhares se voltem para as subjetividades inseridas naquele determinado contexto. Entendemos que a intersecção entre raça, gênero, classe, orientação sexual e etc desencadeiam opressões que não podem ser relacionadas somente a um desses marcadores. A pressão estética sofrida pelas mulheres não pode ser analisada somente pelo viés do gênero, pois mulheres negras e brancas são postas em opressões diferentes.

O surgimento de uma discussão ciberfeminista no *YouTube*, ganha diferentes atores que produzem novas narrativas a partir de suas vivências debatidas nos conteúdos de seus canais, atraindo diferentes visibilidades. A partir da observação dos vídeos postados no período de novembro de 2017 a novembro de 2018 e identificarmos os vídeos mais assistido no referente período, decidimos realizar uma análise comparativa entre os canais *De Pretas* e *Ellora Haonne*, pois os vídeos de mais alcance dos dois canais eram desdobramentos da mesma temática.

Quadro 8: Estatísticas gerais - De Pretas x Ellora Haonne

Canal	Início	Qtd. de	Qtd. de vídeos nov/17 a	Inscritos	Visualizações
-------	--------	---------	-------------------------	-----------	---------------

		vídeos	nov/18		
De Pretas	19/07/2015	228	65	423 711 mil	13 889 172 milhões
Ellora Haonne	25/02/2009	246	100	1 327 189 milhão	55 431 728 milhões

Fonte: Elaboração própria.

4.4.1 De Pretas

A *youtuber* Gabi Oliveira criou o canal *De Pretas* em julho de 2015. Gabi é carioca e formada em Relações Públicas e foi após sua monografia sobre o *Papel das redes sociais na valorização da estética negra* que surgiu a ideia de criar um blog, que em seguida virou canal no *Youtube*, unindo seus conhecimentos acadêmicos e falando sobre temáticas negras de forma bem humorada. O canal possui como temática central os aspectos relacionados às questões raciais, ela fala sobre séries, filmes e novelas e a maneira como o negro é retratado na mídia. Com vídeos colaborativos, convida outras *youtubers* negras para discutirem suas subjetividades. A *youtuber* faz vídeos respondendo seus inscritos, dá dicas de beleza com sugestões de produtos, mas também critica a falta de produtos voltados para a pele negra. Os vídeos mais visualizados são as resenhas de cosméticos, Gabi possui uma pele negra escura e relata a dificuldade que mulheres que possuem tonalidade de pele semelhante à dela enfrentam para encontrar produtos de maquiagem da cor correta, como a base por exemplo. São diversos vídeos com esse conteúdo, cada vídeo traz uma marca diferente, sendo produtos antigos que foram reformulados ou lançamentos. Vídeos como esse expõem como as mulheres negras ainda enfrentam dificuldades de serem enxergadas como consumidoras pelas empresas de cosméticos.

4.4.2 Ellora Haonne

A *youtuber* Ellora Haonne é uma jovem influenciadora digital que aborda em seu canal temas sobre relacionamento, comportamento, estética, autoaceitação, feminismo e empoderamento. A revista *FFW Fashion Forward* descreve a *youtuber* e o seu canal da seguinte forma,

Com apenas 19 anos, tem ganhado sua fama através do seu canal do *Youtube*, onde traz como principal tema assuntos sobre comportamento – desde complexidades da adolescência a feminismo, aceitação, racismo e religião – mas sempre de bom humor e de modo muito próximo a seu público. [...] O assunto mais relacionado a ela, que inclusive é um dos mais procurados em seu canal, é sobre empoderamento feminino e a relação de aceitação do próprio corpo. Ellora conta que já passou por muitos momentos difíceis, e, que como muitos jovens dessa geração, foi vítima de transtornos alimentares. Seus seguidores, maior parte jovens mulheres, a adoram justamente por sua simplicidade e intimidade que traz ao abordar esses temas, não distante e expondo também uma parte de si (BEREZNJAK, 2017).⁶¹

A *youtuber* conta em seu canal que passou por problemas durante sua adolescência que desencadearam transtornos alimentares, por isso a questão da aceitação do próprio corpo é uma das temáticas mais recorrentes. Apesar de verificarmos que o canal foi criado em 2009, o primeiro vídeo que consta foi publicado somente em 2015.

4.4.3 Análise 02: De Pretas x Ellora Haonne

Quadro 9: Vídeos mais assistidos - De Pretas x Ellora Haonne

Canal	Vídeo	Visualizações	Likes	Deslikes	Comentários
De Pretas	Tour pelo meu rosto	709 980 mil	112 mil	825	10 677 mil
Ellora Haonne	Tour pelo meu corpo - expectativa vs realidade	4 074 563 milhões	384 mil	5 mil	16 498 mil

Fonte: Elaboração própria.

Os dois vídeos são desdobramentos da *tag* “Tour pelo meu corpo”⁶², proposto pela também *youtuber* Luiza Junqueira do canal *Tá, querida*, no qual Luiza conta em vídeo sua relação com determinadas partes do seu corpo, principalmente partes que anteriormente ela não gostava, mas que aprendeu a aceitar. A *youtuber* incentivou que outras influenciadoras fizessem vídeos compartilhando os seus processos de aceitação com seus seguidores.

No vídeo do *De Pretas*, Gabi Oliveira afirma que considerou de bastante importância compartilhar sobre seus processos de aceitação, mas precisou repensar a dinâmica, pois afirma possuir um corpo considerado dentro dos padrões. Dessa maneira, a *youtuber* decidiu

61 BEREZNJAK, Esther. **Entrevista: com tom intimista, youtuber Ellora Haonne já reúne mais 300 mil inscritos em seu canal.** Disponível em: <<https://ffw.uol.com.br/noticias/gente/entrevista-com-tom-intimista-youtuber-ellora-haonne-ja-reune-mais-300-mil-inscritos-em-seu-canal/>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

62 JUNQUEIRA, Luiza. **Tour pelo meu corpo.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hDpHE2U4PEk&t=34s>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

realizar um tour pelo seu rosto, considerando que seus traços já foram sinônimos de dor durante muito tempo de sua vida.

Falando de forma geral por todo o meu rosto, nós encontramos o que a gente chama de traços negroides. Eu tenho um nariz largo, a boca grande, arcada dentária protuberante, gengiva escura, além é claro da minha pele e dos olhos da cor da noite (OLIVEIRA, G., 2018).⁶³

Os sujeitos negros trazem em suas vivências uma relação conflituosa entre seus traços negroides e a sociedade. Enquanto identidade é um processo em construção pelos mais variados motivos, os fenótipos do povo preto são marcadores de diferença que infelizmente ainda hoje são vistos como inferiores por uma parcela da população. Nilma Lino Gomes (2008) é assertiva ao falar que dentro da sociedade o cabelo do preto (crespo e cacheado) é dito como “ruim” enquanto o cabelo do branco (liso) é dito como “bom”, essas nomeações e relações também acabam sendo destinadas a outros traços, como o nariz por exemplo.

Passeando por cada detalhe mencionado, a *youtuber* vai conduzindo uma narrativa através do seu rosto, identificando os traços e refletindo a respeito de suas experiências em sociedade. O primeiro traço é o nariz, um dos fenótipos que geralmente possui conexão com a raça preta. A *youtuber* revela que já deixou de sorrir devido à imagem do seu nariz.

O triste é saber que sim, em algum momento eu deixei de sorrir por causa dele. Na infância o meu nariz era o meu martírio, foram horas e horas usando pregador para ver se eu conseguia afiná-lo, isso com 6 ou 7 anos. Esse nariz tão inofensivo, que hoje eu considero que combina tanto com o meu rosto, já foi motivo de muito choro. E foi só na fase adulta que eu percebi que esse não era um problema só meu. Conversas com pessoas de pele clara, a gente vê que por muitas vezes o nariz se torna o traço da dor, aquele que se pudesse seria apagado, afinado de qualquer jeito. Já em pessoas de pele escura o nariz é o que por muitas vezes acrescenta mais um peso. Ele continua sendo um dos principais motivos de gozação. Esse nariz tão inofensivo. Agora eu te pergunto: o que te fez acreditar que esse nariz aqui é feio e esse aqui é bonito (exibe uma foto de nariz com traços finos)? Porque é que os dois não podem ser bonitos? (OLIVEIRA, G., 2018).

Essas indagações surgem quando adquirimos uma consciência racial, nesse momento há uma tomada de consciência de aceitação dos seus próprios traços, refletindo nos modos que você transmite sua imagem. A *youtuber* revela que por muito tempo sentiu-se

⁶³ OLIVEIRA, Gabriela. **Uma Tour pelo meu rosto**. YouTube, 12 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CEOvcHPvvis>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

desconfortável com sua arcada dentária fazendo com que a impedisse de tirar fotos de perfil, mas hoje em dia não há mais esse desconforto e exibe fotos postadas dessa maneira em seu *Instagram*.

Entre discussões de imagens e representações, em determinado momento do vídeo Gabi afirma que o estereótipo na “nega maluca” se fez bastante presente em sua infância, alertando sobre como essas representações a partir de imagens de controle (COLLINS, 2016) afetam as vidas das crianças negras. A *youtuber* também conta que nunca se sentiu desconfortável com sua gengiva, por exemplo, mas que recebeu muitos comentários de seguidoras afirmando que passaram a aceitar suas gengivas escuras devido à imagem de Gabi, “é realmente muito significativo para mim, perceber como a minha exposição estética ajudou de alguma forma essas mulheres” (OLIVEIRA, G., 2018), reforçando que o fato da representação da mulher negra sem estereótipos e em sua diversidade a partir da valorização dos seus traços, pode afetar de forma positiva a vidas de outras mulheres negras.

Hoje eu olho para tudo isso aqui, esse turbilhão de dor e aceitação. Eu gosto do que eu vejo, acho que tudo isso combina, sei que muitos de vocês também gostam, mas eu já tenho 26 anos. Esse processo começou muito tarde para mim. Se aceitar não faz com que a estrutura não te afete, não me livra, não vai livrar minhas filhas e filhos e não livra nenhuma criança negra. Nós vivemos num país profundamente afetado pelo racismo, onde isso é bonito (exibe uma foto de uma mulher branca), isso é até aceitável (exibe uma foto de uma mulher negra de pele clara) e isso daqui é horrível (exibe uma foto de uma mulher negra de pele escura) (OLIVEIRA, G., 2018).

É importante pensarmos a respeito de como essas imagens influenciam no cotidiano dos sujeitos e nas relações que eles possuem com seus próprios corpos. No vídeo de Ellora, a *youtuber* decide exibir a verdadeira realidade do seu corpo. Ao refletir sobre como nós vivemos sempre nos comparando aos corpos ditos como perfeitos exibidos pelas influenciadoras na internet, a *youtuber* debate de forma prática o motivo pelo qual nós não devemos construir uma narrativa de corpos perfeitos. Através de uma narrativa de expectativa versus realidade, ela mostra suas fotos postadas no *Instagram* e as poses e artefatos que utiliza para passar outra imagem de seu corpo.

A primeira etapa é retirar a maquiagem, mostrando a realidade de seu rosto, pele sensível e avermelhada, manchas de espinhas, diferentes cores. O segundo aspecto é a postura do seu corpo, a *youtuber* revela que por detrás das fotos existe uma preparação de sua postura. Nas suas falas ela vai acrescentando suas experiências com determinadas parte do corpo.

Durante minha adolescência eu não gostava de ter peito grande, porque acreditava que na verdade isso era um sinal que eu era uma criança gorda. Então eu não poderia ter peito grande, porque ter peito grande era sinal de ser uma garota gorda (HAONNE, 2017).⁶⁴

Ao final dessa reflexão ela exhibe uma de suas fotos publicadas no *Instagram*, de biquíni e na praia, e sem seguida exhibe seu corpo real. Ela revela que na foto não há nenhum tipo de edição, mas há uma alteração em sua postura de forma física, como o fato de encolher a barriga, colocar o biquíni em determinada posição, tirar a foto em determinado ângulo. Esses artefatos são considerados pela *youtuber* como uma “forçada de barra” para chegar a uma imagem diferente da real.

Essa busca por uma imagem de beleza inalcançável se relaciona com as representações que nós temos de beleza no imaginário social, Ellora afirma que “[...] às vezes a gente fica no espelho se remoendo, porque a gente não se parece com fulana e com beltrana, que na verdade não se parecem com elas mesmas” (HAONNE, 2017), enquanto Gabi salienta que “[...] essas referências do que é bonito e feio não nascem com a gente. Elas são aprendidas. Nós podemos sim questioná-las e parar de reforçá-las” (OLIVEIRA, G., 2018), agregando a nossa discussão da existência de um padrão de beleza estabelecido pela sociedade, na qual os sujeitos continuam buscando por formas de se encaixarem nesses moldes.

Youtubers, influenciadores, pessoas públicas que divulgam sua imagem de modo geral raramente tem exatamente o corpo que elas aparentam ter e foi exatamente por isso que eu tive bulimia, porque eu me comparava com pessoas que não existiam. Eu me sentia completamente inferior à aquelas mulheres das capas das revistas, das fotos que eu via e etc. porque achava que eu não me esforçava o suficiente [...] que eu tinha que abrir mão de todos os meus prazeres, para ter aquele corpo (HAONNE, 2017).

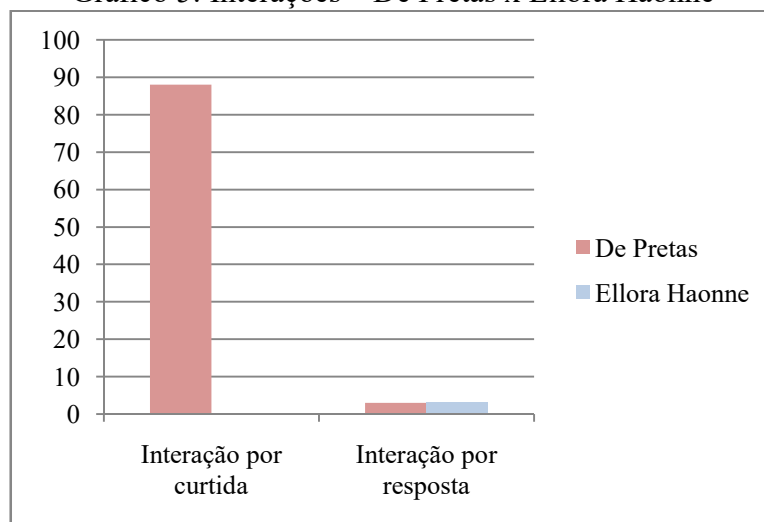
Sintetizando o pensamento de Piza (1995) e Carneiro (1995) ao debatermos a construção da identidade, passamos um processo de aproximação e distanciamento do outro. Quando a aproximação segue por intermédio dos nossos desejos do que queremos ser, e o distanciamento a partir daquilo que consideramos negativo, “reproduzo imagens que me aproximem do positivo e me afastem do negativo” (PIZA, 1995; CARNEIRO, 1995), dessa

⁶⁴ HAONNE, Ellora. **Tour pelo meu corpo - expectativa vs realidade**. YouTube, 25 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UaOuRxaV0kA>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

maneira, utilizamos artefatos para nos aproximar dessas imagens consideradas como perfeitas e nos distanciamos das nossas imagens reais.

A conexão entre os produtores de conteúdo e a audiência no *YouTube* é dada pela facilidade e aproximação na plataforma, geralmente a partir de modos de interação. Essa interação é vista a partir de modelo diferente estabelecido pelas mídias anteriores, na qual a audiência era apenas espectadora, sem muitas ferramentas de aproximação com as celebridades, por exemplo. No *YouTube* a partir de modos intimistas - como os *vlogs* - e da participação da audiência, através de curtidas e comentários nas postagens, os *youtubers* estabelecem novas maneiras de lidar e ganhar seguidores alcançando mais visibilidade.

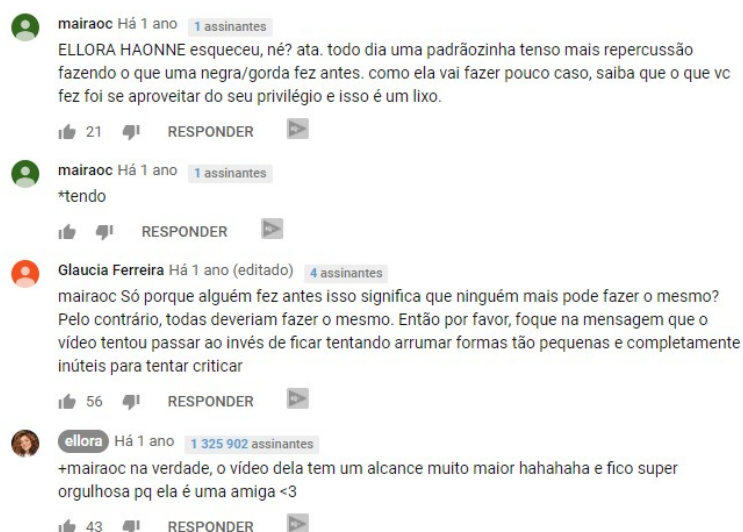
Gráfico 5: Interações – De Pretas x Ellora Haonne



Fonte: Elaboração própria.

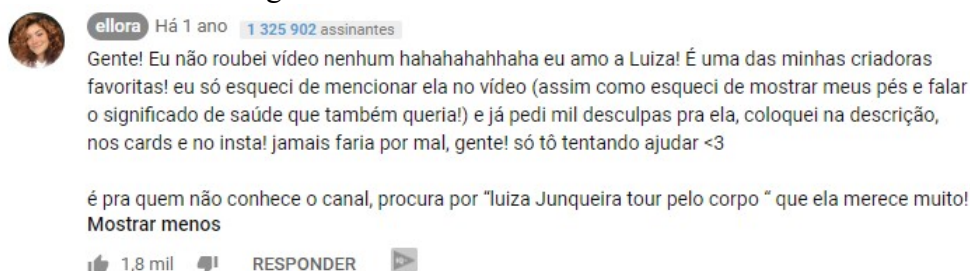
Identificamos uma diferença significativa nas interações das *youtubers* nos vídeos analisados. Apesar da mesma quantidade de interações por respostas nos dois vídeos, não visualizamos interação por curtida no vídeo de Ellora, enquanto Gabi interagiu 88 vezes. É importante salientar que Ellora não mencionou que a *tag* era um desdobramento da criada pelo canal *Tá, Querida*, fazendo com que alguns seguidores se manifestassem a respeito (Figura 8). A *youtuber* acrescentou nos *cards* e na descrição, além de explicar no campo dos comentários o que havia acontecido (Figura 9). Enquanto Gabi apenas interagiu com comentários que continham teor de identificação com sua fala (Figura 10).

Figura 10: Comentários – Ellora Haonne



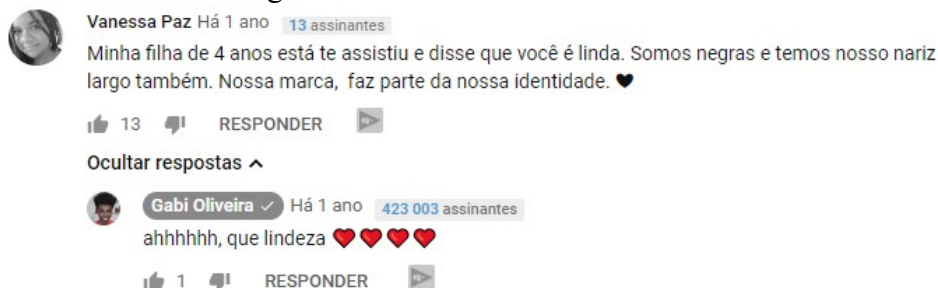
Fonte: *print screen* elaborado pela autora (YouTube, 2017).

Figura 11: Comentários – Ellora Haonne



Fonte: *print screen* elaborado pela autora (YouTube, 2017).


Figura 12: Comentários – De Pretas



Fonte: *print screen* elaborado pela autora (YouTube, 2018).

A interação dos seguidores com os *youtubers* demonstram não só uma perspectiva de alcance, mas também de aproximação e identificação com a temática ali discutida. O cyberfeminismo com sua proposta de apropriação das tecnologias para a promoção de uma discussão plural no contexto feminista se conecta nas falas das *youtubers*. A aproximação dos seguidores com o conteúdo dos canais nos mostra a importância de estarmos construindo essa rede de diálogo.

Figura 13: Comentários – De Pretas

 **laura souza** Há 1 ano 0 assinantes


Vídeo mais emocionante que eu já assisti no YouTube nos últimos tempos!!!! Tanto que eu, que nunca comento nada nessa plataforma, resolvi dizer algo. Kkk Mensagem linda de autoaceitação que sintetiza, no fundo, todas as discussões raciais desse canal! Parabéns Gabi! Me vi em muitos dos seus traços e te agradeço por ter proposto um novo olhar para os rostos que carregam essa ancestralidade africana linda. Bjo!

Mostrar menos

👍 139 🗨️ 🇧🇷 RESPONDER ▶️

Fonte: *print screen* elaborado pela autora (YouTube, 2018).

Figura 14: Comentários - De Pretas

 **Beatriz Liara** Há 1 ano 0 assinantes

É incrível como eu me identifico com você Gabi, sempre, me emocionei e você me fez lembrar alguns momentos que tive durante a minha infância e adolescência, por causa dos meus traços negros, que sempre foram motivos de chacota. A parte do meu corpo que era sempre um assunto de piada era a minha testa, por ser grande, um dos traços que muitos de nós negros também temos em comum. Por anos e anos sempre tentei esconder ou utilizar técnicas para disfarçar a minha testa, técnicas essas como alisamento e cortes de franjas etc. Hoje esse "problema" já não me incomoda mais por eu me inspirar e ver mulheres pretas maravilhosas como você é Viola Davis hahahaha...(nossa musa) se amando e principalmente se respeitando como somos!!


Obrigada por você compartilhar esse vídeo Gabi!! Agradeço de coração. 🙏🙏❤️❤️

Mostrar menos

👍 7 🗨️ 🇧🇷 RESPONDER ▶️

Fonte: *print screen* elaborado pela autora (YouTube, 2018).

Figura 15: Comentários – Ellora Haonne


 **Débora Torres** Há 1 ano 0 assinantes

Eu não te conhecia até ver esse vídeo. Eu realmente te agradeço, não paro de chorar desde que eu vi seu vídeo pela primeira vez(sim, estou vendo várias vezes para conseguir absorver) tenho bulimia desde meus 11 anos e vou fazer 18 já já. Estou tentando parar, paro e depois volto sempre. Meu instagram é repleto de corpos perfeitos que cheguei a colocar as fotos na parede do meu quarto para lembrar como eu deveria ser. Te agradeço realmente por esse vídeo pq vc não sabe quanto está me salvando e ajudando a sair disso. Ver esse outro lado, mais natural parece uma tortura, me deixa nervosa mas mesmo assim eu tento ver até tentar absorver essa idéia. Obrigada.

Mostrar menos

👍 225 🗨️ RESPONDER ▶️

Ocultar respostas ^

 **ellora** Há 1 ano 1 325 902 assinantes

Eu te entendo TANTO

👍 10 🗨️ RESPONDER ▶️

Fonte: *print screen* elaborado pela autora (YouTube, 2017).

Ao nos apropriarmos das novas tecnologias para contestarmos os moldes estabelecidos dentro de um padrão estético, estamos confrontando toda uma estrutura de opressão. Dessa maneira se faz interessante ressaltar que as duas *youtubers* se aproximam não apenas na temática, mas ao colocarem no centro da discussão suas questões íntimas, mas que de maneira geral podem afetar outras mulheres.

É importante pontuarmos quais imagens essas *youtubers* representam. Ellora se coloca no papel de desmitificar os corpos perfeitos que vemos na internet, mas em paralelo não podemos dispensar a informação de que a *youtuber* fala sobre o assunto a partir do seu lugar como mulher branca e magra (RIBEIRO, 2017). Desse modo não podemos esquecer que as mulheres negras são mais desvalorizadas em comparação as mulheres brancas, inclusive no aspecto estético (CARNEIRO, 1995), não deixando de mencionar que apesar de ser uma mulher magra, Gabi é uma mulher negra e numa sociedade na qual a supremacia branca prevalece (HOOKS, 2010), acaba por ser afetada por questões sociais perpetuando um sentimento de inferioridade.

Enquanto Gabi finaliza o vídeo convocando seus seguidores a pensar sobre o que nós enquanto sociedade estamos fazendo para que o racismo estético não se perpetue, Ellora encerra o seu vídeo pedindo para que seus seguidores tentem manter um equilíbrio entre saúde mental e saúde física. São duas perspectivas a partir dos seus contextos, mas que de certa forma se relacionam. Gabi enquanto mulher negra, cabelo afro e magra, Ellora enquanto mulher branca, magra mas que sofreu durante sua vida por distúrbio alimentares, partem de suas vivências, nesse caso, através de opressões sofridas, construindo uma rede de diálogos pela possibilidade de uma discussão plural nas questões de gênero.

4.5 JOUJOUT PRAZER X RAYZA NICÁCIO

Compreendemos que a autoaceitação e autoamor são perspectivas importantes na construção de uma narrativa de empoderamento no cotidiano das mulheres. Dessa maneira, buscamos entender como essa temática conectada ao ciberfeminismo vem sendo aplicada pelas *youtubers* que tratam dessas questões. Entendendo que o objetivo central da pesquisa é uma realização de uma análise comparativa entre *youtubers* auto declaradas negras e não negras, estabelecemos nesse momento a análise comparativa entre os canais JoutJout Prazer e Rayza Nicácio, que em referência ao objetivo central – de pensarmos na perspectiva do feminismo e empoderamento feminino - são as *youtubers* com mais alcance dentro da plataforma.

Observamos os vídeos publicados no período de novembro de 2017 a novembro de 2018 e identificamos um distanciamento entre as temáticas abordadas. Dessa maneira estabelecemos como categoria de aproximação os vídeos que abordassem a temática da

autoaceitação como forma de empoderamento. Embora não sejam os vídeos mais assistidos de cada canal, são os vídeos mais assistidos durante o referente período que trazem a temática da autoaceitação e autoestima. O passo seguinte foi a realização de uma análise comparativa a partir dos aspectos já mencionados nessa pesquisa, que são exposição dos dados de alcance, análise das temáticas discutidas e análise da interação das *youtubers* e sua audiência.

Quadro 10: Estatísticas gerais – JoutJout Prazer x Rayza Nicácio

Canal	Início	Qtd. de vídeos	Qtd. de vídeos nov/17 a nov/18	Inscritos	Visualizações
JoutJout Prazer	12/05/2014	487	116	2 212 194 milhões	268 709 428 milhões
Rayza Nicácio	25/03/2009	591	90	1 692 339 milhão	111 476 214 milhões

Fonte: Elaboração própria.

4.5.1 JoutJout Prazer

Júlia Tolezano é a *youtuber* por trás do canal Jout Jout, prazer. Ela discorre sobre temas diversos temas utilizando-se sempre do tom bem humorado. Em sua entrevista a *Revista Trip* ela fala que prefere dar leveza a assuntos mais sérios.

Desse jeito leve eu acabo chegando até em mais gente. Por exemplo, com o feminismo, falo de um jeito leve e com ele acabo atingindo meninas que talvez com uma abordagem mais agressiva não me assistiriam. E falo de um jeito que a pessoa vai entrando em contato com os princípios e vai pensando: “Ah, eu concordo com isso aí”. Tem muita menina de 13 anos que fala: “Jout Jout, tô concordando com você, achei interessante o que você falou”, e são meninas que antes diziam não querer falar de feminismo. Muita gente cobra que eu seja mais agressiva, só que eu não sou assim, não tem como fingir pra fazer uma propaganda e também não tem como fingir pra cumprir com as expectativas (TOLEZANO, 2016).⁶⁵

Júlia fala sobre seu cotidiano, relacionamentos, seus cachorros, seus amigos e diversas situações, fazendo com que seu bom humor se torne o protagonista dos vídeos. Não há uma padronização de temática, a *youtuber* aborda questões mais sérias como machismo, relacionamentos abusivos, política, além de levar convidados para debater sobre os assuntos.

⁶⁵ TOLEZANO, Júlia. **Jout Jout, bff de geral**. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/entrevista-com-julia-tolezano-a-jout-jout-nas-paginas-vermelhas>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

4.5.2 Rayza Nicácio

A *youtuber* Rayza Nicácio se tornou referência na plataforma e em outras redes sociais quando o assunto é transição capilar. Falando sobre a aceitação do seu cabelo natural, Rayza ganhou visibilidade produzindo vídeos tutoriais ensinando suas seguidoras a encontrar maneiras de cuidar de seus cabelos, para ela “cabelo cacheado não dá trabalho. Mas você precisa tratá-lo como cabelo cacheado” (NICÁCIO, 2016)⁶⁶, além disso a *youtuber* refletia em seus vídeos sobre suas vivências enquanto mulher com cabelo crespo, falando um pouco sobre suas experiências dentro de uma sociedade na qual não enxergava seu cabelo como bonito, “cheguei a deixar de ir a eventos na praia e na piscina com os amigos porque ia ‘estragar’ a chapinha e revelar meus cachos” (NICÁCIO, 2017)⁶⁷. Essas falas fez com que outras meninas e mulheres se identificassem com as experiências vividas por Rayza.

4.5.3 Análise 03: JoutJout Prazer x Rayza Nicácio

Quadro 11: Vídeos mais assistidos por temática - JoutJout Prazer x Rayza Nicácio

Canal	Vídeo	Visualizações	Likes	Deslikes	Comentários
JoutJout Prazer	Tá, mas como faz isso de se amar?	1 105 470 milhões	133 mil	586	4 709 mil
Rayza Nicácio	O vídeo mais sincero desse canal...	452 263 mil	60 mil	683	3 608 mil

Fonte: Elaboração própria.

Rayza inicia sua narrativa a partir do aspecto da autoestima e autoaceitação, como experiência individual, pois fala de si, mas também de forma coletiva, pois apresenta as vivências das suas seguidoras. Ela inicia seu vídeo relatando que determinados sujeitos estão sugerindo que a aceitação do cabelo crespo e cacheado é proveniente de uma moda, referente ao fato de que mais mulheres com esse determinado tipo de cabelo estão sendo vistas nas

⁶⁶ NICÁCIO, Rayza. **Cabelo cacheado: 5 lições da blogueira Rayza Nicácio**. Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/beleza/cabelo-cacheado-5-liceos-da-blogueira-rayza-nicacio/>>. Acesso em: 15 maio 2019.

⁶⁷ Idem. **Campanha com blogueira incentiva mulheres a aceitarem os cabelos cacheados**. Disponível em: <<https://www.bonde.com.br/comportamento/comportamento/campanha-com-blogueira-incentiva-mulheres-a-aceitarem-os-cabelos-cacheados-433273.html>>. Acesso em: 20 maio 2019.

revistas, na Tv e outros espaços, fazendo com que outras mulheres assumam sua textura natural.

Mas não é moda. Ninguém passa por transição por moda. Ninguém enfrenta sua imagem no espelho por moda. Imagem essa que foi muito odiada. Cabelo esse que foi muito puxado, maltratado e muitas vezes motivo de choro, que fez de nós, nossas maiores agressoras (NICÁCIO, 2018).⁶⁸

Essa reflexão de Rayza nos mostra dois aspectos importantes que precisamos nos debruçar sobre eles. O primeiro é o fato de que o cabelo crespo e cacheado é um dos elementos que fazem com que os sujeitos negros sejam colocados em posições inferiores (GOMES, 2005) e o segundo aspecto é que Rayza coloca as mulheres que possuem esse tipo de cabelo como suas próprias agressoras, sem adentrar para a discussão que essas violências realizadas pelas próprias vítimas, sejam resultados da busca por um padrão de beleza, que muitas vezes também está ligado às questões raciais. hooks (2019, p. 223) fala que as “representações convencionais de mulheres negras cometeram violência contra a imagem” e Carneiro (2018, p. 278) nos diz que “os estigmas e estereótipos que desvalorizam socialmente as mulheres negras” precisam ser distanciados do imaginário social através de estratégias antiracistas.

Outro aspecto importante nesse momento é a influencia da representação. Quando o cabelo afro foi colocado dentro do imaginário social como “ruim” e esse pensamento foi perpetuado nas mídias tradicionais, muitas mulheres buscaram através de determinados procedimentos alterar a textura natural de seus cabelos. Essas são formas de se distanciar das características dos sujeitos negros, para hooks (2019) sempre haverá uma crise na identidade negra enquanto as pessoas negras se distanciam e rejeitam sua negritude na busca por “alcançar qualquer grau de autosuficiência econômica, ou ser privilegiado materialmente” (HOOKS, 2019, p. 60).

Quando a partir de um determinado momento, por meio de consciência racial e promoção da autoestima, algumas dessas mulheres buscam a partir da transição capilar retornar com a textura natural dos seus cabelos, elas ampliam essa discussão e influenciam outras, fazendo com que essa discussão atravesse outras mídias, mesmo que em proporções

⁶⁸ Idem. **O vídeo mais sincero desse canal...** YouTube, 23 jan. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6ZsfO10ej_I&t=211s>. Acesso em: 20 maio 2019.

menores, desencadeando em novas representações desses cabelos, por isso o aumento da visibilidade dessa temática nas produções midiáticas.

No vídeo analisado a *youtuber* exibe alguns comentários deixados em seus vídeos por suas seguidoras, denominadas como *íntimas da Ray*. Os comentários vão de encontro com a importância da representação na influência de novos modos de pensar. Uma seguidora fala que Rayza mostrou a ela que o cabelo cacheado e crespo também é belo e ela não enxergava isso, “[...]aceitar o meu cabelo me fez mais livre e ciente de que sou eu quem defino o que é melhor para mim, não os outros”, outra seguidora afirma que Rayza “[...]mudou a minha forma de me olhar” enquanto outra relata que aceitar o seu cabelo natural foi o primeiro passo para aceitar o corpo. Esses relatos a respeito da imagem de Rayza como uma influência para que outras mulheres assumissem não só os seus cabelos, mas que enxergassem que estavam presas a padrões estéticos.

O vídeo de Júlia Tolezano é desdobramento de uma mesa de mulheres em que a *youtuber* participou na qual o tema central era sobre como ter autoconfiança, como se amar. Ela revela que em determinado momento uma das mulheres perguntou “eu chego em casa hoje e faço o que para estimular minha autoestima?” fazendo com que as demais participantes da mesa pontuassem formas que poderiam ajudar as mulheres na busca da autoaceitação e autoestima. Dessa forma, Júlia decidiu compartilhar com sua audiência alguns pontos colocados nesse dia, numa espécie de passo a passo.

O primeiro ponto colocado pela *youtuber* é que a autoestima é uma construção diária, entendendo que ela pode está conectada não apenas com nossos pensamentos, mas também com nossas relações sociais, para Júlia o fato de estar rodeada de pessoas que abordam assuntos variados e não apenas de questões estéticas faz com que ela não coloque as pautas estéticas como ponto central em sua vida, “como eu não tenho pessoas me lembrando de me preocupar sobre ficar insatisfeita com meu corpo, eu acabo me distraindo com outras coisas”.

Se rodeie de pessoas que te coloquem para cima e que tenham os mesmos interesses que você [...] As vezes você nem dá importância para determinado tipo de coisa, mas tem tanta gente ao seu redor dando importância para isso, que você passa a achar que precisa se importar também (TOLEZANO, 2018).⁶⁹

⁶⁹ TOLEZANO, Júlia. **Tá, mas como faz isso de se amar?** YouTube, 26 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OljdATv51HA&t=128s>>. Acesso em: 24 maio 2019.

É preciso nos atentar para o que está por detrás dessa fala, é importante nos questionarmos sobre quais sujeitos possuem o privilégio de escolher suas relações sociais e os lugares que frequentam, será que os sujeitos negros podem fazer esses tipos de escolhas ou esse privilégio é relacionado com os modos de vida da branquitude?

Em seguida o ponto colocado por Júlia é que a construção da nossa autoestima está ligada ao “outro”, ela acredita que quando damos importância a forma como o “outro” nos enxerga é por que o nosso olhar está condicionado ao julgamento. Concluindo que na verdade nós temos medo de que sejamos vistos da mesma maneira que enxergamos, com olhar cruel ao invés de gentil. Essa reflexão também nos permite associar a uma maneira universal de enxergar os problemas, dispensando o pensamento crítico da interseccionalidade. Compreendemos também que a imagem dos sujeitos negros no imaginário social não pode ser reduzida apenas a maneira em que esses indivíduos se enxergam, além de ressaltarmos que enquanto a mulher é vista como “o outro”, a mulher negra é vista como “o outro do outro” (KILOMBA, 2016).

Para Rayza a percepção estética a partir de sua vivência enquanto mulher de cabelo cacheado é também uma perspectiva da relação de si mesma, “pergunte a uma cacheada ou crespa a história do seu cabelo e você vai ouvir a história da sua vida” (NICÁCIO, 2018). Esse relato da *youtuber* nos recorda sobre como os elementos relacionados à raça negra desencadeiam determinados tipos de experiência da vida de algumas mulheres.

Cada pessoa tem suas lutas e seus conflitos. Aqui você conheceu alguns dos meus e de minhas seguidoras. A gente não precisa ter passado pelas mesmas coisas, você pode ter passado por coisas muito piores. Tenho certeza que muita gente passa por coisas muito piores do que eu. Pode estar ainda mais longe dos padrões, pode ter o cabelo crespo, black, pode ter a pele escura, baixa demais, alta demais, magra demais, gorda demais. Mas da minha parte eu te convido com uma frase que eu recebi de uma amiga “seja uma mulher que levanta outras mulheres” (NICÁCIO, 2018).

Júlia considera que a maior parte das dicas dadas sejam relacionadas às questões estéticas por entender igual a Rayza, que as mulheres são postas a opressões de um padrão considerado como ideal. Mas afirma entender que há muitas mulheres que estão dentro desse padrão, mas que por outros motivos não estão satisfeitas consigo mesma, alertando que é preciso uma busca interior de autoconhecimento para poder lidar com outros aspectos. A

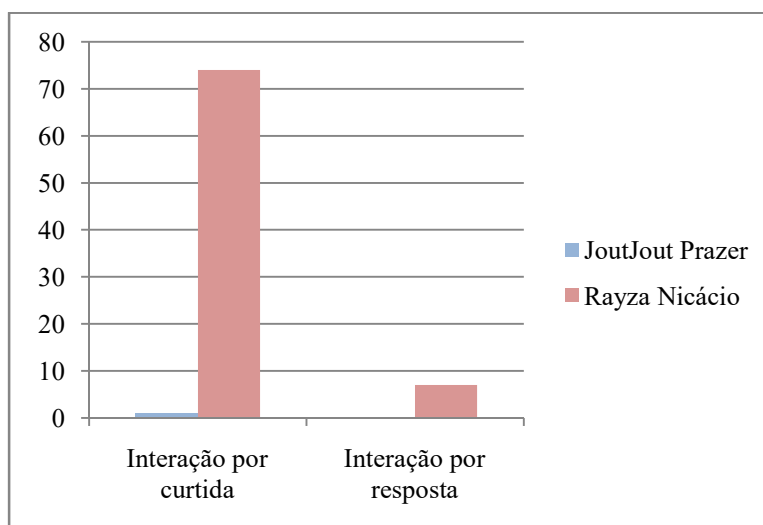
youtuber também discorre sobre um ponto levantado por outra produtora de conteúdo da plataforma, Ana Paula Xongani, a partir de uma perspectiva enquanto mulher negra.

É importante você ver pessoas que se parecem com você. Para que você crie uma imagem sua que você conhece. Ela fala a partir da perspectiva da mulher negra, que não se vê nas revistas, que não se vê na televisão, não se vê nas propagandas, não se vê em lugar nenhum. Aí fica difícil de você criar uma imagem de como você é, mas isso vale para todas, [...] você vai criando um banco de imagens de pessoas que se parecem com você. Você cria um laço afetivo com a sua imagem (TOLEZANO, 2018).

Novamente a discussão da representação é colocada, dessa vez a partir da reflexão de uma mulher negra. Júlia acrescenta que “para você se reconhecer no outro, você precisar ver outros que são como você” (TOLEZANO, 2018), agregando ao que já discutimos anteriormente, sobre como as imagens semelhantes as nossas ao serem reproduzidas sem modelos negativos podem desencadear em novos modelos de representação, contribuindo para que outras mulheres reflitam e construam sua autoestima de maneira saudável. Carneiro (2018, p. 279) nos fala que é “necessária a formulação de propostas que permitam a circulação igualitária das imagens das mulheres recortadas pela raça”, indo de encontro ao pensamento de hooks (2019, p. 240) que acredita que “ao olharmos e nos vermos, nós mulheres negras nos envolvemos em um processo por meio do qual enxergamos nossa história como contramemória, usando-a como forma de conhecer o presente e inventar o futuro”.

Colocarmos nesses espaços as subjetividades de determinados sujeitos, influenciando novas reflexões e produzindo novos modelos sociais são exemplos do que podemos ver no *YouTube*. Diante do contexto da cultura participativa podemos compreender que as interações nas novas mídias são de fato um dos diferenciais das relações sociais na contemporaneidade. As interações são significativas, pois produzem não só uma conexão de identificação com as temáticas, mas também podem ser ferramentas de alcance.

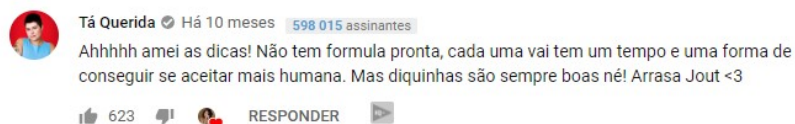
Gráfico 6: Interações – JoutJout Prazer x Rayza Nicácio



Fonte: Elaboração própria.

Observamos os dois vídeos e registramos as interações realizadas pelas *youtubers*. Na observação realizada no canal *JoutJout Prazer*, praticamente não registramos interações entre Júlia e seus seguidores, considerando que a única interação observada foi deixada no comentário de outra *youtuber* (Figura 14).

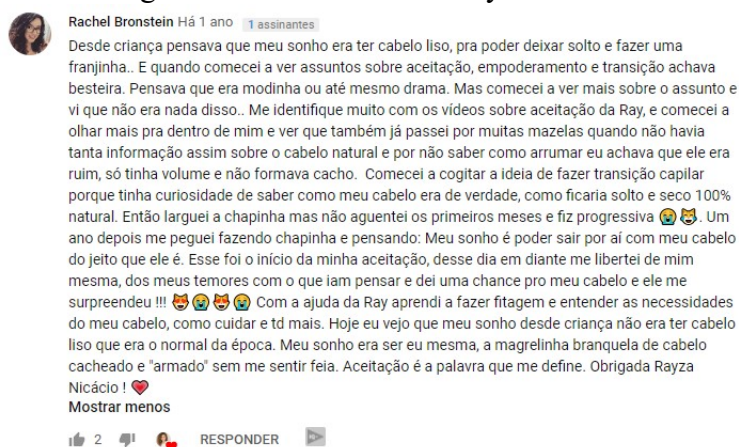
Figura 16: Comentários – JoutJout Prazer



Fonte: *print screen* elaborado pela autora (YouTube, 2018).

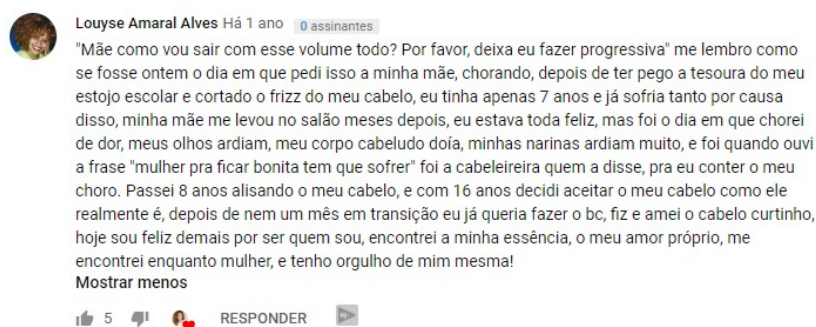
Enquanto Rayza Nicácio interagiu de forma bastante significativa em comparação a Júlia. Além disso, vale ressaltar que no próprio vídeo Rayza utilizou imagens de comentários realizados por suas seguidoras em outros vídeos, mostrando que as interações atravessaram o espaço dedicado aos comentários e foram para suas produções.

Figura 17: Comentários – Rayza Nicácio



Fonte: *print screen* elaborado pela autora (YouTube, 2018).

Figura 18: Comentários – Rayza Nicácio



Fonte: *print screen* elaborado pela autora (YouTube, 2018).

As interações da audiência a partir da percepção do sentimento de aproximação e pertencimento com os conteúdos discutidos nos vídeos das *youtubers* é uma ferramenta importante para compreendermos a influência das falas dessas mulheres. Identificamos que maioria das interações de Rayza aconteceu através do sentimento de aproximação com a vivência da *youtuber* (Figura 17), mas também registramos interações a partir de relatos insatisfeitos com o conteúdo (Figura 18) além de comentários de sujeitos do gênero masculino se identificando com o conteúdo (Figura 19). Apesar de não registrarmos interações nos comentários do vídeo de Júlia, identificamos e selecionamos dois comentários que pudessem ilustrar a aproximação de sua audiência com o conteúdo inserido no vídeo (Figuras 20 e 21).

Figura 19: Comentários – Rayza Nicácio

 **Samanta Barbosa** Há 1 ano 0 assinantes
 Assistindo esse vídeo fiquei mto reflexiva, faço progressiva no cabelo a 12anos, agora tenho uma filha de 9meses, ela nasceu de cabelo liso mas agora está cacheando, lindos cachos. Tô pensando q imagem vou passar pra ela, os cachos são lindos mas será q ela vai acreditar em mim qdo eu disser, já q não uso os meus naturais?? Não sei se consigo passar por uma transição 😊

👍 4 🗨️ 📩 RESPONDER

Ocultar respostas ^

 **Rayza Nicácio** ✓ Há 1 ano 1 692 799 assinantes
 Samanta Barbosa não se cobre, vai com calma. Tente fazer sua filha acreditar na própria beleza quando ela entender isso! Mas ainda é tão cedo, tanta coisa pode mudar! Calma e não anseie tanto algo que não está acontecendo ainda ▼

👍 1 🗨️ RESPONDER

 **Samanta Barbosa** Há 1 ano 0 assinantes
 Mente de mãe viaja, a gente pensa lá na frente. Mas está certo Ray...mto mto obrigada♡

👍 🗨️ RESPONDER


Fonte: *print screen* elaborado pela autora (YouTube, 2018).

Figura 20: Comentários - Rayza Nicácio


 **Emiliane Vasques** Há 1 ano 0 assinantes
 Me sinto excluída vendo o video de uma pessoa q tanto gosto e que tanto admiro mas so fala de cabelo cacheado e coloca quem gosta de chapinha la em baixo, eu amo meu cabelo liso e cuido muito bem dele.. ele tambem e lindo e tambem tem identidade, muda esse discurso padronizado. Sou sua fã!

👍 3 🗨️ RESPONDER

Ocultar respostas ^

 **Rayza Nicácio** ✓ Há 1 ano 1 692 799 assinantes
 Emiliane Vasques princesa, sério? Você viu o vídeo todo e os depoimentos? Não se sinta assim, não entenda errado. ▼

👍 🗨️ RESPONDER

 **Emiliane Vasques** Há 1 ano 0 assinantes
 +Rayza Nicácio Tudo bem ray <3 (sou de campinas também)

👍 🗨️ RESPONDER

Fonte: *print screen* elaborado pela autora (YouTube, 2018).

Figura 21: Comentários – Rayza Nicácio

 **Aqualad Lopes** Há 1 ano 37 assinantes
 É estranho eu me identificar com esse vídeo sendo homem?

👍 3 🗨️ 📩 RESPONDER

Ocultar respostas ^

 **Yasmin Carmo** Há 1 ano 1 assinantes
 Aqualad Lopes acho q n

👍 🗨️ RESPONDER

 **Luana Omena** Há 1 ano 12 assinantes
 Aqualad Lopes. Não.

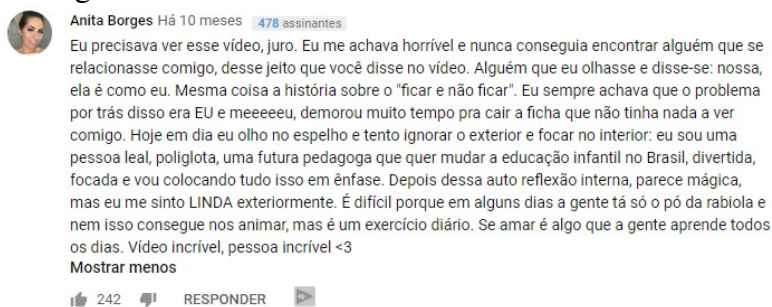
👍 🗨️ RESPONDER

 **Rayza Nicácio** ✓ Há 1 ano 1 692 799 assinantes
 Aqualad Lopes não mesmo ❤️

👍 🗨️ RESPONDER

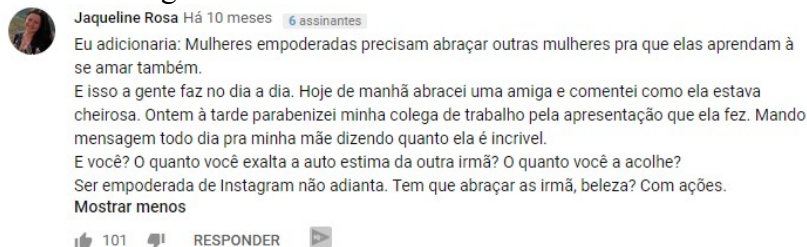
Fonte: *print screen* elaborado pela autora (YouTube, 2018).

Figura 22: Comentários – JoutJout Prazer



Fonte: *print screen* elaborado pela autora (YouTube, 2018).

Figura 23: Comentários – JoutJout Prazer



Fonte: *print screen* elaborado pela autora (YouTube, 2018).

É preciso ressaltar que a interseccionalidade foi um conceito desenvolvido por feministas negras que visavam confrontar e combater as diversas opressões, inicialmente pautadas nas questões de raça e gênero (AKOTIRENE, 2018), mas que se expandiu a outros marcadores de diferenças. Esse conceito que aqui utilizamos também como categoria metodológica, nos faz visualizar como se dão as diferenças nas falas entre as mulheres negras e não negras.

O processo de autoaceitação e a construção de um discurso de autoestima agem sobre as mulheres de formas diferentes, e quando esse processo está ligado diretamente ao aspecto estético, entendemos que as mulheres negras estão colocadas em uma posição inferior, sendo mais desvalorizadas do que as mulheres brancas (CARNEIRO, 1995). Essa dinâmica opressora encontra nos discursos universais das mulheres brancas uma ferramenta de silenciamento das subjetividades femininas negras. Enquanto Júlia traz em sua fala passos para construir uma autoestima, ela fala de seu lugar enquanto mulher branca, que pode escolher os lugares que frequenta, as suas relações sociais e os assuntos de suas conversas, enquanto mulheres como Rayza trazem consigo características relacionadas aos sujeitos negros, como o cabelo crespo ou cacheado, que podem ser fatores determinantes nas suas vivências, afetando suas relações sociais e imagem de si mesmas.

4.6 RESULTADOS ALCANÇADOS

A partir dos dados analisados nesse capítulo pudemos visualizar que há um distanciamento expressivo no aspecto de alcance entre as *youtubers* negras e não negras. Buscamos afastar de forma significativa os fatores externos, nos debruçando por meio de categorias de aproximação para que pudéssemos realizar uma análise comparativa coesa entre os canais.

Na primeira análise entre os canais Afros e afins e Alexandrismos, pudemos observar que apesar de possuir mais inscritos que Alexandra Gurgel, Nátaly Neri recebeu menos visualizações no vídeo, esse dado também se repete quando verificamos os números de visualizações gerais de cada canal, nos fazendo entender que os vídeos de Alexandra conseguem ter mais recepção. Ao analisarmos as interações concluímos que se tratando de *likes* nos comentários de sua audiência, Nátaly se sobressai em comparação a Alexandra, que no quesito interação por resposta ultrapassa Nátaly. Quando passamos para o passo seguinte, de aproximação da audiência com o conteúdo, conseguimos visualizar que as duas *youtubers* conseguem manter um diálogo próximo às opiniões de seus seguidores, que encontram ali naquele espaço e temática, uma espécie de identificação a partir de suas vivências.

Essas falas quando analisadas sob o viés da interseccionalidade nos faz visualizar as conexões e diferenças entre as duas *youtubers*. Elas partem do mesmo princípio nas discussões, as escolhas individuais precisam ser um fator determinante na aceitação de seus corpos. Ao entenderem que as mulheres fazem uso de determinados procedimentos ou artefatos para alterar sua imagem, é preciso indagar se elas o fazem apesar de estarem cientes de um padrão e querem reproduzi-los ou se esse ato está implicado à opressão a qual estão inseridas. Nátaly e Alexandra confrontam essa dinâmica opressora que recai sobre os ombros das mulheres através de uma estética dominante que querem controlar seus corpos. Nátaly enquanto mulher negra reflete a partir de seu lugar, mas seus discursos podem afetar mulheres com outras identidades. Alexandra parte de seu lugar enquanto mulher gorda, que foi afetada pela opressão estética de uma maneira diferente de Nátaly, mas sua fala também pode afetar e influenciar outras mulheres, com outros corpos, as fazendo refletir sobre as pressões estéticas.

Dessa maneira entendemos aqui, que apesar de possuírem lugares de fala (RIBEIRO, 2017) diferentes, as discussões abordadas pelas duas *youtubers* podem de fato ser ouvidas e entendidas por mulheres de raça, corpos e classes diferentes, salientando que os modos de

entendimento dessas mulheres irão mudar de acordo com suas vivências e as representações que possuem de si mesmas.

A segunda análise realizada nos vídeos dos canais De Pretas e Ellora Haonne também expôs um grande distanciamento no alcance midiático, no qual o vídeo de Ellora conseguiu um alcance bastante significativo em comparação ao de Gabi, apesar de possuírem conteúdos semelhantes, pois faziam parte do desdobramento da *tag* “tour pelo meu corpo”. Essa diferença também foi observada no segundo aspecto da análise, o da interação, mostrando que praticamente não há interação da *youtuber* Ellora com sua audiência, quando comparado com a interação de Gabi e seus seguidores.

Em relação às falas das *youtubers* pudemos observar os marcadores de diferenças que interferem nas suas posições na discussão de gênero. Gabi Oliveira enquanto mulher magra entendia que a questão do corpo não era uma problemática em sua vida, mas ao pensar em seus traços negroides, enquanto pertencente à raça negra, compreendeu que sempre esteve posta a opressão estética em decorrência dos seus traços. Ellora Haonne, enquanto mulher branca e magra, não foi colocada sobre os mesmos tipos de opressões que Gabi, mas por ter um passado de complicações com a imagem do seu corpo o que desencadeou em distúrbios alimentares, confronta as imagens de corpos perfeitos que geralmente vemos nas redes sociais.

Apesar de serem colocadas sob o viés da pressão estética a qual as mulheres são afetadas, Ellora consegue ter mais facilidade de se encaixar nesse padrão, pois é branca e magra, enquanto Gabi mesmo tendo o corpo considerado como dentro desses moldes estéticos, possui em seu rosto traços referentes à sua raça. Nesse momento compreendemos que a ligação entre marcadores de diferenças fazem com que as duas *youtubers* partam de lugares diferentes e por isso, talvez, Gabi não consiga ter o mesmo alcance que Ellora, pois seu vídeo em especial, aborda a questão racial como ponto importante, já Ellora devido a sua aproximação desse padrão ideal consegue atingir mais mulheres por meio de sua fala. É importante nos indagarmos novamente sobre a universalização da fala de mulheres como Ellora, pois mesmo sendo a maior parte da população brasileira, as subjetividades dos negros, aqui falamos das mulheres negras, ainda são colocadas como exceção.

Na terceira análise realizada, observamos que apesar de possuir um canal cinco anos mais recente do que o de Rayza, Júlia não só a ultrapassa nos inscritos, como também nas visualizações gerais, além de alcançar maior audiência no vídeo analisado. Esse dado acaba

por ser incoerente quando o relacionamos com as interações, pois não foram registradas interações de Júlia com sua audiência através dos comentários, enquanto Rayza possui números de interações significativos.

Em relação às temáticas abordadas pudemos compreender que o processo de aceitação dos seus corpos é colocado através da mesma perspectiva, a construção de uma autoestima. Mas quando paramos para enxergar os percursos das vivências dessas mulheres, identificamos diferenças. Júlia decide compartilhar com sua audiência formas de se amar, mas algumas dessas formas estão relacionadas a escolhas que por muitas vezes só podem ser realizadas por mulheres que estão em determinada posição de privilégio, como as mulheres brancas de classe média ou alta, por exemplo. Enquanto isso Rayza traz a partir do ponto de vista de sua vivência e de suas inscritas, relatos do processo de autoaceitação a partir da aceitação do cabelo natural, geralmente crespo ou cacheado.

Um ponto bastante importante a ser considerado é que mesmo se tratando de um fenótipo relacionado à raça negra, o cabelo cacheado ou crespo também pode visto em mulheres não negras. Esse ponto conectado ao fato da ausência do debate racial na maior parte dos vídeos de Rayza juntando-se ao fato de que a *youtuber* é negra de pele clara, faz com que a discussão ali inserida não seja restrita apenas as mulheres negras, despertando o interesse de outras mulheres, independente da cor da pele.

A autoaceitação como ferramenta de empoderamento individual é colocada como prêmio às mulheres que conseguem atravessar esse campo de pressões e estabelecer um diálogo com si mesmo e com seus semelhantes. As mulheres que recorrem às novas mídias para dialogar e transformar as novas imagens de representações levam em sua fala um processo de lidar com o coletivo, mas que coletivo é esse? As mulheres em sua total pluralidade estão sendo representadas nesses discursos ciberfeministas?

Utilizar a interseccionalidade como método de análise nesta pesquisa fez com que pudéssemos “desconstruir a falsa vulnerabilidade uniformizada, demonstrar o contexto das branquitudes” (AKOTIRENE, 2018, p. 45). O que podemos concluir com base nos vídeos analisados é que a universalização do “ser mulher” foi identificada nas falas das *youtubers* não negras, em decorrência disso, seu alcance acaba por ser mais expressivo. Mesmo que as *youtubers* negras não produzam conteúdos restritos às questões raciais, suas falas não são entendidas a partir do contexto de gênero e sim racial, colocando-as numa posição de exceção e não de pluralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa surgiu a partir de dados que mostravam que as mulheres negras *youtubers* não possuíam uma visibilidade proporcional a outras mulheres que produzem e publicam seus vídeos na plataforma. A hipótese que tínhamos era de que a dificuldade de alcance midiático poderia ser um dos desdobramentos do racismo na comunicação contemporânea. Partindo do pensamento de que a cultura participativa é a base do *YouTube* a partir da facilidade de acesso e produção de conteúdo, além da possibilidade de interação entre os *creators* e a audiência, fez com que nós nos debruçássemos sobre esses fatos para entender essas novas dinâmicas.

Esse cenário de facilidade também permitiu que indivíduos que anteriormente não possuíam espaço na mídia hegemônica pudessem se apropriar das novas tecnologias, com ênfase aqui nas redes sociais, para discutir assuntos relacionados às suas subjetividades e necessidades. Exemplo disso são as mulheres, que levaram para o ambiente digital as discussões a respeito do feminismo e empoderamento feminino, alimentando o debate contra o machismo e confrontando os ideais de beleza. As mulheres negras que possuem um histórico de invisibilidade na mídia hegemônica, além de serem afetadas por meio da reprodução de imagens de controle e estereótipos, também se apropriaram das redes sociais para incluir no ambiente digital o que elas não tinham espaço para discutir em outras mídias.

Partindo desse contexto buscamos ao decorrer da pesquisa entender o caminho das mulheres negras na sociedade por meio do contexto midiático. Dessa maneira nos debruçamos nos três primeiros capítulos a partir de questões teóricas-conceituais para alcançarmos os objetivos específicos. No primeiro capítulo buscando entender a posição da mulher negra através da perspectiva feminista interseccional e sua implicação no empoderamento, pudemos entender que a tomada de consciência da identidade negra pode resultar na ampliação de discussões e reivindicações confrontando a lógica de dominação da branquitude. Essa lógica também é perpetuada nos movimentos de minorias, como o movimento feminista, que apesar de reivindicar por direitos iguais aos dos homens numa perspectiva de gênero, foi incapaz – e ainda é - de compreender que compactuava para a opressão e invisibilidade das mulheres negras no movimento. O que resultou no surgimento do Feminismo Negro e em seguida a perspectiva do Feminismo Interseccional, que compreende que a ligação entre marcadores de diferenças desencadeia diferentes tipos de opressão, fazendo-se necessário uma análise com olhar direcionado para os marcadores de diferenças.

Nessa mesma análise quando nos atentamos para a crescente citação do termo empoderamento a partir do contexto feminino, que trazem as questões de autoaceitação e autoestima como processos de tomada de consciência, refletimos sobre como os corpos negros estão colocados numa posição de desvalorização, principalmente os corpos das mulheres negras, que por serem afetadas pela ligação entre machismo e racismo acabam por enfrentar dificuldades nos seus processos de conscientização.

No segundo capítulo buscando discutir a representação da imagem da mulher negra na mídia. Pudemos entender como a mídia hegemônica controla os corpos das mulheres negras a partir da produção e reprodução de imagens de controle e estereótipos, contribuindo de forma efetiva para a perpetuação da inferiorização dessas mulheres dentro do imaginário social. Esse controle acaba por impedir que essas mulheres se autoavaliem e autodefinam, dificultando a produção de narrativas a partir de suas objetividades que poderiam ser desencadeadas pelo processo de conscientização. Porém a partir do contexto da cultura participativa e facilidade de acesso das novas mídias, os sujeitos estão construindo outra relação com as produções midiáticas. Reivindicações e questionamentos fazem parte desse novo momento. Os sujeitos negros – e outras minorias – estão cada vez mais atentos e utilizam-se de ferramentas como as redes sociais para confrontar com a lógica dominante. Através do aumento dos sujeitos negros que são influenciadores digitais o debate a respeito do consumo também foi ampliado. As mulheres negras que são influenciadoras digitais estão sendo colocadas na discussão da representatividade, influenciando e alimentando essa rede de debates.

Esse debate se estreita quando a temática é o feminismo, dessa maneira no terceiro capítulo buscando discutir a atuação da mulher negra na perspectiva ciberfeminista, realizamos uma contextualização histórica do termo ciberfeminismo e adentramos as implicações do movimento no Brasil a partir da cultura participativa, com ênfase para o *YouTube*. Entendendo que a base da plataforma de vídeos é a interação dos produtores de conteúdo com sua audiência, como também a aproximação das temáticas com as experiências vividas por ambos. Refletimos sobre como a mulher negra está colocada nesse espaço a partir da apropriação dos seus canais para debater a respeito das suas subjetividades, as *youtubers* negras estão de fato construindo uma discussão bastante importante não só na perspectiva de gênero e raça, mas social, pois com sua pluralidade e diversidade alimenta o debate interseccional, além de produzir novas formas de representação. Agora uma representação de si mesmo.

Iniciamos o quarto e último capítulo expondo o recorte da pesquisa, a diferença significativa de visibilidade entre os canais de *youtubers* negras e *youtubers* não negras. Os capítulos anteriores nos deram aporte para que pudéssemos adentrar a análise do recorte e respondermos a pergunta problema. Era preciso entender se o racismo é um fator determinante para que as mulheres negras tivessem um alcance midiático inferior às mulheres não negras. Dessa maneira a partir do contexto da cultura participativa e sob viés da interseccionalidade, observamos os canais Afros e afins, Alexandrismos, De Pretas, Ellora Haonne, JoutJout Prazer e Rayza Nicácio. A partir dessa observação alguns pontos precisam ser destacados.

O primeiro é que com exceção do canal Alexandrismos, que é o canal de mulher não negra com menos alcance, as interações identificadas nos outros dois canais de mulheres não negras Ellora Haonne e JoutJout Prazer, foram praticamente nenhuma quando comparados as interações das *youtubers* negras. Isso nos mostra que dentro do recorte estabelecido na pesquisa a importância da interação não só como um diferencial das novas mídias mas também como aspecto de aproximação entre os produtores de conteúdos e sua audiência, não altera a possibilidade de alcance das *youtubers negras*, que apesar de interagirem de forma mais significativa do que as demais não conseguem alcançar seus números.

Refletindo apenas sobre os canais das mulheres não negras, percebemos que a *youtuber* Alexandra Gurgel do canal Alexandrismos interage de forma mais significativa do que Ellora Haonne e Júlia Tolezano, mas também não consegue alcançar os seus números. Esse fato nos alerta para entender que a questão estética esteja inserida nesse resultado. As três *youtubers* possuem vídeos que abordam e confrontam o padrão estético estabelecido pela sociedade, porém Ellora e Júlia mesmo somando com a luta contra esse padrão ainda tem seus corpos próximos desses ditos como ideais. Enquanto isso Alexandra, mulher gorda que leva para o ambiente digital as suas especificidades e luta contra a gordofobia, acaba por não alcançar os mesmos números que as outras duas. Um ponto que ilustra essa questão é o fato do vídeo de Ellora Haonne “Tour pelo corpo - expectativa vs realidade” ter ultrapassado em números de visualizações o vídeo do canal Tá, querida! que deu início a *tag* e estimulou outras *youtubers* a produzirem e publicarem vídeos semelhantes, ressaltando que Luiza Junqueira é uma mulher não negra e gorda.

Debruçando-nos apenas na análise dos canais das *youtubers* não negras, outros pontos nos chamaram atenção. As interações observadas nos vídeos das *youtubers* Nátaly Neri, Gabi

Oliveira e Rayza Nicácio são bem semelhantes, mas seus dados de alcance são bem diferentes. O que as difere também são as outras temáticas abordadas e posturas quando se trata de questões sociais, principalmente raciais. Gabi e Nátaly mesmo abordando questões relacionadas à estética realizam críticas e reflexões a partir de suas condições enquanto mulheres negras, ou seja, boa parte dos seus vídeos em que a discussão estética está presente também há um confronto contra o padrão estético visto como ideal dentro do imaginário social, o padrão branco.

Enquanto na observação realizada a partir dos vídeos de Rayza, a *youtuber* apesar de ser um nome de referência quando abordamos a questão da transição capilar nas redes sociais, não produz vídeos se posicionando em relação às questões raciais. Outro ponto é que mesmo a *youtuber* se autodeclarando negra, ela é uma mulher negra de pele clara. A partir da reflexão desses dois fatos podemos entender que Rayza acaba por se aproximar mais da branquitude. Primeiro porque sua pele negra clara a partir da questão do colorismo faz com a *youtuber* provavelmente seja afetada de modo menos intenso pelo racismo, o segundo ponto é que o silêncio de Rayza em relação as críticas raciais a coloca em um lugar em que sua imagem seja tolerável pela branquitude.

O discurso de universalização do “ser mulher” foi identificado em alguns trechos dos vídeos das mulheres não negras de maior alcance. Enquanto a mulher negra de maior alcance parece tomar uma postura que compactua com a perpetuação de determinados termos do padrão estético considerado como ideal, além de não se posicionar nas discussões das questões raciais. Sendo que a postura crítica das três *youtubers* não negras não as impossibilita de ter bons números de alcance, em relação às *youtubers* negras de menor alcance. Mas atentando-se a análise sob viés interseccional, entendemos que Alexandra – *youtuber* não negra - possui menor visibilidade do que Ellora Haonne e Júlia Tolezano, juntamente com Nátaly Neri, Gabi Oliveira e Rayza Nicácio.

Mesmo que as mulheres estejam inseridas numa dinâmica de opressão através da estética, as mulheres negras ainda continuam a ocupar o lugar de “o outro do outro” (KILOMBA, 2016), fazendo com que a relação entre machismo e racismo opere de maneira mais assertiva. As dinâmicas em que as mulheres estão postas, vão de encontro ao contexto que estão inseridas, quando hooks (2010, 2019) nos fala que quando o amor está ausente nas mulheres negras, elas precisam se olhar internamente para compreender que precisam e merecem amor, a autora também afirma que precisamos curar nossas feridas para que

possamos agir de forma crítica para transformarmos as imagens, pois enquanto os sujeitos negros rejeitarem sua história e identidade serão afetados pela baixa autoestima.

Podemos até pensar que atualmente há uma representatividade dos sujeitos negros nas novas mídias, de fato quando comparado a mídia hegemônica, houve um crescimento e quando falamos em representação também podemos entender que elas estão sendo alteradas, pois temos uma facilidade de produção de conteúdo - por pessoas que eram passivas, além de terem suas imagens controladas, como as mulheres negras, por exemplo – além de uma dinâmica de apropriação das redes para produzirem novas representações de si mesmo.

O que nós não temos e isso fica claro na nossa pesquisa é uma proporcionalidade. Se a população negra vem aumentando nos últimos anos, se há um crescimento considerável do acesso a internet e se os sujeitos que eram invisibilizados pelas mídias anteriores hoje podem utilizar-se desse ambiente digital para formar uma rede de apoio, porque não há proporcionalidade na visibilidade desses sujeitos? Porque mulheres negras ainda estão em uma posição inferior às mulheres brancas mesmo interagindo de forma bem mais significativa? Porque as mulheres brancas mesmo sendo acometidas pela opressão estética como as mulheres negras, recebem mais suporte e mais audiência quando lidam sobre seus processos de autoaceitação e autoestima? Elas podem falar para e por todas as mulheres e as mulheres negras não podem?

Esses questionamentos nos levam a refletir que o ciberfeminismo e a discussão do empoderamento feminino têm cor e corpo, é branco e magro, por isso é preciso que tenhamos mulheres negras construindo e fortalecendo redes de apoio que confrontem e rompam com a lógica de dominação. São essas mulheres que estão buscando construir um novo modelo de sociedade, colocando não só suas pautas individuais, mas as de sua comunidade no centro. Elas continuam no paradigma da existência e resistência dos seus.

A imagem das *youtubers* e os contextos que estão inseridas são partes do processo que desencadeia na visibilidade que elas recebem. É importante destacar que os números de alcance são portas de entrada para que surjam outras oportunidades, ou seja, quanto mais alcance os canais possuem, mais possibilidades de visibilidade também irão aparecer. Se refletirmos sobre esse fato, cairemos na mesma dinâmica da mídia hegemônica, pois se as *youtubers* negras não possuem um alcance midiático considerável, sua visibilidade em outros meios também será afetada, fazendo com que a lógica da supremacia branca permaneça.

Essas reflexões são importantes para que possamos entender as novas lógicas de dominação. Mesmo se tratando de um ambiente no qual a interação e facilidade são os diferenciais, a branquitude continua no poder e quando paramos para entender o contexto atual aonde crianças e adolescentes sonham em se tornar *youtubers* de sucesso, novamente a dinâmica continua, pois quais *youtubers* negros de sucesso – considerando a visibilidade – nós temos? Em quem essas crianças e adolescentes estão se espelhando? A lógica da representatividade pode continuar sendo perpetuada, por isso é preciso que entendamos essa estrutura na comunicação contemporânea, para construirmos ferramentas para alterar essa lógica. É preciso proporcionalidade.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: O negro na telenovela brasileira.** São Paulo, Senac, 2004.

_____. A estética do racismo. In: **Mídia e Racismo.** Silvia Ramos (Org). Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

AZZELLINI, Érica Camillo; MARTINO, Luís Mauro Sá. **Os significados de “ciberfeminismo”: construções de sentido de um feminismo nas Mídias Digitais.** Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – XIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, 2017.

BAIROS, Luiza. Orfeu e Poder: Uma Perspectiva Afro-Americana sobre a Política Racial no Brasil. In: **Afro - Ásia**, nº. 17, 1996, Salvador: EdUFBA, p. 173.

BARBOSA, Erly Guedes; DA SILVA, Silvano Alves Bezerra. Cor e sexo no jornalismo: representações das mulheres negras nas páginas de duas revistas femininas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 1, n. 2, p. 133-156, 2010.

BARNES, John A. Redes sociais e processo político. **Antropologia das sociedades contemporâneas.** São Paulo: Global, p. 159-194, 1987.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. Uma história do feminismo no Brasil. **Revista de Ciências Sociais**, v. 34, n. 1, p. 135-138, 2003.

BARRETO, Raquel de Andrade. Enegrecendo o Feminismo'ou'Feminizando a Raça: Narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia González. **Mestrado em História (Dissertação).** Pontifícia Universidade Católica do Rio de, 2005.

BARROS, Zelinda. **Feminismo negro na internet: Cyberfeminismo ou ativismo digital?** 2009 Disponível em: <https://www.academia.edu/1497162/Feminismo_negro_na_Internet>. Acesso em 08 fev. 2018.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte - MG: Letramento, Justificando, 2018.

BHABHA, Homi K. A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In: _____. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BITTENCOURT, Maíra. **O príncipe digital: Estruturas de poder, liderança e hegemonia nas redes sociais**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2016.

BIZERRA, Cecília. **O racismo se mantém no espaço midiático**. Carta Capital. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/o-racismo-se-mantem-no-espaco-midiatico-5348>>. Acesso em 13 jul. 2018.

BORGES, Juliana **O que é encarceramento em massa?** Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.

BORGES, Thaís Regina Santos. **Por um sentir crítico: um olhar feminista interseccional sobre a socioconstrução de identidades sociais de gênero, raça/etnia e classe de professores de línguas**. Dissertação de mestrado (Mestrado em Estudos da linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2017.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, janeiro-junho de 2006: pp.329-376.

BRONDANI, Marina da Fontoura. **O uso dos youtubers negros como influenciadores da opinião pública no mercado de beleza**. Trabalho de conclusão de curso de Comunicação Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

BUENO, Fernanda. **A mulher negra na telenovela: hipersexualização, invisibilidade ou subalternidade?** Trabalho de conclusão de curso. Departamento de Comunicação social, Universidade Federal do Paraná, 2016.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. Trad. de Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

BUTLER, J. 2003. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos; conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 965-986, 2014.

CARNEIRO, Aparecida Suelaine. **Mulheres e educação: gênero, raça e identidades**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, Sorocaba, 2015.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

_____. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

_____. **Escritos de uma vida**. Prefácio Conceição Evaristo, Apresentação Djamila Ribeiro. – Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

_____. Gênero Raça e Ascensão Social. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 544, 1995.

_____. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**. V. 17 n. 49, p. 117-133, 2003.

_____. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil: consciência em debate**. Selo Negro, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CERQUEIRA, Daniel et al. (Org.). **Atlas da violência: 2017**. Rio de Janeiro: Ipea/FBSP, 2017. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/2/atlas-2017>>. Acesso em: 27 mai. 2019.

_____. **Atlas da violência: 2018**. Rio de Janeiro: Ipea/FBSP, 2018. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2019.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; CUNHA WATZKO, Roberta. Mulheres negras nos jornais: exclusão, gênero e etnia. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, n. 39, 2009.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922016000100099&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 jul. 2018.

_____. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. **Reflexões e práticas de transformação feminista**. São Paulo: SOF, p. 13-42, 2015.

CORREA, Suzamar; DOS SANTOS, Robson de Souza. Modelo negra e comunicação de moda no Brasil: análise de conteúdo dos anúncios publicados na revista Vogue Brasil. **Iniciacom**, v. 4, n. 2, 2012.

CÔRTEZ, EGNALDA. **Egnalda Côrtes: o nome por trás dos maiores Youtubers do Brasil**. 22 de dez. de 2017. Disponível em: <<https://mundonegro.inf.br/egnalda-cortes-o-nome-por-tras-dos-maiores-youtubers-negros-do-brasil/>>. Acesso em: 24 maio 2019.

_____. **O negócio de Egnalda Côrtes? Promover talentos negros no YouTube**. Voa, Maria. 27 de Nov. de 2017. Disponível em: <<https://voamaria.com.br/negocio-egnalda-cortes-talentos-jovens-negros-no-youtube/>>. Acesso em: 24 maio 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem**, p. 7-16, 2004. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2017.

_____. Demarginalizing the intersection of race and sex: A Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory, and antiracist politics [1989]. In: **Feminist legal theory**. Routledge, 2018. p. 57-80.

DAVIS, Angela. As Mulheres Negras na Construção de uma Nova Utopia. 1997. **Geledés, São Paulo: jul**, 2011. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

_____. Mulheres, raça e classe. Tradução: Heci Regina Candiani. – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, Angela; DENT, Gina. A prisão como fronteira: uma conversa sobre gênero, globalização e punição. **Revista Estudos Feministas**. v. 11, n. 2. Florianópolis: UFSC jul./dez. 2003, p.527.

DE ALMEIDA, Cristovao Domingos; BRANDÃO, Beatriz Montalvão Pereira. Participação e inserção social: protagonismo da mulher negra em canais do YouTube. **Revista Observatório**, v. 4, n. 1, p. 630-654, 2018.

DE ALMEIDA, Marcos Inácio Severo et al. Quem lidera sua opinião? Influência dos Formadores de opinião digitais no Engajamento. **RAC-Revista de Administração Contemporânea**, v. 22, n. 1, p. 115-137, 2018.

DE JESUS, Jessica Oliveira. A Máscara. **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 16, 2016.

DE OLIVEIRA, Natália Godofredo; DOS SANTOS, Maria Anselmo; TEIXEIRA, Vanessa Ribeiro. Mulher negra, cabelo e empoderamento: uma análise do seriado sexo e as negas 34. **Análise do discurso, linguística textual e pragmática**, p. 311, 2016.

DORNELLES, Juliano Paz. **O fenômeno Vlog no Youtube :análise de conteúdo de Vloggers brasileiros de sucesso**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

FARIAS, Leidiane Alves. **Comunicação e feminismo: Experiências ciberfeministas no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) - Universidade Federal da Bahia, 2015.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes: no limiar de uma nova era**. Globo livros, 2008.

_____. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global, 2007.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire / Paulo Freire**; [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FONTGALAND, Arthur; CORTEZ, Renata. **Manifesto ciborgue**. 2015. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/obra/manifesto-ciborgue>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed., São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03**. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. P. 39 – 62.

_____. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais, 2, 2001,8-11.

_____. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, nº 2, São Paulo, 2003.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. **O lugar da mulher**, p. 87-106, 1982.

_____. **Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos lingüísticos e políticos da exploração da mulher**. Comunicação apresentada no VIII Encontro Nacional da Latin American Studies Association, realizado de 05 a 07 de abril em Pittsburgh (USA), 1979 (mimeo), p.19.

_____. **Mulher negra**. [1984].

_____. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**, 1988. 2016.

_____. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. **Revista Ciências Sociais Hoje**. Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1984.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com "raça" em sociologia. **Educação e pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 93-107, 2003.

GURGEL, Alexandra. **Resposta à Karyna Rangel: Pelo "direito" de ser artificial.** YouTube, 05 mai. 2018. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=apCrXnl8K-Q>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** DP&A Editora, 1ª edição em 1992, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006, 102 páginas, tradução: tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro)

_____. Quem precisa de identidade? In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. Ed. Petrópolis, RJ: VOZES, 2014.

_____. **Raça, Cultura e Comunicação: olhando para trás e para frente dos Estudos Culturais.** In: STOREY, J. (ed.). What is cultural studies?, London, Arnold, 1996, pp.336-343. Tradução Helen Hughes. Revisão técnica Yara Aun Houry.

HAONNE, Ellora. **Tour pelo meu corpo - expectativa vs realidade.** YouTube, 25 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UaOuRxaV0kA>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: **Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano** / Organização e tradução Tomaz Tadeu – 2. ed. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.

_____. Saberes localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cardenos Pagu**, p. 07-41, 1995.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução Marcelo Brandão Cipolla. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

_____. Intelectuais Negras. In: **Revista Estudos Feministas**, n.2, Rio de Janeiro: UFRJ, 1995, p. 468

_____. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 193-210.

_____. **Olhares negros: raça e representação.** Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável.** Tradução Patrícia Arnaud. – São Paulo: Aleph, 2014.

KERN, Gustavo da Silva. Gilberto Freyre e Florestan Fernandes: O debate em torno da democracia racial no Brasil. **Revista Historiador** Número 06. Ano 06. Janeiro de 2014.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento: uma palestra - performance de Grada Kilomba.** Tradução de Jéssica Oliveira. Disponível em: <http://www.academia.edu/23391789/Tradução_para_o_Português_de_DESCOLONIZANDO_O_O_CONHECIMENTO_Uma_Palestra-Performance_de_Grada_Kilomba>. Acesso em: 14 ago. 2018.

_____. **Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano** / Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing: a edição do novo milênio.** 10ª edição. São Paulo. Prentice Hall, 2000.

LAHNI, Cláudia et al. A mulher negra no cinema brasileiro: uma análise de Filhas do Vento. **Revista científica do UBM.** v. 9, n. 17, p. 80, Barra Mansa, 2007.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). Cibercultura. Alguns Pontos para compreender a nossa época. In: _____. **Olhares sobre a Cibercultura.** Porto Alegre: Sulina, 2003, p.11-23

LEMOS, Marina Gazire. **Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas.** 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Dulcilei. **Feminismo negro e ciberativismo no Brasil.** Trabalho apresentado no XXXI Congresso ALAS – Las encrucijadas abiertas de América Latina: La sociología en tiempos de cambio, Uruguai, 2017.

LINHARES, Ronaldo Nunes. **Internet e ação comunicativa como elementos do espaço público sob uma perspectiva habermasiana: crise e transição.** In: SOUSA, Mauro Wilton de (org.). Recepção midiática e espaço público: novos olhares. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 157-178.

LORDE, Audre. **Irmã intrusa, idade, raça, classe e sexo: mulheres redefinindo diferenças.** Tradução de Virgínia Vasconcelos Leal. Disponível em: <<http://www.pretaenerd.com.br/2015/11/traducao-idade-raca-classe-e-sexo.html>>. Acesso em: 20 maio 2019.

MALTA, Renata Barreto; DE OLIVEIRA, Laila Tháise Batista. Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço virtual. **Revista Gênero,** v. 16, n. 2, 2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

MARTINO, Luiz C. **Dois Estágios da Comunicação versus Efeitos Limitados: Uma releitura.** IN: XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG. 2009.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos**. 5 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

_____. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes**. 2. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MELLO, Gabriella Trevisan de. **A influência de vlogs criados no youtube sobre o comportamento de compra de inscritos: uma pesquisa qualitativa**. 2017.

MIELKE, Ana Cláudia. Negros e mídia: invisibilidades. **Le Monde Diplomatique Brasil**, Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/negros-e-midia-invisibilidades/>>. Acesso em 23 dez. 2018.

DE MIGUEL, Ana; BOIX, Montserrat. Os gêneros da rede: os ciberfeminismos1. **Feminino Internet em código**, p. 39, 2013.

MORAES, Dênis de. **O ativismo digital**. Biblioteca Online de Estudos da Comunicação, 2001. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

MOTA, Mauricio; PEDRINHO, Suzana. Conciliando pensar e fazer com o YouTube, ou “a fábrica de presentes”. In: **Youtube a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. Jean Burgess e Joshua Green; contextos de Henry Jenkins e John Hartley; tradução Ricardo Giassetti. – São Paulo: Aleph, 2009.

MOTTA, B. S.; BITTENCOURT, M.; VIANA, P. M. F. A influência dos Youtubers no processo de decisão dos espectadores: uma análise no segmento de beleza, games e ideologia. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação – E-compôs*, Brasília, v.17, n.3, set/dez. 2014.

MOUTINHO, Laura. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções. **cadernos pagu**, v. 42, p. 201-248, 2014.

MUNANGA, Kabengele. Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania. In: *Cadernos Anped – Palestra proferida no 1º Seminário de Formação Teórico Metodológica*. São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Palestra-Kabengele-DIVERSIDADEEtnicidade-Identidade-e-Cidadania.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2018

_____. **Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil**. In: SPINK, Mary Jane Paris(Org.) *A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar*. São Paulo: Cortez, 1994, p. 177-187.

_____. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em estudo**, v. 11, n. 3, p. 647-654, 2006.

NATANSOHN, Graciela. O que tem a ver as tecnologias digitais com o gênero?. **feminino Internet em código**, p. 15, 2013.

NERI, Nátaly. **Uma semana sem make e cabelo natural: Um experimento #7diasdeescolha**. YouTube, 13 dez. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OWBWN_i-xcQ>. Acesso em: 20 fev. 2019.

NICÁCIO, Rayza. **O vídeo mais sincero desse canal...** YouTube, 23 jan. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6ZsfO10ej_I&t=211s>. Acesso em: 20 maio 2019

NOGUEIRA, Oracy. **Tanto preto quanto branco - Estudos de relações raciais**. São Paulo, T. A. Queiroz, 1985.

OLIVEIRA, Gabriela. **Uma Tour pelo meu rosto**. YouTube, 12 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CEOvcHPvvis>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. **Candomblé de Ketu e educação: estratégias para o empoderamento da mulher negra**. 2008. Tese (Doutorado em Educação). – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

OTHON, Renata Alves de Albuquerque. **A influência do self reality show online na apropriação de práticas de saudabilidade no Instagram**. 2017. 152f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) - Centro de Ciências Humanas, Letras E Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

PIZA, Edith. Da cor do pecado. **Estudos Feministas**, 52-64, 1995.

RAMOS, Silvia. In: **Mídia e Racismo**. Silvia Ramos (Org). Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

REPERTÓRIO BIBLIOGRÁFICO SOBRE A CONDIÇÃO DO NEGRO NO BRASIL [recurso eletrônico] / [coordenadores: Raphael Cavalcante e Clarissa Estrêla; organizadores: Jair Ferreira e Simone Suganuma; colaboradores: Priscilla Arruda ... et al.]. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017. – (Série fontes de referência; n. 1 PDF)

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte. Letramento: Justificando, 2017.

_____. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano.** Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº22, 2003.

SANTANA, Bianca. **Quem é a mulher negra no Brasil? Colorismo e o mito da democracia racial.** 08 de maio de 2018. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/colorismo-e-o-mito-da-democracia-racial/>>. Acesso em: 20 maio 2019.

SANTANA, Leonardo. **A autoria no YouTube: Um processo formativo contemporâneo.** Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Faculdade de Educação. Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade, 2012.

SANTOS, Thais Helen do Nascimento. **Mídia, representação e raça: o negro na telenovela Avenida Brasil.** In: **Mediação.** Belo Horizonte, v. 17, n. 20, 2015.

SARDENBERG, Cecília. **Pedagogias feministas: uma introdução.** In: VANIN, Iole & Gonçalves, Terezinha. **Caderno Gênero e Trabalho, REDOR,** p. 44-57, 2006.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo.** São Paulo: Annablume, 2015.

SILVA, Benedita. In: **Mídia e Racismo.** Silvia Ramos (Org). Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. Ed. Petrópolis, RJ: VOZES, 2014.

SILVERSTONE, Roger. **Por Que Estudar A Mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil.** Muniz Sodré. 3. Ed. Atual. E ampl. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SOTERO, Edilza correia. **Transformações no acesso ao ensino superior brasileiro: algumas implicações para os diferentes grupos de cor e sexo.** In: MARCONDES, Mariana Mazzini...[et al.]. **Dossiê Mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil.** Brasília: IPEA, 2013, p. 35/52. Disponível em: <http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_dossie_mulheres_negras.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2018.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade no negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983 Coleção Tendências; v. 4.

SOUZA, Yasmin Marques de. **Girl rising: ciberativismo como forma de engajamento social**. 2014. . Trabalho de conclusão de curso (bacharelado em Comunicação Social – Relações Públicas) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2014.

TOLEZANO, Júlia. **Tá, mas como faz isso de se amar?** YouTube, 26 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OljdATv51HA&t=128s>>. Acesso em: 24 maio 2019.

VIANA, Pablo Moreno Fernandes; BELMIRO, Dalila Maria Musa. O racismo brasileiro ou... quando o protagonista não é branco. **Signos do Consumo**, v. 11, n. 1, 2019.

UGARTE, David. O poder das redes. Edição eletrônica, 2008. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/23701745/O-Poder-das-Redes-David-de-Ugarte>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

WELLS, Tatiana. O Ciberfeminismo nunca chegou à América Latina. 2005. Disponível em: <<https://www.labrys.net.br/labrys7/cyber/tatiana.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Revista ABPN** [S.l.], v. 1, n. 1, p. 07-17, jun. 2010.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. Ed. Petrópolis, RJ: VOZES, 2014.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Quadro de observação do canal Afros e afins

AFROS E AFINS - NOVEMBRO/17 A NOVEMBRO/18						
Vídeo	Data	Duração	Visualizações	Likes	Deslikes	Comentários
O Youtube mudou?	01/11/2017	11:15	37.366 mil	6,1 mil	25	209
ENEM: 5 coisas que eu queria ter escutado antes da prova	04/11/2017	12:23	102.328 mil	16 mil	132	722
Nossa vida com a internet	08/11/2017	11:47	57.390 mil	8,6 mil	33	432
Minha orientação sexual	12/11/2017	10:45	208.375 mil	34 mil	573	1.472 mil
Textão e problematização - Qual o limite?	15/11/2017	09:12	32.867 mil	5 mil	36	172
Empoderamento estético e consciência racial	18/11/2017	13:35	53.373 mil	9,5 mil	66	565
#YoutubeBlackBrasil	20/11/2017	10:44	93.454 mil	17 mil	108	783
Maquiagem e fala: Sou uma farsa? E mudanças no canal em 2018	26/11/2017	15:16	73.336 mil	13 mil	108	913
Moda consciente	30/11/2017	08:14	87.837 mil	19 mil	66	751
Ela quer tudo/She's gotta have it - Análise	08/12/2017	12:04	47.985 mil	7,5 mil	49	470
Uma semana sem make e cabelo natural: Um experimento #7diasdeescolha	13/12/2017	21:04	521.671 mil	59 mil	746	3.959 mil
Minha árvore de natal #EsseÉMeuNatal	17/12/2017	09:08	55.007 mil	12 mil	108	667
Releitura de penteados que usava na infância	20/12/2017	12:30	115.771 mil	20 mil	72	2.297 mil
Meu estilo pessoal: moda, reflexões e feminilidade	27/12/2017	13:17	52.754 mil	10 mil	34	607
Como foi ser embaixadora de uma marca? #JuntasArrasamos	31/12/2017	13:50	21.552 mil	3,3 mil	28	104
Minha finalização sem definição: Blowout	03/01/2018	12:55	223.759 mil	22 mil	316	999
Livros para ler em 2018 Recebidos	10/01/2018	27:46	53.458 mil	7,8 mil	46	469

Meus dreads naturais	14/01/2018	09:28	179.003 mil	22 mil	132	1.149 mil
Tour pela kitnet	18/01/2018	17:41	392.239 mil	43 mil	289	2.449 mil
Mulheres gordas e moda	21/01/2018	14:27	66.731 mil	9,3 mil	33	434
Relacionamento interracial	31/01/2018	11:22	115.315 mil	19 mil	369	1.412 mil
Psicólogas negras - saúde emocional, autocuidado e psicoterapia	07/02/2018	18:14	64.321 mil	10 mil	41	613
7 dias sem internet	14/02/2018	21:12	175.202 mil	27 mil	108	1.261 mil
Namoro à distância	18/02/2018	27:49	204.184 mil	21 mil	168	1.569
Maquia e fala: Make Kardashian, blogueiras de beleza, micropigmentação ou raspar a sobrancelha?	25/02/2018	16:54	79.111 mil	10 mil	104	538
Ativismo e inovação - fomos para o LUSH SUMMIT 2018 em Londres	02/03/2018	23:35	40 mil	5 mil	46	221
Bicicleta, mobilidade urbana e feminismo: Como a bike mudou minha vida	04/03/2018	09:21	56.195 mil	10 mil	58	772
Marielle Franco, Presente	02/04/2018	06:27	94.033 mil	23 mil	408	872
Brechós em Londres: Charity Shop e Car Boot Sale	09/04/2018	08:39	54.514 mil	7,9 mil	38	328
Ativismo de internet é ativismo?	12/04/2018	16:26	40.676 mil	6,7 mil	48	304
Meu bullet journal simples 2018	16/04/2018	13:03	77.675 mil	8,7 mil	41	276
Dreads: história, significados e técnicas	20/04/2018	15:16	75.750 mil	9,6 mil	45	291
Viciada em brechó: meu testemunho	23/04/2018	10:03	55.012 mil	7,3 mil	48	360
Táís Araújo: moda, empoderamento e Mister Brau	26/04/2018	20:03	78.212 mil	13 mil	63	573
Maquia e fala: testando produtos da milk makeup	01/05/2018	20:58	95.541 mil	13 mil	99	488
São Paulo: vida, sobrevivência e sociologia	03/05/2018	10:38	55.493 mil	12 mil	50	729
Boas e velhas comprinhas de brechó	07/05/2018	09:22	70.046 mil	10 mil	56	374

Ser mulher e mãe	10/05/2018	12:21	24.947 mil	4,9 mil	14	364
Fazendo maquiagem com comida - Vegana, barata e acessível	14/05/2018	16:42	378.432 mil	39 mil	656	1.374 mil
24 coisas que eu aprendi com 24 anos	17/05/2018	07:15	54.434 mil	11 mil	33	352
Dá pra ser funkeira e feminista?	25/05/2018	07:34	92.184 mil	12 mil	647	752
Virei embaixadora do Youtube globalmente - Creators for Change	29/05/2018	10:44	36.345 mil	9,4 mil	41	909
Descolorindo dreads em casa	04/06/2018	11:47	141.907 mil	14 mil	132	401
Minhas roupas de brechó de inverno	14/06/2018	10:35	53.269 mil	7,8 mil	30	251
Colorindo dreads em casa	25/06/2018	12:42	74.800 mil	12 mil	78	373
Suas ações fazem diferença?	02/07/2018	10:11	19.189 mil	3,2 mil	15	104
Racismo velado e outros crimes	10/07/2018	17:27	173.788 mil	36 mil	908	2.039 mil
Amizades, tempo e mudança	20/07/2018	13:04	30.559 mil	4,5 mil	33	228
Pausas necessárias	06/09/2018	12:56	46.263 mil	10 mil	42	597
Como parei de comer leite e ovo	11/09/2018	12:21	48.916 mil	8,4 mil	88	494
Bate e volta (em santos) pra mudar a vida	24/09/2018	07:19	20.111 mil	3,8 mil	28	245
Bons produtinhos pra pele	27/09/2018	16:30	52.301 mil	6,1 mil	42	338
Fazendo maquiagem com comida #2	16/10/2018	19:54	118.406 mil	16 mil	151	554
Transições mentais e capilares	19/10/2018	12:36	59.789 mil	9,8 mil	79	495
#ELENÃO didaticamente	24/10/2018	16:29	258.021 mil	47 mil	8,9 mil	8.516 mil
Medo, oposição e estratégias pós bolsonaro	01/11/2018	18:56	82.089 mil	16 mil	1,8 mil	2.302 mil
Resenha do livro: a parábola do sementeiro	08/11/2018	14:29	12.685 mil	2,6 mil	22	184
Trailer - Negritudes brasileiras - #CreatorsForchange	09/11/2018	01:37	17.651 mil	4,9 mil	27	297
Negritudes brasileiras - #CreatorsforChange	12/11/2018	58:44:00	98.502 mil	16 mil	240	1.126 mil

Fiz minha própria maquiagem profissional - Base, batom, blush, rímel, gloss e delineador	29/11/2018	13:01	70.453 mil	12 mil	105	590
--	------------	-------	------------	--------	-----	-----

Fonte: elaboração própria.

APÊNDICE B – Quadro de observação do canal Alexandrismos

ALEXANDRISMOS: NOVEMBRO/17 A NOVEMBRO/18						
Vídeo	Data	Duração	Visualizações	Likes	Deslikes	Comentários
O que você busca está buscando por você	03/11/2017	12:35	37 541 mil	6,1 mil	35	398
Gordos, não façam o enem!	07/11/2017	9:35	93 364 mil	9,3 mil	3 mil	2.050 mil
Ataques ao video do enem, pec 181, Sarah Sheeva e Anitta - #eaixanda	14/11/2017	6:44	73 243 mil	11 mil	654	1.587 mil
Quando você é a única gorda do rolê	19/11/2017	11:53	44 255 mil	5,3 mil	62	404
Meu cabelo descolorido: caiu, quebrou, mas ta roxo	23/11/2017	10:05	31 388 mil	4,2 mil	40	277
A treta religiosa que deu na minha família e como eu lido com isso	28/11/2017	13:08	120 703 mil	16 mil	267	1.053 mil
Atriz da globo, gorda e bem resolvida com Mariana Xavier (Mundo Gordelícia)	05/12/2017	14:22	49 585 mil	5,9 mil	42	235
Melanie Martinez acusada de estupro, menina se mata aos 11 anos, Claudia Leite e+ #eaixanda	06/12/2017	10:02	120 872 mil	18 mil	360	1.168 mil
Lipo da boca rosa, karol conká bate em gringo, naldo benny preso e+! #eaixanda	12/12/2017	15:03	218 388 mil	29 mil	294	1. 100 mil
6 meses desempregada: quanto ganho com youtube? Conto tudo!	15/12/2017	10:02	51 750 mil	13 mil	66	878
Mulher decide não tratar o câncer e morrer de forma natural	17/12/2017	4:21	45 341 mil	4,5 mil	84	278

Vai, malandra! Anitta, bunda, celulite, pressão estética e+ #eaixanda	19/12/2017	6:41	89 868 mil	14 mil	394	629
Pintei o cabelo de roxo pra esconder meu corpo	20/12/2017	4:41	24 224 mil	5,2 mil	26	510
Como finalizo o meu cabelo - tutorial de texturização com trança e coque + produtos	21/12/2017	12:45	19 481 mil	2,9 mil	29	252
Dá pra viver sem dieta? É possível ser feliz gorda? Minha história	22/12/2017	13:08	35 983 mil	6,1 mil	56	564
Resposta ao Danilo Gentili #gordofobianãoépiada	26/12/2017	12:20	482 485 mil	72 mil	4,1 mil	7 469 mil
Pablo vittar é gordofóbica?	28/12/2017	11:01	245 820 mil	28 mil	1 mil	1.196 mil
8 coisas que você precisa saber pra viver 2018 numa boa	03/01/2018	13:37	34 541 mil	7,2 mil	27	570
Tour pelo meu corpo	05/01/2018	11:04	501 481 mil	50 mil	1,2 mil	2 611 mil
Eu sou insegura	07/01/2018	11:27	58 810 mil	10 mil	54	523
Danuza Leão + globo de ouro: diferença de assédio e paquera #eaixanda	10/01/2018	10:36	50 670 mil	11 mil	88	844
Tour pela penteadeira: meus produtos de make e cabelo (são poucos)	12/01/2018	17:54	25 527 mil	3,9 mil	32	343
Por que sumi das redes sociais?	20/01/2018	10:22	50 744 mil	9,1 mil	117	521
Surubinha de leve, fotos retocadas de bruna marquezine, dieta da demi lovato e+! #eaixanda	21/01/2018	9:43	104 999 mil	21 mil	101	837
10 coisas que eu penso sobre musas fitness	23/01/2018	14:14	417 871 mil	49 mil	2,6 mil	3.342 mil
Quer saber se o seu relacionamento é abusivo? Tenho uma dica simples e eficaz	28/01/2018	7:53	33 738 mil	6,3 mil	33	361
Live: tamo sem assunto, mas queremos conversar	29/01/2018	1:27:31	7 867 mil	994	19	20
Rihanna está gorda ou grávida? #eaixanda	30/01/2018	5:16	112 403 mil	16 mil	160	604

Por que o @ me enrola e não pede em namoro?	01/02/2018	6:56	28 362 mil	4,9 mil	20	312
Cirurgia bariátrica, ensino médio, família gordofóbica, casamento e+ com Caio revela	05/02/2018	14:15	34 305 mil	4,7 mil	34	373
Kefera "descabelada", silicone Camilla Uckers, ATAQUES A Jojo Todynho e+ #eaixanda	06/02/2018	11:14	189 934 mil	25 mil	282	941
Gorda no carnaval: dicas para curtir e evitar perrengues	07/02/2018	11m34	33 500 mil	5,5 mil	44	269
Os peitos "caídos" de Bruna Marquezine no carnaval #eaixanda	14/02/2018	5:29	62 517 mil	8,7 mil	123	611
Você quer festa body positive, @? Aqui tem! 1# volume toda grandona!	15/02/2018	1:05	24 225 mil	3,4 mil	40	155
Machismo vs pressão estética #textão	18/02/2018	13:29	55 575 mil	10 mil	125	745
Por que ainda não consigo me amar de verdade?	27/02/2018	10:06	34 592 mil	6,1 mil	38	394
Lucas BBB (noivo de taubaté), cirurgias evelyn regly e gordofobia com Thais Carla #eaixanda	28/02/2018	10:18	114 483 mil	15 mil	303	660
Demi lovato e a cultura do corpo perfeito (que não existe) #textão	02/03/2018	14:19	110 961 mil	20 mil	98	963
O homem gay também é machista?	06/03/2018	11:15	23 936 mil	4,4 mil	37	307
Por que eu amo ser mulher #diainternacionaldamulher #8M	08/03/2018	08:30	18 513 mil	3,4 mil	31	152
Reagindo a comentários gordofóbicos com tôdebells	13/03/2018	12:24	158 678 mil	16 mil	375	1.220 mil
Monique alfradique se "veste" de gorda pra novela; jojo toddynho musa, saída patricia bbb e+	14/03/2018	9:31	100 534 mil	15 mil	293	533

Como ganhar dinheiro em 2018: tudo sobre o ano novo astrológico	20/03/2018	20:12	11 289 mil	1,5 mil	45	189
Thais carla, dançarina da anitta, fala como lida com a gordofobia	21/03/2018	17:04	282 246 mil	22 mil	395	830
Marielle e as fake news (utilidade pública)	22/03/2018	10:54	29 887 mil	6 mil	185	283
Pare de se comparar com os outros	25/03/2018	10:06	59 433 mil	10 mil	53	523
Quando eu emagrecer tudo vai acontecer	27/03/2018	7:21	29 118 mil	6,1 mil	27	345
Gloria emagrece em deus salve o rei; eu na televisão + criança chora por "bucho grande"	29/03/2018	7:58	100 472 mil	16 mil	190	687
Uma dica simples para fazer novos amigos	30/03/2018	5:27	19 370 mil	3,7 mil	46	286
Carência afetiva, crushs, última parte do corpo que aceitei e+ #askxanda	01/04/2018	15:35	24 257 mil	3,4 mil	26	273
Live: festa open bar em são paulo + conversa fiada	02/04/2018	58:25	3 467 mil	421	3	18
Estão tentando comprar o amor	03/04/2018	8:33	25 340 mil	4,7 mil	29	212
Como customizar roupa, criar novas amarrações, brechós e+	04/04/2018	18:38	62 131 mil	6,9 mil	100	269
Live: entra na roda e ginga	09/04/2018	1:09:00	4 066 mil	391	9	9
"Eu não sou um homem fácil": filme feminista da netflix #xandica	15/04/2018	7:16	104 704 mil	16 mil	196	972
Como saber se eu tenho baixa autoestima?	17/04/2018	10:06	68 767 mil	12 mil	57	493
Gorda de franja curta e nuca batida: cortei o cabelo!	19/04/2018	7:32	57 468 mil	7,9 mil	75	740
Biel em + polêmicas; cartilha da criança botijão; beyoncé no coachella; fluvia lacerda e+	21/04/2018	13:36	101 102 mil	15 mil	155	554

Como é a minha alimentação? O que eu como? Eu sou saudável?	22/04/2018	7:18	43 729 mil	7,1 mil	200	561
Resposta à karyna rangel: pelo "direito" de ser artificial	05/05/2018	13:06	707 864 mil	95 mil	5,9 mil	6.541 mil
Gordos odeiam magros?	06/05/2018	20:40	55 067 mil	7,7 mil	323	701
Maquia e fala: passando vergonha na cara com marília mendonça	08/05/2018	15:22	250 283 mil	21 mil	6,4 mil	1.994 mil
O que é body positive? #maratonabodypositive 1ª temporada	10/05/2018	10m	31.900 mil	4,3 mil	45	296
Por que a sociedade não quer que você se aceite? #maratonabodypositive 1ª temporada	11/05/2018	13:30	36 527 mil	5,8 mil	104	334
Minha história de luta contra o espelho #maratonabodypositive 1ª temporada	12/05/2018	20:39	66 006 mil	8,5 mil	73	446
Eu não mereço ser amado #maratonabodypositive 1ª temporada	13/05/2018	12:23	18 289 mil	3,7 mil	24	305
Body positive na favela ft. Luci Gonçalves #maratonabodypositive 1ª temporada	14/05/2018	17:54	42 935 mil	6,6 mil	68	440
Você não vai se aceitar facilmente #maratonabodypositive 1ª temporada	15/05/2018	13:34	17 531 mil	2,7 mil	20	152
Privilégios de uma pessoa que está no padrão de beleza ft. Dora Figueiredo #maratonabodypositive	16/05/2018	22:06	595 692 mil	52 mil	2 mil	1 923 mil
Existe gente feia? #maratonabodypositive 1ª temporada	17/05/2018	11:04	29 479 mil	4,3 mil	56	329
Sobre não ser nem gorda nem magra ft. Debora Baldin #maratonabodypositive 1ª temporada	18/05/2018	14:27	142 727 mil	15 mil	156	932

Você não tem que se sentir bonita sempre #maratonabodypositive 1ª temporada	19/05/2018	13:08	18 084 mil	3 mil	23	187
Espinhas: como lidar quando a acne afeta a autoestima	20/05/2018	11:28	28 599 mil	4,3 mil	22	339
A gorda que fez bariátrica e engordou feat @eujurangel #maratonabodypositive 1ª temporada	21/05/2018	19:04	121 831 mil	10 mil	535	836
Mulher precisa ser feminina? Feat. Pillar Nunes #maratonabodypositive 1ª temporada	22/05/2018	18:08	22 331 mil	3,2 mil	35	204
A vida de uma gorda acima DO 60 feat. @biagremion #maratonabodypositive 1ª temporada	23/05/2018	14:05	50 399 mil	5,5 mil	91	312
Uma mulher trans pode ser body positive? Feat. @mulhertrans #maratonabodypositive 1ª temporada	24/05/2018	23:42	13 452 mil	1,9 mil	49	411
Dá pra achar gordo bonito? #maratonabodypositive 1ª temporada	25/05/2018	9:29	22 263 mil	2,9 mil	46	167
Como viver e se amar com vitiligo ft. Minha Segunda Pele (Bruna Sanches) #maratonabodypositive	26/05/2018	21:14	20 914 mil	2,8 mil	25	161
Nutricionista que não é gordofóbica? Feat. @nutri_marcela #maratonabodypositive 1ª temporada	27/05/2018	26:48	25 464 mil	3,4 mil	51	266

Live: rede de apoio ft Caio Revela, Bernardo Fala e amigos #maratonabodypositive	29/05/2018	43:38	3 799 mil	528	5	27
Instagram: lista de pessoas body positive pra seguir #maratonabodypositive 1ª temporada	30/05/2018	6:22	16 223 mil	2,4 mil	32	130
Livro, placa de 100k e 1 ano em São Paulo ft meu pai	03/06/2018	9:04	10 138 mil	2,5 mil	12	314
Nara almeida e dielly santos: 2 mortes, 1 conclusão	04/06/2018	16:23	662 621 mil	77 mil	1,8 mil	3 953 mil
Padrãozinho? Ft matheus hotell mazafera	07/06/2018	9:29	81 458mil	12 mil	114	443
Silvio santos, preta gil, gaby amarantos e+: chamou de gorda	08/06/2018	15:20	107 712 mil	18 mil	568	1 486 mil
Dicas de como não ser racista	10/06/2018	21:47	99 877 mil	16 mil	312	1 126 mil
Existe preconceito contra gente mais velha?	12/06/2018	12:17	23 965 mil	3,3 mil	37	277
Live: toda grandona com rap plus size - festaaaaaa!	14/06/2018	51:35	12 265 mil	1 mil	48	52
Rap plus size: toda grandona (Clipe oficial)	18/05/2018	02:29	678 022 mil	45 mil	3,6 mil	5 455 mil
10 coisas que parei de usar	27/06/2018	16:54	224 273 mil	27 mil	469	1 201 mil
Cocielo e brasileiros na copa: pq homens são tratados como crianças?	03/07/2018	09:15	150 688 mil	28 mil	1,6 mil	2 062 mil
Problematizo, logo existo!	08/07/2018	17:33	43 127 mil	6,8 mil	125	372
Felipe neto: sobre o vídeo 'mexeram com a mulher errada	10/07/2018	8:37	232 345 mil	32 mil	513	1 062 mil
Análise do filme "sexy por acidente", com amy schumer #xandica	16/07/2018	7:54	45 836 mil	7,8 mil	66	332
Vai pegar o boy pra criar? #xôembuste	17/07/2018	9:26	46 020 mil	7,8 mil	89	564

Obesidade, gordice: 5 palavras gordofóbicas para não falar mais! (com explicação)	18/07/2018	9:46	65 812 mil	8,4 mil	2,7 mil	Desativado
Pressão estética x gordofobia: entenda a diferença entre as palavras	19/07/2018	11:50	49 717 mil	7,1 mil	430	512
Treta que criaram comigo; Série "Insatiable" da Netflix e dr.bumbum #eaixanda	21/07/2018	18:46	234 860 mil	31 mil	1,8 mil	3 349 mil
Body positive: pode comer o que quiser? Pode se arrumar? O que não pode?	23/07/2018	7:47	49 823 mil	6,5 mil	401	611
Homens também sofrem?	24/07/2018	12:44	60 392 mil	9,7 mil	188	509
Amizade abusiva: como reconhecer uma pessoa tóxica e o que fazer	31/07/2018	6:36	90 19 mil	14 mil	167	612
Toda grandona no rio de janeiro 18/08	01/08/2018	46s	15 300 mil	2,4 mil	53	156
Não vou desistir do youtube (desabafo)	06/08/2018	12:53	59 238 mil	9,8 mil	316	944
ADPF 442, evento com Dráuzio Varella, série dietland e+ #eaixanda	10/08/2018	12:14	35 075 mil	5,2 mil	144	448
Maquiagem de balada + foto da Cleo Pires de toalha #maquiaefala	14/08/2018	21:22	96 507 mil	10 mil	256	605
Pare de se odiar: porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário - meu livro	17/08/2018	12:58	33 343 mil	6,2 mil	88	567
O que é uma mulher padrão?	19/08/2018	9:44	166 307 mil	24 mil	527	1 468 mil
10 dicas de como sobreviver ao ensino médio (que eu daria pra mim)	26/08/2018	25:30	90 752 mil	14 mil	149	951
"Magra demais": bruna marquezine, body shaming e saúde mental	05/09/2018	15:59	183 390 mil	31 mil	300	1 080

Vertente do feminismo, tinder, lançamento do livro, casa nova, família tóxica e+ #askxanda	17/09/2018	19:43	45 883 mil	5,7 mil	83	398
Quis acabar com tudo de novo - setembro amarelo	22/09/2018	27:23	71 412 mil	9,5 mil	127	868
Talvez você não escute nada neste vídeo	27/09/2018	8:12	48 732 mil	5,7 mil	80	260
O que eu penso sobre anticoncepcional #melhorpramim	03/10/2018	6:18	28 742 mil	4 mil	62	251
5 dicas de como o curtir o verão com o seu corpo #vivomeucorpo	06/10/2018	6:30	33 822 mil	6 mil	51	206
Ele não, ele nunca - Bora conversar?	09/10/2018	20:46	115 328 mil	16 mil	7,3 mil	4 784 mil
Você tem medo de se aceitar, de se amar? (esse vídeo não vai doer)	11/10/2018	10:53	44 340 mil	7,2 mil	57	263
Fake news: como saber se uma notícia é falsa? 7 dicas!	14/10/2018	17:46	18 883 mil	3 mil	73	211
Política: por que as blogueiras / youtubers não querem falar sobre	16/10/2018	8:45	55 209 mil	10 mil	551	912
Bolsonaro: como lidar com família e amigos que votaram nele?	26/10/2018	9:40	45 237 mil	7 mil	1,4 mil	1 629 mil
Seremos resistência: saúde mental e dicas pós-eleições	29/10/2018	10:58	46 134 mil	7,8 mil	1,8 mil	1 651 mil
Enem 2018: dicas pra fazer a prova numa boa, sem ansiedade	02/11/2018	4:18	11 634 mil	2,2 mil	44	107
"Preconceito" no enem e o mito da meritocracia	07/11/2018	10m	47 965 mil	9,1 mil	214	617
A internet destruiu os relacionamentos?	09/11/2018	13:01	26 678 mil	4,1 mil	54	179
Análise musical: avisa que eu cheguei, de Nayara Azevedo	12/11/2018	7:26	17 196 mil	2,4 mil	72	78

Claudia leitte sofreu assédio de silvio santos no teleton 2018?	16/11/2018	11:47	91 664 mil	14 mil	1 mil	1 219 mil
Emagreci e neste vídeo conto tudo (motivo, transtornos etc)	21/11/2018	15:18	242 759 mil	26 mil	811	1 089 mil
Por que me sinto melhor quando tô + magra?	24/11/2018	8:26	39 940 mil	5,6 mil	121	278
"Mulher perde 50kg após ser humilhada pelo namorado"	28/11/2018	8:46	44 918 mil	6,6 mil	127	243
7 estigmas sociais pra você desconstruir já!	29/11/2018	11:01	47 990 mil	7,6 mil	155	368

Fonte: elaboração própria.

APÊNDICE C – Quadro de observação do canal De Pretas

DE PRETAS: NOVEMBRO/17 A NOVEMBRO/18						
Vídeo	Data	Duração	Visualizações	Likes	Deslikes	Comentários
Resenha Base Superfluida Quem disse Berenice	02/11/2017	11:43	83.829 mil	10 mil	129	1.033 mil
Preconceito contra quem não lê	07/11/2017	13:35	12.524 mil	1,9 mil	19	128
Fim do racismo? Eu não acredito!	15/11/2017	10:41	40.180 mil	6,3 mil	94	634
YouTube Black Brasil 2017 - Veja tudo que rolou!	17/11/2017	08:44	11.430 mil	2 mil	43	178
#YoutubeBlackBrasil EU SOU Gabi Oliveira	20/11/2017	08:36	40.046 mil	8,1 mil	38	523
Estética é menos importante?	22/11/2017	06:25	14.934 mil	3 mil	17	276
Canais fúteis, casa nova, micropigmentação	02/12/2017	13:13	35.806 mil	6,3 mil	53	427
Corpos e opressões	07/12/2017	09:39	54.942 mil	9 mil	49	270
Onde vim morar? Diário do Intercâmbio	21/12/2017	11:19	46.846 mil	7,3 mil	41	649
Penteados para festas - cabelos crespos	25/12/2017	06:45	20.360 mil	2,5 mil	27	135
Respondendo perguntas e colocando o papo em dia Live	26/12/2017	08:54	9.731 mil	1,2 mil	10	97

Sobre não desejar	27/12/2017	04:47	20.349 mil	4,1 mil	16	403
Como foi ser embaixadora?	04/01/2018	06:57	11.066 mil	1,8 mil	18	110
Maquiagem depois de um ano	04/01/2018	16:59	49.866 mil	6,7 mil	49	424
Morando em um porão Diário do Intercâmbio	05/01/2018	21:43	81.600 mil	10 mil	75	734
Tour Pelo Meu Rosto	12/01/2018	08:08	610.769 mil	100 mil	709	9.661 mil
Como é a escola nos EUA? Diário de Intercambio	19/01/2018	8:29:00	67.079 mil	8,3 mil	43	538
E os crushes? DePretas Responde	01/02/2018	14:22	173.544 mil	22 mil	545	1.637 mil
Religião e micos nos EUA	09/02/2018	18:23	82.279 mil	11 mil	127	640
Briguei com minha host mother Diário do Intercâmbio	16/02/2018	14:39	166.495 mil	17 mil	173	1.092 mil
Resenha Base Fenty Beauty	23/02/2018	15:40	440.765 mil	50 mil	502	1.752 mil
Oi! Por que sumi? Live	26/03/2018	16:31	18.594 mil	2,8 mil	15	214
Pantera negra além da representatividade	27/03/2018	19:20	45.307 mil	7 mil	59	452
Produtos de Cabelo e Maquiagem nos EUA	30/03/2018	14:17	37.360 mil	4,7 mil	35	230
A importancia da colaboração	31/03/2018	02:32	10.773 mil	2,1 mil	8	82
Morando sozinha	06/04/2018	19:11	40.861 mil	6 mil	31	518
Quanto custou o intercâmbio? Diário de Intercâmbio	18/04/2018	01:50	49.650 mil	8 mil	38	443
Resenha Base Avon True Ultra Matte	20/04/2018	13:42	198.337 mil	22 mil	335	963
Respondendo comentários sobre cabelo crespo e cacheado	23/04/2018	06:21	28.870 mil	4,8 mil	20	305
Tomara que minha mãe não veja! Morando sozinha	25/04/2018	16:38	51.176 mil	8,3 mil	70	774
Cabelo crespo longo? Dreads!	02/05/2018	13:19	30.883 mil	5,4 mil	19	227
Você não deveria ver segundo sol	14/05/2018	09:15	157.470 mil	27 mil	771	2.443 mil

Furei a parede do apartamento morando sozinha	19/05/2018	20:59	28.726 mil	5,5 mil	32	432
Resenha base quem disse berenice supermate	23/05/2018	13:40	63.957 mil	10 mil	63	484
Cara gente branca segunda temporada	27/05/2018	19:08	38.206 mil	7,3 mil	149	592
Como fazer caldo de mandioca morando sozinha	01/06/2018	08:15	13.545 mil	3,3 mil	15	433
Homens negros precisam de terapia!	10/06/2018	20:21	55.526 mil	9,2 mil	55	725
Resenha base dailus ultra cobertura? Não!	14/06/2018	07:31	47.773 mil	9 mil	64	646
Uma semana de cabelo crespo realzão	19/06/2018	18:44	433.781 mil	40 mil	536	2.210 mil
Musical dona ivone e beyonce e jay z	24/06/2018	16:43	36.516 mil	7,8 mil	54	665
Livro lindo e aparelho de limpeza facial favoritos de junho	01/07/2018	09:30	19.553 mil	3,9 mil	11	247
Não basta o coração ser bom	03/07/2018	05:24	219.715 mil	38 mil	2,7 mil	3.434 mil
Maquiagem colorida com negra rosa	08/07/2018	14:35	17.487 mil	3,8 mil	27	251
O que não sabemos sobre a amazônia	10/07/2018	18:59	18.016 mil	3,8 mil	22	355
Eu estou em solidão?	12/07/2018	13:11	66.741 mil	12 mil	92	1.114 mil
Como fica o cabelo depois das tranças	17/07/2018	07:01	184.479 mil	15 mil	159	477
O que preciso para fazer um canal no youtube?	20/07/2018	25:37	14.122 mil	3 mil	12	323
Para entendermos nossos pais	24/07/2018	19:42	15.892 mil	3,2 mil	15	245
Base reboco de 20 reais	26/07/2018	12:54	33.885 mil	5,6 mil	41	224
Tour pelo apartamento das plantas	14/08/2018	13:16	58.999 mil	8,9 mil	65	587
Guerreira pra quem?	28/08/2018	04:14	25.053 mil	6,9 mil	60	408
O coletor não quer sair! Primeira vez realzona	30/08/2018	21:07	123.801 mil	15 mil	119	963
De crushiane a desastrada	02/09/2018	06:29	13.039 mil	2,6 mil	23	180
Penteados para cabelos crespos	10/09/2018	08:44	19.695 mil	3,7 mil	37	265

Com o que eu trabalhava antes?	11/09/2018	06:38	12.996 mil	3 mil	16	145
Dor de barriga e tremedeira nunca mais	13/09/2018	06:25	13.875 mil	2,9 mil	12	128
O que achei de felicidade por um fio	25/09/2018	17:30	78.853 mil	12 mil	83	799
Abandonei minha filha e sou gay?	27/09/2018	17:01	47.844 mil	8,7 mil	36	538
Em quem votar?	03/10/2018	05:54	22.971 mil	4,8 mil	226	674
Marcas e projetos sociais?	09/10/2018	03:12	6.758 mil	1,2 mil	9	69
Pra quem ainda consegue ouvir	25/10/2018	13:16	49.722 mil	9,4 mil	376	1.177 mil
Como vocês estão?	08/11/2018	09:49	22.433 mil	5,1 mil	186	476
A danada de 800 reais! Resenha foreo luna mini 2	13/11/2018	11:33	122.887 mil	13 mil	156	870
Minha experiência com a terapia - ansiedade, relacionamentos e crises...	21/11/2018	18:55	26.096 mil	4,9 mil	19	371
A saga do protetor solar! Color dose funciona?	29/11/2018	13:11	29.214 mil	5,2 mil	64	418

Fonte: elaboração própria.

APÊNDICE D – Quadro de observação do canal Ellora Haonne

ELLORA HAONNE: NOVEMBRO/17 A NOVEMBRO/18						
Vídeo	Data	Duração	Visualizações	Likes	Deslikes	Comentários
Bullet journal - como fazer, onde comprar, tour	02/11/2017	08:26	176 935 mil	17 mil	88	370
Vídeo mais importante do canal	06/11/2017	06:25	181 318 mil	30 mil	77	702
Negra vs branca? Feminismo que divide?	09/11/2017	13m	187 228 mil	29 mil	252	914
Não acredito em deus? Respeito e religião	17/11/2017	05:41	117 280 mil	18 mil	457	1. 207 mil
Sexo no primeiro encontro	23/11/2017	9:33	175 514 mil	23 mil	105	723
Pegar caras mais velhos, aceitação e + #asklolly	27/11/2017	6:51	128 028 mil	19 mil	52	325
Tranco ou não a faculdade? Me ajudem!	08/12/2017	9:43	97 109 mil	16 mil	119	1.227 mil

Como é beijar uma garota? - open vergonha	18/12/2017	7:07	607 624 mil	68 mil	403	1.158 mil
Meu pior lado - nunca contei pra ninguém	21/12/2017	5:48	389 909 mil	60 mil	335	1.709 mil
Tour pelo meu corpo - expectativa vs realidade	25/12/2017	6:54	3 912 494 mi	372 mil	4,9 mil	16.309 mil
Lições de 2017 - instinto, expectativa e ser trouxa	02/01/2018	9:46	161 567 mil	31 mil	79	1.153 mil
Mulheres reais para seguir em 2018	04/01/2018	7:30	348 172 mil	59 mil	301	1.448 mil
Metas 2018 desabafo honestão	10/01/2018	8:42	153 228 mil	29 mil	152	1.128 mil
Um dia sem se limpar?????	16/01/2018	4:56	234 579 mil	30 mil	955	843
Gratidão: tudo que você precisa ouvir urgente	18/01/2018	12:20	245 036 mil	40 mil	234	1.392 mil
Surubinha de leve e cultura do estupro - análise	22/01/2018	6:05	390 322 mil	82 mil	1,3 mil	2.114 mil
Trans - perguntas frequentes?	29/01/2018	12:35	102 666 mil	17 mil	161	451
Minha mãe me aceita?	02/02/2018	7:24	362 295 mil	58 mil	218	1.843 mil
Me apaixonei por um fake e isso é um clickbait do bem	06/02/2018	4:49	138 071 mil	23 mil	129	491
Coisas que toda mulher já passou	08/02/2018	11:29	358 987 mil	45 mil	196	749
Sexo pode doer?	12/02/2018	8:15	447 234 mil	69 mil	291	1.700 mil
Homem tem medo de mulher segura?	15/02/2018	8:10	139 456 mil	24 mil	81	532
Traição: fui babaca	19/02/2018	9:31	418 766 mil	62 mil	526	1.258 mil
Não sou o que você espera	22/02/2018	9:48	358 820 mil	53 mil	431	1,576 mil
Balançar a raba sem medo de ser feliz	26/02/2018	5:35	385 973 mil	45 mil	501	894
Quantas pessoas já beijou num dia? - open vergonha	05/03/2018	8:35	183 154 mil	28 mil	178	454
Mulher: como me tornei uma?	08/03/2018	8:42	228 933 mil	51 mil	211	2.069 mil
Profissão youtuber!	12/03/2018	11:59	60 764 mil	10 mil	61	199
Você precisa relaxar de verdade	15/03/2018	7:17	147 791 mil	28 mil	121	645

A negra nunca é primeira opção	20/03/2018	13:06	192 981 mil	29 mil	305	1.629 mil
Esporte não é pra emagrecer	26/03/2018	09:04	39 991 mil	7,9 mil	50	205
Todo mundo tem segredos	29/03/2018	9:06	228 933 mil	26 mil	125	542
Sou uma farsa	02/04/2018	9:06	103 176 mil	20 mil	118	649
Desisti da faculdade? Porque tranquei arquitetura!	05/04/2018	8:21	84 621 mil	13 mil	132	401
Dor no cu - minha experiência	09/04/2018	8:14	346 470 mil	50 mil	465	1.603 mil
Meu irmão é o kylo ren - tag irmãos	12/04/2018	7:11	109 228 mil	20 mil	59	864
Vestibular: tudo que você precisa saber	16/04/2018	8:51	100 082 mil	15 mil	108	449
Terapia: funciona? Como é? Quem precisa?	19/04/2018	8:23	85 008 mil	14 mil	50	458
Desconstruir sem destruir	24/04/2018	10:37	90 343 mil	16 mil	121	690
Nadar pelada e mochilão - open vergonha	27/04/2018	09:39	76 239 mil	12 mil	59	183
Brechó: onde eu compro minhas roupas?	30/04/2018	10:51	137 179 mil	18 mil	143	468
Violência doméstica é crime. Não. Passarão.	04/05/2018	7:13	256 728 mil	60 mil	238	1.590 mil
Saúde mental e eu	07/05/2018	8:47	141 706 mil	27 mil	127	1.079 mil
"Garotas bonitas não comem" Milly, 11 anos	10/05/2018	5:33	203 813 mil	39 mil	98	907
Maior mico da minha vida, lasanha e coco - open vergonha	14/05/2018	6:54	96 960 mil	19 mil	41	475
Sexo para virgens	17/05/2018	9:47	635 216 mil	67 mil	334	1.608 mil
Dinheiro para mulheres	21/05/2018	10:26	56 377 mil	11 mil	67	424
Joguinho é perda de tempo	24/05/2018	10:21	146 648 mil	25 mil	100	705
Pare de se culpar!	28/05/2018	7:09	148 880 mil	28 mil	78	763
Falar é urgente #clubedalutafeminista	01/06/2018	11:30	50 169 mil	8,3 mil	59	237
Seja gentil com você mesma	04/06/2018	9:19	133 698 mil	24 mil	65	609
Quando terminar o namoro?	07/06/2018	10:46	105 113 mil	16 mil	63	560
Mulher trans - como é?	11/06/2018	15:49	270 048 mil	32 mil	367	896

Como ler mais na era do celular	14/06/2018	6:23	52 397 mil	10 mil	73	509
Chega de ser trouxa nessa p*****	18/06/2018	9:45	99 593 mil	15 mil	69	420
Relacionamento aberto	21/06/2018	9:05	532 781 mil	56 mil	3,4 mil	3.178 mil
Chega de vergonha musical e não manjo de cultura pop	25/06/2018	7:50	71 061 mil	14 mil	168	1.914 mil
Bissexual: como é? #orgulhodeser	28/06/2018	10m:5	225 463 mil	31 mil	189	1.782 mil
Minhas raízes	02/07/2018	06:04	45 671 mil	8,1 mil	64	228
Vibradores são amigos	05/07/2018	7:45	409 167 mil	49 mil	520	1.083 mil
Escrevi um livro: por todas nós!	08/07/2018	5:01	67 583 mil	13 mil	109	585
Depressão dos youtubers	12/07/2018	16:18	199 141 mil	35 mil	546	1.606 mil
Organização sem sofrimento!	16/07/2018	11:30	73 083 mil	8,8 mil	37	195
Primeira vez com o mesmo sexo #orgulhodeser	19/07/2018	11:31	503 976 mil	58 mil	521	1.562 mil
Perdoar não é pedir desculpas	23/07/2018	12:53	84 368 mil	15 mil	37	479
Corpo: como perder a vergonha?	26/07/2018	13:58	49 009 mil	8,1 mil	37	325
Medo de ser julgada: o que vão pensar de mim?	02/08/2018	7:50	136 595 mil	29 mil	54	1.238 mil
Quem sofre mais?	06/08/2018	15:17	86 353 mil	14 mil	55	450
Como se prevenir das doenças mais comuns em mulheres	09/08/2018	5:43	60 553 mil	11 mil	27	166
Carta aberta ao meu pai	12/08/2018	4:09	174 597 mil	36 mil	120	753
Aceitação tem limite?	14/08/2018	9:16	181 630 mil	31 mil	150	788
Vitiligo: é doença? Faz mal? Como funciona?	17/08/2018	15:51	87 999 mil	14 mil	44	713
Sororidade (só que pra valer)	20/08/2018	13:36	99 568 mil	20 mil	124	699
Não tenha medo de sentir	23/08/2018	7:37	102 314 mil	20 mil	48	572
Ansiedade: como controlar	27/08/2018	18:40	141 385 mil	24 mil	60	918
O que nunca contei - auto unboxing	30/08/2018	9:15	88 506 mil	13 mil	47	269
Autocuidado com disciplina	03/09/2018	7:51	65 120 mil	13 mil	39	464

Em quem votar: guia para escolher seu candidato 2018	06/09/2018	14:04	558 131 mil	78 mil	1,6 mil	8.711 mil
Suicídio e depressão #setembroamarelo	10/09/2018	15:37	75 746 mil	12 mil	46	563
7 looks de brechó (sim, calça de 2 dol)	13/09/2018	6:11	89 687 mil	15 mil	88	443
Mulheres na arte	17/09/2018	13:16	34 853 mil	5,8 mil	32	187
Tatuagem de linha: dor e significado	20/09/2018	9:58	605 447 mil	63 mil	533	1.103 mil
Crise dos 20 e ainda não sei o que eu quero ser além de feliz	24/09/2018	14:05	61 563 mil	8,8 mil	55	445
Dinheiro na adolescência, independência e esperança	27/07/2018	9:55	89 284 mil	15 mil	42	479
Como discutir política (de forma saudável!)	03/10/2018	6:55	38 446 mil	7,1 mil	58	290
Corpo de praia	04/10/2018	17:39	183 174 mil	26 mil	114	712
Viva o presente	08/10/2018	9:57	237 287 mil	43 mil	18	1.225 mil
Uma lição urgente com fê cortez #menoslixo	11/10/2018	18:28	41 989 mil	8 mil	27	357
Depilação: eu parei?	15/10/2018	9:50	406 262 mil	50 mil	742	2.011 mil
Cabelo: finalização simples para volumão	22/10/2018	7:50	103 739 mil	17 mil	56	435
Essência, masturbação e ele não!!! #asklolly	25/10/2018	6:46	107 306 mil	17 mil	371	732
Indígena no brasil hoje: como é?	30/10/2018	10:57	71 504 mil	14 mil	86	737
E agora? Como ficar bem e ser estratégica politicamente?	01/11/2018	6:22	66 287 mil	11 mil	826	1 mil
Putarias e inseguranças com hawk	05/11/2018	8:45	97 013 mil	14 mil	63	441
Pra ficar bem no enem	08/11/2018	11:52	40 366 mil	7,8 mil	40	371
Fala o que sente: como usar a comunicação não-violenta	13/11/2018	7:38	147 302	28 mil	78	722
Como ser antirracista e compartilhar privilégios	19/11/2018	15:42	56 433 mil	11 mil	115	522
Saúde da preciosa	22/11/2018	3:52	167 701 mil	23 mil	76	440

Isso não é amor: como identificar um relacionamento abusivo	26/11/2018	6m	93 259 mil	19 mil	50	604
A motivação que você precisava: esporte feminino	29/11/2018	15:43	18 970 mil	3,4 mil	14	157

Fonte: elaboração própria.

APÊNDICE E – Quadro de observação do canal JoutJout Prazer

JOUTJOUT PRAZER: NOVEMBRO/17 A NOVEMBRO/18						
Vídeo	Data	Duração	Visualizações	Likes	Deslikes	Comentários
Serei dura hoje	02/11/2017	4:50	273 246 mil	35 mil	157	1 410 mil
Uns troço que me deixam felizinha	09/11/2017	13:40	712 303 mil	59 mil	532	1 882 mil
E a vida se esvai em nossas mãos	14/11/2017	4:59	333 642 mil	43 mil	240	1 392 mil
Cólica menstrual: um tutorial	16/11/2017	9:35	459 640 mil	58 mil	188	2 068 mil
#youtubeblackbrasil eu sou caio franco	20/11/2017	08:01	347 605 mil	44 mil	251	1 577 mil
Karol Conka gosta de cactos e suculentas	21/11/2017	19:54	1 188 763 mil	111 mil	945	5 302 mil
Para não escrever uma carta ridícula	23/11/2017	14:49	291 723 mil	45 mil	271	1 701 mil
Fiz as pazes com o rosa	30/11/2017	6:07	338 505 mil	40 mil	158	1 182 mil
Seu textão não chega onde fátima chega	05/12/2017	6:59	418 947 mil	44 mil	212	1 101 mil
Melhor não	06/12/2017	1:51	142 049 mil	17 mil	106	423
A técnica de caio é melhor	07/12/2017	5:49	699 266 mil	82 mil	339	1 827 mil
Atenção notícia maravilhosa!!!	11/12/2017	2:56	159 667 mil	29 mil	189	1 049 mil
Para repensar o hiv	12/12/2017	13:18	249 382 mil	29 mil	98	704
Não vai ter confete, amigo	14/12/2017	10:49	1 223 228 mil	128 mil	6,1 mil	8 950 mil
Diy: não vejo neve lá fora	19/12/2017	16:55	236 226 mil	29 mil	265	1 186 mil
Sobre ser senhora	21/12/2017	12:42	452 330 mil	37 mil	339	1 522 mil
Para pensar no ano que vem	28/12/2017	6:27	363 449 mil	46 mil	223	834
Este vídeo tem 45 minutos	09/01/2018	45:51	790 860 mil	59 mil	714	4 697 mil

Mc livinho não é firme em suas escolhas	11/01/2017	8:26	1 494 597 mi	143 mil	1,7 mil	4 983 mil
Quer sentir um prazer sensorial muito louco?	16/01/2018	6:07	635 611 mil	71 mil	1,8 mil	5 770 mil
6 toques para um carnaval agradável	17/01/2018	13:43	817 828 mil	121 mil	1,2 mil	3 153 mil
Sexo surpresa nos filmes	18/01/2018	5:08	367 280 mil	42 mil	198	1 902 mil
A mãe do falamansa ficou chateada	23/01/2018	9:14	954 684 mil	102 mil	844	5 377 mil
Então tá, paola, foi ótimo.	25/01/2018	25:34	2 611 200 mi	231 mil	2,6 mil	12 707 mil
Manda você pra gráfica, eu hein	30/01/2018	7:45	520 178 mil	68 mil	517	3 080 mil
Feministas nojentas, dizem...	31/01/2018	8:07	480 612 mil	58 mil	1 mil	2 287 mil
Tudo bem algumas pessoas não gostarem de você	01/02/2018	11:21	1 019 424 mi	123 mil	686	7 076 mil
Martinho já teve todas as mulheres, mas...	06/02/2018	7:26	707 355 mil	81 mil	1 mil	6 519 mil
Quer carnaval confortável, @?	08/02/2018	10:01	532 556 mil	68 mil	464	2 480 mil
Lavar roupa, casa e louça por 4 reais?	15/02/2018	10:45	568 818 mil	70 mil	351	3 590 mil
A falta que a falta faz	20/02/2018	8:43	5 647 022 mi	490 mil	5,5 mil	15 757 mil
Por que estamos preocupados?	22/02/2018	8:46	689 260 mil	102 mil	7 mil	8 217 mil
Oi, novatos, temos cafézinho!	26/02/2018	9:37	359 187 mil	69 mil	138	6 176 mil
Não é frescura. Nem preguiça. É depressão.	27/02/2018	17:10	744 106 mil	86 mil	369	4 216 mil
O pole dance me ensinou	01/03/2018	6:10	415 221 mil	56 mil	202	2 326 mil
Oi, nós transamos! Ass: mulheres	05/03/2018	6:04	530 197 mil	59 mil	811	1 611 mil
Ivete sangalo é adão e você será...	06/03/2018	7:05	648 452 mil	75 mil	789	5 743 mil
Ao invés de uma flor...	08/03/2018	9:14	474 704 mil	64 mil	793	2 616 mil
Tenha. Um diário. Imediatamente.	13/03/2018	10:43	639 034 mil	79 mil	252	4 901 mil
Uma boa opção para piscianas! (para outros signos tbm)	14/03/2018	9:14	293 385 mil	32 mil	185	2 005 mil

Errei, é pós-doutorado em sociologia!	20/03/2018	17:45	428 997 mil	52 mil	206	3 355 mil
Recuperando	22/03/2018	15:40	251 921 mil	33 mil	587	2 529 mil
Pequenas derrotas pessoais, bem-vindas	27/03/2018	11:52	675 354 mil	83 mil	552	3 902 mil
Será que é no Felipe Dylan que vc tem tesão?	30/03/2018	9:50	584 212 mil	73 mil	570	3 940 mil
Que comece a fila	04/04/2018	7:37	358 276 mil	43 mil	317	1 814 mil
Organize sua esperança	10/04/2018	19:56	330 549 mil	54 mil	478	2 804 mil
Vai que é urticária...	11/04/2018	13:51	192 441 mil	20 mil	148	1 282 mil
Sobre a expansão do nada	12/04/2018	13:39	283 174 mil	44 mil	203	2 968 mil
Mc don juan todo trabalhado no karma	17/04/2018	12:18	797 767 mil	94 mil	810	4 291 mil
A problematização que atrapalha	19/04/2018	21:51	370 192 mil	46 mil	519	3 468 mil
Carteado pós-praia: cuidado!!!	24/04/2018	6:44	284 886 mil	33 mil	175	2 247 mil
Já que vai transar	03/05/2018	7:49	782 509 mil	84 mil	1,1 mil	3 621 mil
A difícil busca	04/05/2018	3:31	160 456 mil	28 mil	128	1 175 mil
Tá se sentindo mais seguro?	08/05/2018	29:17	380 116 mil	46 mil	917	2 775 mil
Nesse dia das mães, vamos protegê-las	10/05/2018	6:41	348 007 mil	42 mil	261	1 893 mil
Para lacrar como uma menina de 6 anos	15/05/2018	5:40	513 385 mil	75 mil	305	2 367 mil
Jota quest passaram a perna em nós	17/05/2018	10:26	595 301 mil	61 mil	819	4 299 mil
Basta!!!!	22/05/2018	4:45	316 938 mil	39 mil	1,6 mil	2 896 mil
Olá, profissional, como é sua segunda-feira?	24/05/2018	7:56	476 856 mil	56 mil	323	3 584 mil
Seu ouvido tem um tempo?	29/05/2018	7:15	488 481 mil	57 mil	265	2 788 mil
Precisamos eternizar o new wave	31/05/2018	6:36	270 016 mil	34 mil	388	2 516 mil
Pra deixar os lugar tudo delícia	05/06/2018	4:42	317 073 mil	46 mil	234	1 721 mil
Jogos universitários: olha no que deu	07/06/2018	12m	712 597 mil	105 mil	852	6 048 mil
Diva dos namorados	12/06/2018	15:45	691 849 mil	95 mil	434	4 267 mil
Tá difícil sair com os carinha?	14/06/2018	7:57	714 774 mil	86 mil	1 mil	5 197 mil
Qual a graça de não ter um furinho na manta?	19/06/2018	7:38	326 623 mil	45 mil	203	2 800 mil

Tem um minuto pra palavra do feminismo?	21/06/2018	12:26	429 218 mil	58 mil	1,1 mil	2 367 mil
Cadê o dinheiro que tava aqui?	25/06/2018	2:34	220 696 mil	33 mil	225	2 008 mil
Tá, mas como faz isso de se amar?	26/06/2018	11:34	1 010 844 mil	124 mil	558	4 592 mil
A gente tá muito conectado que nervoso	28/06/2018	5:44	355 089 mil	52 mil	233	2 262 mil
Horinhas de descuido	03/07/2018	6:05	351 096 mil	47 mil	130	1 877 mil
Neymar e o lobo	05/07/2018	4:56	343 830 mil	51 mil	382	1 368 mil
Eeeeeeee errinhos!	10/07/2018	7:09	607 493 mil	82 mil	306	2 520 mil
Mas é comigo que cê ta chateada?	12/07/2018	5:15	525 595 mil	72 mil	317	3 452 mil
Venha organizar sua mente vc tbm!	17/07/2018	13:14	387 687 mil	42 mil	494	2 276 mil
45 anos? Conta mais!	19/07/2018	12:51	410 382 mil	46 mil	335	2 919 mil
Pra você que ama seu piru	24/07/2018	14:52	433 805 mil	65 mil	484	2 879 mil
"ah, ele é advogado..."	26/07/2018	4:56	479 065 mil	54 mil	754	1 786 mil
Eu não preciso disso	31/07/2018	4:59	861 631 mil	105 mil	3,2 mil	5 681 mil
Pra não desfazer amizade sem necessidade	02/08/2018	4:59	446 608 mil	66 mil	187	1 812 mil
#1 política se discute, sim, vó!	06/08/2018	13:24	793 810 mil	124 mil	1,4 mil	6 753 mil
Henrique e juliano estavam de brinks	07/08/2018	8:23	639 924 mil	83 mil	1,8 mil	4 709 mil
#2 nossa democracia tá toda cagada	13/08/2018	17:21	453 555 mil	73 mil	782	3 517 mil
Chega a endireitar a coluna	14/08/2018	5:26	323 854 mil	46 mil	375	1 638 mil
#3 como faz pra participar disso aí?	20/08/2018	12:41	300 459 mil	41 mil	194	1 120 mil
O sininho da sororidade	21/08/2018	19:02	391 053 mil	54 mil	441	2 736 mil
Solidão é fera, solidão devora	23/08/2018	12:07	813 824 mil	96 mil	765	5 167 mil
#4 voto, pra quê te quero	27/08/2018	10:29	247 891 mil	32 mil	158	1 003 mil
Acordamos jessica ao meio dia	28/08/2018	10:53	388 184 mil	52 mil	235	3 030 mil
Interessada em uma bússola?	30/08/2018	6:07	245 391 mil	34 mil	131	1 432 mil
Ai que ousada ela tomando vinho	31/08/2018	6:12	304 425 mil	45 mil	179	2 352 mil

#5 chato pra c*r*lho	03/09/2018	17:02	190 605 mil	25 mil	99	699
Pescaria	04/09/2018	16:06	189 636 mil	30 mil	285	1 559 mil
Como que comemora dia do sexo?	06/09/2018	33:44	412 214 mil	43 mil	325	2 210 mil
#6 pra onde vai meu voto?	10/09/2018	17:37	201 578 mil	23 mil	217	882
Olhos nos olhos	11/09/2018	8:07	380 709 mil	45 mil	251	1 371 mil
Caetano acha muitas coisas de bethânia	13/09/2018	11:33	324 992 mil	33 mil	555	2 540 mil
Tomara que seja para sempre	18/09/2018	8:49	752 367 mil	106 mil	499	3 948 mil
Não me chama que eu não vou	20/09/2018	9:12	289 375 mil	36 mil	259	2 101 mil
#7 prestar atenção no legislativo imediatamente agora rápido urgente	24/09/2018	12:14	133 347 mil	18 mil	102	595
Evocêquismo	27/09/2018	7:17	260 044 mil	32 mil	132	923
Hora da leitura	28/09/2018	20:11	269 633 mil	42 mil	161	2 251 mil
#8 nossa cara lá dentro	01/10/2018	9:26	161 376 mil	22 mil	195	995
Gaby amarantos prefere cadernos com pauta	02/10/2018	30:58	233 557 mil	28 mil	262	1 956 mil
Políticos políticos: marcia lucena	16/10/2018	44:55	332 557 mil	45 mil	1,2 mil	5 459 mil
Premissas básicas primeiras	18/10/2018	7:38	302 169 mil	37 mil	266	1 384 mil
#9 não vai dar pra passar o bastão agora	22/10/2018	7:33	263 649 mil	41 mil	8,5 mil	5 781 mil
10 quem tem medo da polarização	27/10/2018	8:26	150 310 mil	23 mil	1,5 mil	1 775 mil
Para descarregar	06/11/2018	10:02	255 224 mil	40 mil	823	2 429 mil
Piru grande, um relato	08/11/2018	7:53	405 523 mil	56 mil	377	2 787 mil
Escorada na mesa de animação	12/11/2018	11:41	164 505 mil	21 mil	241	541
Diz que homem não chora tá bom flw	13/11/2018	25:53	298 437 mil	35 mil	194	1 760 mil
Mira. Arregaça. Balança. (ou não)	15/11/2018	14:01	229 685 mil	29 mil	234	1 640 mil
Homem, você conversa?	22/11/2018	29:40	281 004 mil	30 mil	532	1 970 mil
Um balde de diarreia derramado	27/11/2018	13:14	186 634 mil	21 mil	192	868
O pai que o igor precisa	29/11/2018	31:36	264 155 mil	33 mil	273	2 226 mil

Fonte: elaboração própria.

APÊNDICE F – Quadro de observação do canal Rayza Nicácio

RAYZA NICÁCIO: NOVEMBRO/17 A NOVEMBRO/18						
Vídeo	Data	Duração	Visualizações	Likes	Deslikes	Comentários
Assumi meu cabelo cacheado por amor...	02/11/2017	13:19	177 005 mil	23 mil	123 mil	1 250 mil
Comprinhas incríveis! Black november da zattini	06/11/2017	09:34	67 641 mil	7,7 mil	265	340
10 looks incríveis pra você se inspirar	16/11/2017	03:56	112 755 mil	14 mil	287	526
Meus 10 filmes favoritos (sem spoilers)	04/12/2017	07:41	34 233 mil	5,6 mil	114	291
Por favor, não se odeie	08/12/2017	07:33	139 328 mil	20 mil	351	810
Não tô bem com esses eletrodomésticos	11/12/2017	11:16	56 235 mil	7,1 mil	179	194
Recebidos muito acumulados parte 2	17/12/2017	23:28	56 544 mil	6,4 mil	188	230
Meus cuidados com a pele + produtos favoritos	18/12/2017	07:46	110 592 mil	12 mil	294	341
Desmascarando as Kardashians □ 10 aplicativos de edição	21/12/2017	06:55	82 017 mil	9,4 mil	256	326
Um ano lindo e momentos incríveis!	28/12/2017	05:11	33 229 mil	4,8 mil	103	187
O pior e o melhor ano da minha vida	31/12/2017	02:51	105 078 mil	16 mil	144	288
Primeiro low poo de seda	05/01/2018	03:42	64 787 mil	8,6 mil	160	479
10 dicas que podem mudar 2018! Primeiro vídeo do ano	09/01/2018	09:42	176 696 mil	28 mil	276	1 281 mil
Fitagem esticadinha! Melhor finalização que fiz na vida	11/01/2018	06:29	826 831 mil	111 mil	960	3 255 mil
Um amor careca ou barrigudinho? #rayresponde	16/01/2018	10:15	242 359 mil	36 mil	565	966
Reagindo a meninas imitando minha finalização	18/01/2018	11:38	154 263 mil	19 mil	251	897
O vídeo mais sincero desse canal...	23/01/2018	05:42	451 895 mil	60 mil	682	3 605 mil
15 perguntas que mais perguntam... #faq	26/01/2018	08:27	206 618 mil	29 mil	321	941

Me inspirei em guerreiras africanas e olha no que deu! #vidalongaorei	28/01/2018	04:36	146 091 mil	25 mil	558	1 311 mil
10 dicas que podem mudar o seu jeito de comprar roupa	30/01/2018	06:54	305 028 mil	47 mil	326	1 334 mil
Cuidado, tpm alert! arrume-se comigo	01/02/2018	10:05	161 579 mil	27 mil	311	1 458 mil
Quando foi meu primeiro beijo? Irmão x melhor amiga	05/02/2018	11:28	129 954 mil	24 mil	293	708
O segredo do meu cabelo de ladinho!	08/02/2018	05:46	363 023 mil	45 mil	437	1 400 mil
O que eu faço quando ninguém está olhando... Someone like you	11/02/2018	04:40	142 727 mil	23 mil	939	2 581 mil
Último tour pelo apartamento antes de ficar pronto #02	15/02/2018	07:32	159 695 mil	21 mil	233	531
Fitagem esticadinha em cabelo ondulado, funciona? □ tipo 2b	19/02/2018	05:48	286 448 mil	30 mil	389	1 056 mil
Vamos falar sobre peitos, inclusive os da bruna marquezine...	22/02/2018	05:55	269 143 mil	38 mil	407	1 220 mil
Rotina, academia e momento lindo com taís Araújo	26/02/2018	12:31	149 895 mil	21 mil	512	1 409 mil
Se você pudesse falar com deus... Um #rayresponde diferente	01/03/2018	11:41	86 733 mil	15 mil	253	554
Revelando o segredo das minhas unhas	12/03/2018	05:16	85 683 mil	15 mil	221	393
10 motivos pra não desistir da transição	15/03/2018	07:12	620 685 mil	62 mil	544	3 349 mil
Você é um deus	19/03/2018	10:51	105 477 mil	21 mil	698	2 144 mil
Girls! Um vlog muito, muito íntimo	22/03/2018	06:04	91 551 mil	16 mil	193	604
10 dicas pra ficar com a cara da riqueza	26/03/2018	05:58	176 587 mil	26 mil	707	702
Makeup no makeup tutorial	30/03/2018	03:22	98 313 mil	13 mil	450	423

Torturas psicológicas que sofri quando era criança	08/04/2018	08:53	343 681 mil	40 mil	627	2 503 mil
Finalizei o cabelo liso da minha secrets, será que eu ainda lembro? rayza nicácio	12/04/2018	10:07	592 676 mil	45 mil	972	824
Dicas infalíveis que fizeram meu cabelo crescer muito	17/04/2018	04:21	336 408 mil	44 mil	404	911
5 dicas infalíveis para hidratar o seu cabelo	23/04/2018	04:49	138 562 mil	22 mil	190	1 418 mil
Me inspirei na beyoncé - box braids	27/04/2018	07:03	282 154 mil	30 mil	659	1 760 mil
Acabou o suspense	29/04/2018	02:47	476 646 mil	66 mil	1,9 mil	5 154 mil
O que eu seria...	08/05/2018	05:22	82 801 mil	14 mil	328	506
Tudo sobre #sedabyrayza: criação e resenha	10/05/2018	11:28	144 954 mil	22 mil	238	1 546 mil
Finalizei o cabelo da minha mãe com fitagem esticadinha!	14/04/2018	07:00	93 435 mil	14 mil	128	474
Penteado rápido e lindo pra cabelo cacheado	17/05/2018	04:04	170 009 mil	28 mil	262	1 039 mil
Revelando a caixa preta! #issomudatudo	22/05/2018	14:31	74 998 mil	9,9 mil	193	388
O que mudou por aqui?	28/05/2018	10:45	225 782 mil	22 mil	421	570
Por que eu fiz relaxamento no cabelo	01/06/2018	07:29	237 735 mil	24 mil	477	789
Playlist de bom dia! Músicas favoritas do momento	03/06/2018	11:56	155 788 mil	28 mil	774	1 952 mil
Fitagem esticadinha com #sedabyrayza + lavagem	07/06/2018	05:47	208 716 mil	26 mil	313	961
Religião, filosofia de vida e deus	10/06/2018	08:11	102 593 mil	15 mil	472	916
5 dicas de como usar óleo de coco	15/06/2018	04:55	179 523 mil	22 mil	269	921
Se enxerga	18/06/2018	02:29	123 358 mil	22 mil	266	770
Meus planos para os 30 anos	28/06/2018	06:21	123 335 mil	14 mil	813	546
O cabelo da pata em chiquititas! Aretha oliveira	07/07/2018	08:14	68 095 mil	9 mil	98	309
Primeira vez de executiva	05/07/2018	10:04	58 539 mil	7,9 mil	146	431

Niina secrets responde...	08/07/2018	12:21	66 208 mil	9,5 mil	138	406
Primeira vez de trem e em liverpool!	13/07/2018	09:02	35 460 mil	4,7 mil	79	166
Reagindo ao comercial de seda by rayza!	17/07/2018	09:29	304 983 mil	39 mil	653	2 371 mil
O vlog mais legal, lindo e marcante do canal... Até hoje	20/07/2018	15:07	67 262 mil	8,6 mil	118	317
Respondendo comentários bizarros do youtube	23/07/2018	10:12	154 870 mil	21 mil	956	1 628 mil
Descolori meu cabelo (quase) todo!	26/07/2018	06:12	209 731 mil	25 mil	629	1 228 mil
Recomeços	29/07/2018	05:07	147 596 mil	29 mil	453	2 016 mil
Último tour pelo apartamento, o que mudou #rayzahome	02/08/2018	15:18	355 017 mil	32 mil	595	894
Tour pela casa nova #rayzahome	05/08/2018	11:49	383 781 mil	45 mil	571	2 096 mil
Pele perfeita e contorno com lancôme	09/08/2018	03:47	60 031 mil	9,1 mil	234	366
Descolorir o cabelo resseca? Já adianto que sim!	12/08/2018	07:15	97 944 mil	12 mil	281	670
Nunca te contei...	16/08/2018	16:33	176 482 mil	20 mil	394	813
Onde vai ficar o que? Ft. Doma arquitetura	19/08/2018	21:16	164 483 mil	16 mil	197	470
Porque comigo? Como superar um término...	23/08/2018	10:07	338 153 mil	43 mil	836	1 871 mil
Meus produtos favoritos do momento	26/08/2018	06:06	72 560 mil	9,5 mil	305	388
No silêncio (cover, ou quase)	26/08/2018	05:04	83 565 mil	12 mil	242	674
Fazendo a mala, make e viagem	30/08/2018	06:17	49 148 mil	7,7 mil	140	220
Nossa relação de irmãos	03/09/2018	11:45	43 887 mil	7,4 mil	75	306
Aconteceu comigo...	06/09/2018	07:01	102 934 mil	20 mil	483	1 097 mil
Transformei a renata meins em mim!	13/09/2018	06:35	148 823 mil	22 mil	289	1 142 mil
Compras para a casa nova: ikea, target, t.j. maxx...	17/09/2018	08:56	77 298 mil	10 mil	293	437

Eu não sabia que iria ganhar dinheiro...	20/09/2018	06:08	44 525 mil	6,1 mil	102	281
Não é só sobre cabelo... Nunca é. Felicidade por um fio	26/09/2018	15:21	185 378 mil	23 mil	298	1 109 mil
Eliminei 10kg e várias outras coisas...	02/10/2018	07:47	127 397 mil	15 mil	252	571
E quando o boy magia é sem personalidade? #rayresponde	11/10/2018	08:41	183 245 mil	21 mil	665	541
Um assunto sério, sobre você	16/10/2018	02:42	26 070 mil	3,7 mil	45	93
Diário da obra: começou! Demolir, construir e 3d	25/10/2018	11:19	145 089 mil	15 mil	204	337
Box braids: dói? Pesa? E a lavagem? Assista antes de fazer	01/11/2018	09:54	181 902 mil	16 mil	317	1 258 mil
Como fazer: super coque com box braids	04/11/2018	03:08	44 194 mil	5,3 mil	151	188
Guia sobre cílios: extensão, postiços, máscaras favoritas, curvéx...	08/11/2018	11:09	44 200 mil	6,4 mil	103	255
Iza é: pastora do pop	11/11/2018	14:07	127 146 mil	17 mil	488	874
A menina do cabelo cacheado	15/11/2018	06:16	88 436 mil	14 mil	239	694
Diário da obra: tudo integrado, revestimentos e emoção...	19/11/2018	14:32	163 148 mil	17 mil	243	574
6 dicas de como usar óleo de coco (além do cabelo!)	22/11/2018	05:40	48 009 mil	8,3 mil	143	292

Fonte: elaboração própria.